

O contrato de casamento

Honoré de Balzac

I – O PRÓ E O CONTRA

O sr. de Manerville pai era um bom fidalgo normando muito conhecido do marechal de Richelieu, que lhe fez desposar uma das mais ricas herdeiras de Bordeaux na época em que o velho duque lá esteve imperando na qualidade de governador da Guiana. O normando vendeu as terras que possuía em Bessin e se fez gascão, seduzido pela beleza do castelo de Lanstrac, deliciosa vivenda que pertencia à sua esposa. Nos últimos dias de reinado de Luís xv, ele comprou o cargo de major dos Guardas da Porta e viveu até 1813, após ter atravessado, com grande felicidade, a Revolução. Eis como isso aconteceu. Lá pelo fim do ano de 1790, ele foi à Martinica, onde sua esposa tinha interesses e confiou a gestão de seus bens na Gasconha a um honesto ajudante de tabelião, chamado Mathias, que então se inclinava para as ideias novas. Em seu regresso, o conde de Manerville encontrou suas propriedades intatas e proveitosamente administradas. Essa habilidade era um fruto produzido pelo enxerto do gascão no normando. A sra. de Manerville morreu em 1810. Instruído sobre a importância do dinheiro pelas dissipações de sua juventude e, como muitos velhos, dando aos interesses materiais um lugar superior ao que realmente têm na vida, o sr. de Manerville tornou-se progressivamente econômico, mesquinho e avarento. Sem suspeitar que a avareza dos pais prepara a prodigalidade dos filhos, não deu quase nada a seu filho, embora fosse filho único.

Paulo de Manerville, que no fim do ano de 1810 voltou do colégio de Vendôme, permaneceu sob o domínio paterno durante três anos. A tirania exercida sobre o herdeiro por um ancião de setenta e nove anos influiu necessariamente sobre um coração e um caráter que ainda não estavam formados. Sem que lhe faltasse essa coragem física que parece andar espalhada pela atmosfera da Gasconha, Paulo não ousou lutar contra seu pai e perdeu essa faculdade de resistência fornecida pela coragem moral. Seus sentimentos recalçados penetraram profundamente em seu coração, onde ele os conservou por muito tempo sem os exprimir; e mais tarde, ao vê-los em desacordo com as máximas do mundo, foi levado a pensar bem e agir mal. Era capaz de bater-se por causa duma palavra e

tremia à ideia de despedir um criado, pois tornava-se tímido nos combates que exigem uma vontade constante. Capaz de grandes coisas para fugir à perseguição, não teria ânimo para preveni-la por uma oposição sistemática nem para enfrentá-la por um contínuo desenvolvimento de suas forças. Covarde em pensamento, audacioso em ações, conservou por muito tempo a secreta candidez que faz do homem a vítima e o joguete voluntário de coisas contra as quais certas almas hesitam em insurgir-se, preferindo suportá-las a queixar-se delas. Vivia encarcerado no velho palácio do pai, pois não tinha dinheiro suficiente para gastar com os rapazes da cidade, invejava suas diversões sem poder participar delas. O velho fidalgo o levava todas as noites numa velha carruagem puxada por dois velhos cavalos mal atrelados, acompanhado de seus velhos lacaios malvestidos, a uma sociedade realista composta dos restos da nobreza parlamentar e da nobreza militar. Reunidas depois da Revolução para resistir à influência imperial, essas duas nobrezas se haviam transformado numa aristocracia territorial. Esmagado pelas grandes e movediças fortunas das cidades marítimas, esse Faubourg Saint-Germain de Bordeaux respondia com o desdém ao fausto que ostentavam então o comércio, as administrações e os militares. Demasiado jovem para compreender as distinções sociais e as necessidades ocultas sob a aparente vaidade que elas criam, Paulo entediava-se no meio dessas antiguidades, ignorando que mais tarde suas relações da juventude lhe assegurariam essa proeminência aristocrática de que a França sempre há de gostar. Encontrava leves compensações à insipidez desses serões em alguns exercícios agradáveis aos jovens, que seu pai lhe impunha. Para o velho fidalgo, saber manejar as armas, ser excelente cavaleiro, jogar a pela, adquirir boas maneiras, isto é, a frívola instrução dos senhores de outrora bastava à formação dum rapaz. Todas as manhãs, pois, Paulo exercitava-se na esgrima, comparecia ao picadeiro, atirava de pistola. O resto do tempo, ele o empregava em ler romances, pois o pai não admitia os estudos transcendentais com que atualmente se completa a educação. Tão monótona existência teria morto o rapaz, se a morte do pai não o tivesse libertado dessa tirania no momento em que ela se tornara insuportável. Paulo viu-se na posse de capitais consideráveis acumulados pela avareza paterna e de imóveis situados na melhor posição do mundo; tinha, porém, horror de Bordeaux e também não gostava de Lanstrac, onde seu pai passava os verões e o levava à caça da manhã à noite.

Logo que os assuntos relativos à herança foram resolvidos, o jovem herdeiro,

ávido de prazeres, comprou títulos de renda com seus capitais, confiou a gestão de seus domínios ao velho Mathias, o tabelião de seu pai, e passou seis anos longe de Bordeaux. Começando como adido à embaixada de Nápoles, foi, mais tarde, como secretário, a Madri e a Londres, e fez, assim, a volta da Europa. Após ter conhecido o mundo, após ter-se desfeito de muitas ilusões, após ter dissipado o capital líquido que o pai acumulara, Paulo chegou a um ponto em que, para continuar seu modo de vida, teve de lançar mão dos rendimentos territoriais que o tabelião fora acumulando para ele. Nessa crítica situação, assaltado por uma dessas ideias que passam por sensatas, ele quis deixar Paris, voltar para Bordeaux, dirigir seus negócios, levar uma vida de fidalgo em Lanstrac, melhorar suas propriedades, casar-se e chegar a ser um dia deputado. Paulo era conde, a nobreza voltara a ser um valor matrimonial, e ele podia e devia fazer um bom casamento. Se muitas mulheres desejam desposar um título, maior ainda é o número das que querem um homem que conheça perfeitamente a vida. Ora, Paulo adquirira por uma soma de setecentos mil francos, gasta em seis anos, esse cargo que não se vende e que vale mais que um cargo de agente de câmbio; que também exige longos estudos, um estágio, exames, conhecimentos, amigos, inimigos, uma certa elegância de porte, certas maneiras, um nome fácil e gracioso de pronunciar; um cargo que, além disso, proporciona boas fortunas, duelos, apostas perdidas nas corridas, decepções, aborrecimentos, trabalhos e obrigações a prazeres indigestos. Ele era, enfim, um homem elegante. Apesar de seus gastos desatinados, não pudera tornar-se um homem da moda. No burlesco exército da gente da sociedade, o homem da moda representa o marechal da França e o homem elegante equivale a um tenente-general. Paulo desfrutava sua pequena reputação de elegância e sabia mantê-la. Seus criados tinham maneiras excelentes, suas equipagens eram citadas, suas ceias alcançavam certo êxito, sua moradia de rapaz, enfim, contava-se entre as sete ou oito cujo fausto igualava o das melhores casas de Paris. Mas ele não fizera a desgraça de nenhuma mulher, jogava sem perder, era feliz sem ostentação, tinha demasiada probidade para enganar quem quer que fosse, mesmo uma rapariga fácil; não deixava que lhe tirassem das mãos seus bilhetes de namorado, nem tinha um cofre de cartas de amor no qual os amigos pudessem bisbilhotar enquanto esperavam que ele pusesse o colarinho ou fizesse a barba; além disso, como não queria arriscar suas propriedades da Guiana, não tinha essa temeridade que sugere grandes golpes e atrai a todo custo a atenção sobre um rapaz; não pedia dinheiro

emprestado a ninguém e cometia a tolice de emprestar dinheiro a amigos que o abandonavam e não falavam mais dele, nem bem, nem mal. Parecia manter uma escrita do que gastava em suas diversões de rapaz. O segredo de sua dignidade residia na tirania paterna, que fizera dele como que um mestiço social. Certa manhã, ele disse a um amigo, chamado de Marsay, que mais tarde se tornou ilustre:

— Meu caro amigo, a vida tem um sentido.

— É preciso ter chegado aos vinte e sete anos para percebê-lo — respondeu de Marsay, gracejando.

— Sim, tenho vinte e sete anos e, precisamente por causa dos meus vinte e sete anos, quero ir viver em Lanstrac como fidalgo. Morarei em Bordeaux, no velho palácio de meu pai, para onde transportarei meu mobiliário de Paris, e virei passar três meses do inverno aqui, nesta casa, que conservarei.

— E te casarás?

— E me casarei.

— Sabes que sou teu amigo, meu bom Paulo — disse de Marsay, após um momento de silêncio. — Pois bem, faze-te bom pai e bom esposo e te tornarás ridículo para o resto dos teus dias. Se pudesses ser feliz e ridículo, a coisa ainda podia ser tomada em consideração; mas não serás feliz. Não tens o pulso bastante forte para governar um lar. Faço-te justiça: és um perfeito cavaleiro; porque ninguém te vence na arte de manejar as rédeas, conduzir o cavalo com garbo e manter-se firme sobre a sela. Mas, meu caro, o casamento é uma marcha diferente. Vejo-te daqui, conduzido às pressas pela sra. condessa de Manerville, tendo de andar, contra tua vontade, mais a galope do que a trote, e logo estarás no chão...! sim, e de maneira a ficares imóvel numa valeta, com as pernas quebradas. Escuta. Restam-te quarenta e tantos mil francos de renda em propriedades no departamento da Gironde. Pois bem. Leva teus cavalos e teus criados, mobília teu palácio em Bordeaux, serás o rei de Bordeaux, lá promulgarás sentenças que levaremos a Paris, serás o correspondente de nossas estupidezes. Muito bem. Faze loucuras na província, comete tolices mesmo. Tanto melhor! Talvez alcances a celebridade. Mas... não te cases. Quem se casa atualmente? Comerciantes, no interesse de seu capital ou para serem dois a empurrar o arado; agentes de câmbio ou tabeliães obrigados a pagar seus cargos; infelizes reis que continuam infelizes dinastias. Somos os únicos livres da carga e então tu vais meter os arreios nas

costas? Enfim, por que te vais casar? Deves conta de tuas razões ao teu melhor amigo. Em primeiro lugar, mesmo que desposasses uma herdeira tão rica como tu, oitenta mil francos de renda para dois não são a mesma coisa que quarenta mil francos de renda para um, porque logo passam a ser três, e mesmo quatro, se nasce um filho. Terás acaso amor a essa idiota raça dos Manerville, que só te dará desgostos? Ignoras então o ofício de pai e mãe? O casamento, meu caro Paulo, é a mais tola das imolações sociais; nossos filhos são os únicos que aproveitam e só ficam conhecendo seu valor no momento em que seus cavalos pastam as flores que nascem sobre os nossos túmulos. Tens saudade de teu pai, esse tirano que desolou tua juventude? Como farás para que teus filhos te amem? Tuas precauções para sua educação, teus cuidados com sua felicidade, tuas severidades necessárias os desafeiçoarão. Os filhos gostam dum pai pródigo ou fraco a quem desprezarão mais tarde. Ficarás, pois, entre o temor e o desprezo. Não é bom pai de família quem quer! Corre o olhar pelos nossos amigos e dize a quais deles quererias para filhos! Conhecemos muitos que desonrariam seu nome. Os filhos, meu caro, são mercadorias muito difíceis de vigiar. Os teus serão anjos, vá lá! Já sondaste alguma vez o abismo que separa a vida de solteiro da vida de casado? Escuta. Solteiro, podes dizer-te: “Terei apenas a dose de ridículo que quiser, o público só pensará de mim o que lhe permitir que pense”. Casado, caís no infinito do ridículo! Solteiro, escolhes teus prazeres, toma-os hoje, deixa-os amanhã; casado, terás de aceitá-los tais como forem e, justamente no dia em que os quiseres, terás de privar-te deles. Casado, tornas-te pateta, calculas dotes, falas de moral pública e religiosa, achas os rapazes imorais, perigosos; ficarás, enfim, um verdadeiro acadêmico social. Causas-me compaixão. O solteirão de quem se aguarda a herança e que se defende, nos últimos momentos, contra uma velha enfermeira a quem pede inutilmente que lhe dê de beber é um indivíduo feliz comparado ao homem casado. Não te falo de tudo quanto pode surgir de inquietante, de entediante, de irritante, de tiranizante, de contrariante, de maçante, de idiotizante, de narcotizante e de paralisante na luta de duas criaturas que vivem sempre uma diante da outra, unidas para sempre, e que se enganaram mutuamente acreditando que se dariam bem; não, isso seria repetir a sátira de Boileau, _ _ _ que sabemos de cor. Eu te perdoaria tua ridícula ideia se me prometesses casar-te como um fidalgo, instituir um morgadio com tua fortuna, aproveitar a lua de mel para ter dois filhos legítimos, dar a tua esposa uma casa montada, separada da tua, não encontrá-la senão na sociedade e nunca voltar de

viagem sem fazer-te anunciar pelo correio. Duzentos mil francos de renda são suficientes para uma vida assim, e teus antecedentes te permitem consegui-la por meio duma inglesa rica, ávida dum título. Ah! Essa vida aristocrática me parece verdadeiramente francesa, a única grandiosa, a única que nos proporciona o respeito, a amizade duma mulher, a única que nos distingue da massa atual, a única, enfim, pela qual um rapaz pode deixar a vida de solteiro. Nessas condições, o conde de Manerville dá conselhos à sua época, coloca-se acima de tudo e não pode deixar de ser ministro ou embaixador. O ridículo nunca o atingirá, pois ele conquistou as vantagens sociais do casamento e conserva os privilégios da vida de solteiro.

— Mas, meu bom amigo, eu não sou de Marsay; sou simplesmente, como me deste a honra de dizer, Paulo de Manerville, bom pai e bom esposo, deputado do centro e talvez par da França, um destino imensamente medíocre; mas sou modesto e me resigno.

— E tua mulher — perguntou o implacável de Marsay — também se resignará?

— Minha mulher, meu caro, fará o que eu quiser.

— Ah, meu pobre amigo, ainda acreditas nisso? Adeus, Paulo. De hoje em diante, recuso-te minha estima. Só uma palavra mais, pois não posso subscrever friamente tua abdicação. Vê onde reside a força da nossa situação. Mesmo que um rapaz não tenha mais que seis mil francos de renda e não lhe reste como toda fortuna mais que sua reputação de elegância, que a recordação de seus triunfos... pois bem, esse espectro ainda encerra enormes valores. A vida ainda oferece possibilidades a esse rapaz desbotado. Sim, suas pretensões podem abranger tudo. Mas o casamento, Paulo, é o *não irás mais longe* social. Casando, não poderás ser mais do que o que fores, a menos que tua mulher tenha a bondade de ocupar-se de ti.

— Mas — disse Paulo — estás sempre a esmagar-me sob teorias excepcionais! Estou cansado de viver para os outros, de ter cavalos para mostrá-los, de agir exclusivamente tendo em vista o que hão de dizer, de pôr meu dinheiro fora para evitar que os tolos exclamem: “Olha, Paulo continua com a mesma carruagem. Onde está sua fortuna? Será que ele a põe fora? Ele joga na bolsa?” — “Não, ele é milionário. A sra. fulana de tal está louca por ele. Ele mandou vir da Inglaterra uma parelha de cavalos que é, sem dúvida, a mais linda de Paris. Foram muito notadas em Longchamps as caleças de quatro cavalos dos srs. de Marsay e de Manerville, estavam atreladas com perfeição.” Uma infinidade de tolices, enfim, com que uma

massa de imbecis nos guia. Começo a perceber que esta vida, em que a gente anda empurrada em vez de caminhar, nos consome e nos envelhece. Acredita-me, meu caro Henrique, admiro teu poderio, mas não o invejo. Sabes julgar tudo, podes agir e pensar como um homem de Estado, podes colocar-te acima das leis gerais, das ideias aceitas, dos preconceitos admitidos, das conveniências adotadas; gozas, enfim, os benefícios duma situação da qual eu só colheria os prejuízos. Tuas deduções frias, sistemáticas, reais, talvez sejam, aos olhos da massa, imoralidades pavorosas. Quanto a mim, pertenço à massa. Tenho de jogar o jogo segundo as regras da sociedade na qual sou obrigado a viver. Mesmo quando te colocas no cimo das coisas humanas, ainda encontras afeições nesses picos de gelo; e eu lá me enregelaria. A vida desta maioria a que eu burguesamente pertenço se compõe de emoções de que preciso agora. Muitas vezes um homem feliz nos amores faz a corte a dez mulheres e não possui nenhuma delas; pois quaisquer que sejam sua força, sua habilidade, seu traquejo social, sucedem crises nas quais ele se sente como esmagado entre duas portas. Eu, por exemplo, gosto dessa constante e doce volubilidade da vida e quero essa boa existência em que a gente encontra sempre uma mulher a seu lado.

— O casamento é um tanto arriscado! — exclamou de Marsay.

Paulo não se perturbou e continuou:

— Podes rir, se quiseses; mas eu me sentirei o homem mais feliz do mundo quando meu criado vier dizer-me: “A senhora espera o senhor para almoçar”; quando eu puder, à noite, ao voltar para casa, encontrar um coração...

— Cada vez mais arriscado, Paulo! Ainda não tens moralidade suficiente para te casares.

— ... um coração ao qual contar meus negócios e confiar meus segredos. Quero viver muito intimamente com uma criatura para que nossa afeição não dependa dum sim ou dum não, duma situação na qual mesmo o homem mais belo causa desilusões ao amor. Tenho, enfim, a coragem necessária para tornar-me, como dizes, bom pai e bom esposo! Sinto-me inclinado às alegrias da família e quero colocar-me nas condições exigidas pela sociedade para ter uma esposa, filhos...

— Dás-me a impressão duma colmeia. Toca para a frente! Serás um trouxa a vida inteira. Ah! Queres casar-te para ter uma mulher? Em outras palavras, queres resolver favoravelmente em teu benefício o mais difícil dos problemas que atualmente apresentam os costumes burgueses criados pela Revolução Francesa e

vais começar por uma vida de isolamento! Acreditas que tua mulher não há de querer esse gênero de vida que desprezas? Achas que ela também não gostará dessa vida como tu? Se não queres adotar o belo sistema conjugal cujo programa acaba de te ser descrito por teu amigo de Marsay, escuta um último conselho. Continua solteiro durante mais treze anos e diverte-te à vontade; depois, aos quarenta anos, ao primeiro acesso de gota, casa-te com uma viúva de trinta e seis anos: então poderás ser feliz. Se tomares por esposa uma mocinha, morrerás louco!

— E por quê? — perguntou Paulo um pouco melindrado.

— Meu caro — respondeu de Marsay —, a sátira de Boileau contra as mulheres é uma sucessão de banalidades rimadas. Por que as mulheres não haveriam de ter defeitos? Por que deserdá-las do *haver* mais claro na natureza humana? Assim, segundo penso, o problema do casamento não está mais na situação em que o colocou esse crítico. Acreditas, então, que aconteça no casamento o mesmo que no amor e que baste a um marido ser homem para ser amado? Pensas, então, que sempre que fores ao quarto de vestir de tua senhora trarás de lá felizes recordações? Tudo, em nossa vida de solteiro, conspira para que a vida conjugal de quem não é um profundo observador do coração humano resulte num erro fatal. Nos dias felizes de sua mocidade, o homem, graças à singularidade de nossos costumes, dá sempre a felicidade, triunfa sobre mulheres seduzidas que obedecem a desejos. De uma e de outra parte, os obstáculos criados pelas leis, os sentimentos e o instinto de defesa próprio da mulher geram uma mutualidade de sensações que iludem as criaturas superficiais sobre suas futuras relações na vida conjugal em que tais obstáculos já não existem, em que a mulher suporta o amor em vez de permiti-lo, repele muitas vezes o prazer em vez de desejá-lo. No casamento, a vida, para nós, muda de aspecto. O rapaz livre e despreocupado, sempre agressor, nada tem a temer dum insucesso. Casado, um fracasso é irreparável. Se a um amante é possível fazer uma mulher modificar uma apreciação desfavorável, aos maridos tal mudança de opinião constitui um Waterloo. Como Napoleão, o marido está condenado a constantes vitórias que, por numerosas que sejam, não impedem que a primeira falta o deite por terra. A mulher, que tanto se lisonjeia com a perseverança e tão feliz se sente com a cólera dum amante, as denomina brutalidade num marido. Se o solteiro pode escolher seu terreno e tudo lhe é permitido, ao chefe de família tudo é proibido e seu campo de batalha é invariável. Além disso, a luta tem um sentido inverso. A esposa está sempre disposta a recusar o que deve, ao passo que a amante

concede mesmo o que não deve. Tu, que te queres casar e que te casarás, já meditaste sobre o Código Civil? Nunca enlameei os pés nessa bodega de comentários, nesse celeiro de tagarelíes chamado Escola de Direito, nunca abri o Código, mas tenho visto suas aplicações na vida real. Sou legista, como um chefe de clínica é médico. A doença não está nos livros e sim no doente. O Código, meu caro, colocou a mulher sob tutela, considerou-a como um menor, como uma criança. Ora, como é que se governam as crianças? Pelo temor. Nessa palavra, Paulo, está o freio do animal. Toma-lhe o pulso! Vê se podes te disfarçar em tirano, tu, tão meigo, tão bom amigo, tão confiante; tu de quem ri no começo e a quem hoje estimo suficientemente para te transmitir minha ciência. Sim, isto procede duma ciência que já os alemães denominaram Antropologia. Ah! Se eu não tivesse resolvido tomar a vida pelo lado do prazer, se eu não tivesse uma profunda antipatia por aqueles que pensam em vez de agir, se eu não desprezasse os tolos suficientemente estúpidos para acreditar na vida dum livro, quando as areias dos desertos africanos são compostas das cinzas de não sei quantas Londres, Venezas, Paris e Romas ignoradas, pulverizadas, eu escreveria um livro sobre os casamentos modernos, sobre a influência do sistema cristão; numa palavra, eu acenderia um lampião sobre esses amontoados de pedras agudas entre as quais se deitam os secretários do *multiplicamini* social. Mas a humanidade valerá um quarto de hora do nosso tempo? E, depois, o único emprego razoável da tinta não será caçar corações por meio de cartas de amor...? E tu nos trarás a condessa de Manerville?

— Talvez — disse Paulo.

— Continuaremos amigos — disse de Marsay.

— Se...? — replicou Paulo.

— Fica tranquilo, seremos corteses contigo, como a Casa Vermelha com os ingleses em Fontenoy.

Embora essa palestra o tivesse abalado, o conde de Manerville se viu obrigado a executar seu projeto e voltou a Bordeaux durante o inverno de 1821. As despesas que fez para restaurar e mobiliar seu palácio sustentaram condignamente a reputação de elegância que o precedia. Introduzido de antemão, por suas antigas relações, na sociedade realista de Bordeaux, à qual pertencia tanto por suas opiniões como por seu nome e sua fortuna, conquistou lá a realeza da moda. Seu traquejo social, suas maneiras e sua educação parisiense encantaram o Faubourg Saint-Germain bordelês. Uma velha marquesa serviu-se duma expressão antigamente em

uso na Corte para designar a florescente mocidade dos elegantes, dos petimetres de outrora e cujas maneiras e linguagem faziam moda: disse que ele era o *Fleur-des-Pois*. A sociedade liberal apanhou a palavra e fez dela um apelido em caráter zombeteiro, enquanto os realistas a empregavam num sentido elogioso. Paulo de Manerville desempenhou-se gloriosamente das obrigações impostas por sua alcunha. Aconteceu-lhe o que acontece aos atores medíocres: no dia em que o público passa a prestar-lhes atenção, tornam-se quase bons. Sentindo-se à vontade, Paulo desenvolveu as qualidades que seus defeitos comportavam. Seus gracejos não tinham nada de áspero nem de amargo, suas maneiras não eram arrogantes, sua palestra com as mulheres exprimia o respeito de que elas gostam, nem excesso de deferência nem excesso de familiaridade; sua fatuidade não era mais que um cuidado especial de sua pessoa, que o tornava agradável, respeitava as categorias sociais, permitia aos jovens uma despreocupação a que sua experiência parisiense impunha limites; embora fosse muito hábil na pistola e na espada, tinha uma amabilidade feminina pela qual todos lhe eram muito gratos. Sua estatura mediana e sua gordura, que ainda não chegava à obesidade, dois obstáculos à elegância pessoal, não lhe impediam de manter a aparência de um Brummell bordelês. Uma tez branca, realçada pelos tons rosados da saúde, belas mãos, bonitos pés, olhos azuis com cílios longos, cabelos pretos, movimentos graciosos, uma voz forte que sempre conservava uma tonalidade média e que vibrava no coração, tudo nele se harmonizava com seu nome. Paulo era precisamente essa flor delicada que exige um cultivo cuidadoso, cujas qualidades só se desenvolvem num terreno úmido e favorável e que as maneiras rudes impedem de crescer, que um raio de sol demasiado forte queima e que a geada mata. Era um desses homens feitos mais para receber a felicidade que para dá-la, que dependem muito da mulher, que precisam ser adivinhados, encorajados, para os quais, enfim, o amor conjugal deve ter qualquer coisa de providencial. Se um caráter assim gera dificuldades na vida íntima, é, entretanto, graciosos e cheios de atrativos para a sociedade. Também Paulo obteve grandes triunfos no estreito círculo da província, onde seu espírito, sempre meio velado, devia ser mais bem apreciado do que em Paris. O arranjo de seu palácio e a restauração do castelo de Lanstrac, onde ele introduziu o luxo e o conforto ingleses, absorveram o capital que havia seis anos vinha sendo colocado a juros por seu tabelião. Reduzido estritamente a seus quarenta e poucos mil francos de renda, achou prudente organizar as despesas da casa de maneira a não gastar

nada além disso. Após ter feito desfilarem oficialmente suas equipagens, ter travado relações com os moços mais distintos da cidade e realizado caçadas com eles em seu castelo restaurado, Paulo compreendeu que a vida de província não podia dispensar o casamento. Demasiado jovem ainda para empregar o tempo em ocupações avarentas ou interessar-se pelos melhoramentos materiais com que a gente da província acaba por se deixar absorver tendo em vista o futuro dos filhos, ele passou logo a sentir falta das variadas distrações que são um verdadeiro hábito na vida parisiense. Um nome a conservar, herdeiros a quem transmitir sua fortuna, as relações que lhe proporcionaria uma casa onde se poderiam reunir as principais famílias do lugar, o aborrecimento das ligações irregulares, nada disso entretanto constituiu a razão determinante de sua decisão. Desde sua chegada ele se apaixonara secretamente pela rainha de Bordeaux, a famosa srta. Evangelista.

No começo do século, um rico espanhol, chamado Evangelista, instalou-se em Bordeaux, onde suas recomendações, assim como sua fortuna, o introduziram nos salões nobres. Sua esposa contribuiu poderosamente para mantê-lo em boa situação no meio dessa aristocracia que talvez só o tivesse acolhido tão facilmente a fim de ferir a sociedade de segunda ordem. Nascida nas colônias e semelhante às mulheres servidas por escravos, a sra. Evangelista, que, aliás, pertencia aos Casa-Real, ilustre família da monarquia espanhola, levava uma vida de fidalga, ignorava o valor do dinheiro e não sacrificava nenhuma de suas fantasias, mesmo as mais dispendiosas, vendo-as sempre satisfeitas por um homem amoroso que lhe ocultava generosamente as engrenagens da finança. Contente por vê-la sentir-se bem em Bordeaux, onde seus negócios o obrigavam a permanecer, o espanhol adquiriu lá um palácio, montou uma casa, recebeu com suntuosidade e deu provas do máximo bom gosto em todas as coisas. Assim, de 1800 a 1812, só se falava em Bordeaux no sr. e na sra. Evangelista. O espanhol morreu em 1813, deixando a viúva, aos trinta e dois anos, com uma imensa fortuna e a mais linda filha do mundo, uma menina de onze anos, que prometia ser, e realmente foi, uma pessoa perfeita. A despeito da habilidade da sra. Evangelista, a Restauração alterou sua situação; o partido realista depurou-se, algumas famílias deixaram Bordeaux. Embora a cabeça e a mão de seu marido faltassem à direção de seus negócios, nos quais ela manifestou a despreocupação da dama colonial e a inaptidão da mulher elegante, não quis alterar nada em seus modos de vida.

No momento em que Paulo tomava a resolução de voltar para sua terra natal, a

srta. Natália Evangelista era uma criatura notavelmente bonita e aparentemente o mais rico partido de Bordeaux, onde ignoravam a progressiva diminuição da fortuna da mãe, que, para prolongar seu reinado, gastara somas enormes. Brilhantes festas e a continuação dum suntuoso modo de vida mantinham o público na crença da esplêndida situação financeira da casa Evangelista. Natália completou dezenove anos e nenhum pedido de casamento chegara aos ouvidos de sua mãe. Habituada a satisfazer seus caprichos de moça, a srta. Evangelista usava *cashmere*, tinha joias e vivia cercada dum luxo que atemorizava os especuladores, numa região e numa época em que os filhos calculam tão bem como os pais. Essa frase fatal — “Só mesmo um príncipe pode desposar a srta. Evangelista” — circulava nos salões e nas rodas de palestra. As mães de família, as velhas fidalgas que tinham netas a quem precisavam dar uma situação, as moças invejosas de Natália, cuja constante elegância e tirânica beleza as importunavam, envenenavam cuidadosamente essa opinião através de frases pífidas. Quando ouviam um rapaz casadouro dizer, com uma admiração extasiada, à chegada de Natália a um baile: “Meu Deus como ela é linda!”, “Sim”, respondiam as mães, “mas é cara”. Se algum recém-chegado achava a srta. Evangelista encantadora e dizia que um homem que se quisesse casar não podia fazer melhor escolha: “Mas quem será suficientemente ousado”, respondiam, “para desposar uma moça a quem a mãe dá mil francos por mês para vestidos, que tem cavalos, criada e usa rendas? Ela usa rendas finas nos roupões. O que ela gasta na lavagem de sua roupa fina daria para manter a casa dum empregado do comércio. Ela usa pela manhã pelerines cuja aplicação por si só custa seis francos”.

Esses comentários e uma infinidade de outros, frequentemente repetidos à guisa de elogio, matavam o mais vivo desejo que um homem pudesse ter de desposar a srta. Evangelista. Rainha de todos os bailes, indiferente às frases lisonjeiras, aos sorrisos e às provas de admiração que em toda a parte recebia ao passar, Natália nada conhecia da vida. Vivia como o pássaro voa e a flor desabrocha, encontrando todos em torno dela prontos a satisfazer-lhe os desejos. Ignorava o preço das coisas, não sabia como se produzem, se aumentam e se conservam os rendimentos. Talvez julgasse que todas as casas tivessem cozinheiras, cocheiros, arrumadeiras e criados, assim como os prados têm feno e as árvores, frutos. Para ela, mendigos e pobres, árvores abatidas e terrenos ingratos eram a mesma coisa. Mimada como uma esperança pela mãe, a fadiga nunca perturbava seus divertimentos. Também,

saltitava na sociedade como um potro no campo, um potro sem freio nem ferraduras.

Seis meses após a chegada de Paulo, a alta sociedade da cidade promoveu um encontro do *Fleur-des-Pois* com a rainha dos bailes. As duas flores entreolharam-se com aparente indiferença e acharam-se reciprocamente encantadoras. Interessada em espreitar o resultado desse encontro preparado, a sra. Evangelista descobriu nos olhares de Paulo os sentimentos que o animavam e disse consigo: “Ele será meu genro!”, enquanto Paulo pensava, ao ver Natália: “Ela será minha esposa”. A fortuna dos Evangelista, que se tornara proverbial em Bordeaux, permanecera na memória de Paulo como um preconceito da infância, o mais indelével de todos os preconceitos. Assim, a questão das conveniências pecuniárias estava desde o início resolvida, dispensando esses debates e esses inquéritos que causam tanto horror às almas tímidas como às altivas. Quando algumas pessoas tentaram dizer a Paulo algumas frases elogiosas que não se podia recusar às maneiras, à linguagem e à beleza de Natália, mas que terminavam por observações cruelmente proféticas, sugeridas pelo padrão de vida da família Evangelista, o *Fleur-des-Pois* as contestou com o desprezo que merecem essas acanhadas ideias provincianas. Esse modo de pensar, logo conhecido, emudeceu os comentários, pois era ele quem dava o tom às ideias e às palestras, bem como às maneiras e às coisas. Ele importara o apuro da personalidade britânica e suas barreiras glaciais, o sarcasmo byroniano, as acusações contra a vida, o desprezo dos laços sagrados, a prataria e o sarcasmo ingleses, o menosprezo dos costumes e das velhas coisas da província, o charuto, o verniz, a elegância, o pônei, as luvas amarelas e o galope. Aconteceu, então, a Paulo o contrário do que até então sucedia: nenhuma moça nem velha fidalga tentou desencorajá-lo. A sra. Evangelista começou por oferecer-lhe vários jantares de cerimônia. Podia o janota faltar às festas a que compareciam os moços mais distintos da cidade? Apesar da indiferença que Paulo afetava, e que não conseguia enganar à mãe nem à filha, ele se embrenhava lentamente na estrada do casamento. Quando Manerville saía a passear em tálburi ou montado em seu belo cavalo, alguns moços detinham-se e ele os ouvia dizer: “Aí está um felizardo: é rico, é um belo rapaz e dizem que vai se casar com a srta. Evangelista. Há pessoas que dão a impressão de que o mundo foi feito para elas”. Quando passava pela caleça da sra. Evangelista, orgulhava-se da distinção particular que a mãe e a filha imprimiam à saudação que lhe dirigiam. Se Paulo não estivesse secretamente apaixonado pela

srta. Evangelista, a sociedade certamente o casaria contra sua vontade. A sociedade, que não é causa de nenhum bem, é cúmplice de muitas desgraças; e depois, quando surge o infortúnio que incubou com cuidados maternos, ela o renega e se vinga dele. A alta sociedade de Bordeaux, atribuindo um milhão de dote à srta. Evangelista, dava-a a Paulo sem esperar o consentimento dos interessados, como frequentemente acontece. Suas fortunas se harmonizavam tão bem como suas pessoas. Paulo estava habituado ao luxo e à elegância no meio dos quais vivia Natália. Ele acabava de arranjar seu palácio para seu próprio uso de maneira como ninguém em Bordeaux o faria para hospedar Natália. Só mesmo um homem habituado aos gastos de Paris e às fantasias dos parisienses poderia evitar os desastres pecuniários resultantes dum casamento com tal criatura, já tão colonial e tão fidalga como a mãe. No terreno em que os bordeleses apaixonados da srta. Evangelista se arruinariam, o conde de Manerville, dizia-se, saberia evitar qualquer fracasso. Era, pois, um casamento feito. Quando se falava desse enlace diante das figuras da alta sociedade realista, elas diziam a Paulo frases animadoras que lisonjeavam sua vaidade.

— Aqui todos já consideram a srta. Evangelista como sua. Se o senhor se casar com ela, fará muito bem; nunca encontraria, em lugar algum, nem mesmo em Paris, uma moça tão linda: é elegante, graciosa e pertence aos Casa-Real pelo lado materno. Formarão o mais encantador par do mundo: têm os mesmos gostos, a mesma concepção da vida, e terão a casa mais agradável de Bordeaux. Sua esposa não precisa trazer consigo mais do que a touca de dormir. Num caso destes, uma casa montada vale um dote, e é uma sorte para o senhor encontrar uma sogra como a sra. Evangelista. Mulher inteligente, insinuante, será de grande auxílio no seio da vida política a que o sr. certamente aspirará. Além disso, ela sacrificou tudo pela filha, que adora, e Natália será, sem dúvida, uma boa esposa, pois ama imensamente a mãe. E, depois, é preciso começar uma vida nova.

— Tudo isso é muito bonito e muito bom — respondeu Paulo, que, apesar de seu amor, queria conservar seu livre-arbítrio —, mas é preciso começar uma nova vida com acerto.

Logo Paulo passou a frequentar a casa da sra. Evangelista, levado pela necessidade de dar uma ocupação a suas horas vazias, mais difíceis de passar para ele do que para qualquer outro. Somente lá respirava aquela grandiosidade, aquele luxo a que se habituara. Aos quarenta anos, a sra. Evangelista era bela como um

desses magníficos pores de sol que coroam no verão os dias sem nuvens. Sua reputação inatacada oferecia aos círculos bordeleses um constante assunto de palestra e a curiosidade das mulheres se tornava ainda mais intensa porque a viúva mostrava indícios dessa constituição que torna as espanholas e as nascidas nas colônias particularmente famosas. Tinha os cabelos e os olhos negros, o pé e o corpo de espanhola, esse corpo ondulado cujos movimentos têm um nome especial na Espanha.

Seu rosto, sempre lindo, seduzia por essa tez crioula cuja animação só pode ser descrita comparando-a ao efeito da musselina sobre a púrpura, tão uniformemente rosada é sua alvura. Tinha as formas cheias, atraentes por essa graça que sabe aliar a indolência e a vivacidade, a força e a despreocupação. Atraía e dominava, seduzia sem nada prometer. Era alta, o que lhe conferia a atitude e o porte duma rainha. Os homens prendiam-se à sua palestra como os pássaros ao visco, pois ela possuía, naturalmente, esse gênio que a necessidade dá aos intrigantes; avançava de concessão em concessão, armava-se do que lhe concediam para querer ainda mais e sabia recuar para muito longe quando lhe pediam alguma coisa em troca. Ignorante na realidade, ela conhecera as Cortes de Espanha e de Nápoles, as pessoas famosas das duas Américas, várias famílias ilustres da Inglaterra e do continente, o que lhe emprestava uma instrução tão extensa em superfície, que parecia imensa. Recebia com esse bom gosto, essa magnificência que não se aprendem, mas que certas almas naturalmente belas transformam em sua segunda natureza, assimilando as boas coisas em toda parte onde as encontrem. Se sua reputação de virtude permanecia inexplicada, nem por isso lhe servia menos para dar grande autoridade a suas ações, suas palavras e seu caráter. A filha e a mãe tinham uma pela outra verdadeira amizade, além do sentimento filial e maternal. Combinavam muito bem de gênio, seu permanente convívio jamais causara o mínimo choque. Assim, muitos explicavam os sacrifícios da sra. Evangelista por seu amor materno. Mas se Natália consolou a mãe duma obstinada viuvez, talvez não tivesse sido ela a única a fazê-lo. Dizem que a sra. Evangelista se apaixonara por um homem a quem a segunda Restauração restituíra os títulos e o pariato. Esse homem, que em 1814 se consideraria muito feliz se pudesse desposar a sra. Evangelista, rompera muito decentemente suas relações com ela em 1816. A sra. Evangelista, aparentemente a melhor mulher do mundo, tinha intimamente uma qualidade terrível, que só se pode traduzir pela divisa de Catarina de Médicis: *Odiat e aspettate*. Habituada a dominar e a ser obedecida sempre,

assemelhava-se a todas as realezas: amável, meiga, distinta, de gênio afável, tornava-se terrível, implacável, quando seu orgulho de mulher, de espanhola e de Casa-Real era ofendido. Nunca perdoava. Acreditava na força de seu ódio e transformava-o num mau agouro que perseguia o seu inimigo. E empregara esse fatal poder contra o homem que a enganara. Os acontecimentos, que pareceram provar a influência de sua jetatura, confirmaram a fé supersticiosa que tinha em si mesma. Embora fosse ministro e par da França, esse homem começou a decair e acabou completamente arruinado. Seus bens, seu prestígio político e pessoal, tudo estava ameaçado de perecer. Um dia, a sra. Evangelista passou orgulhosamente por ele em sua brilhante equipagem e, vendo-o a pé nos Champs-Élysées, fulminou-o com um olhar de onde jorravam as centelhas do triunfo. Esse infortúnio impedira-a de tornar-se a casar, ocupando-a durante dois anos. Depois disso, sua altivez continuou a sugerir-lhe comparações entre os que se ofereciam e o marido que tanto e tão sinceramente a amara. E assim, passando de enganos a projetos, de esperanças a decepções, atingiu finalmente a época em que as mulheres não têm outro papel a desempenhar na vida além do de mãe, sacrificando-se às filhas, transferindo todos seus interesses pessoais para o governo dum lar, última aplicação das afeições humanas. A sra. Evangelista desvendou imediatamente o caráter de Paulo e ocultou-lhe o seu. Paulo era exatamente o homem que ela queria para genro, um editor responsável de seu futuro poder. Ele pertencia, pelo lado materno, aos Maulincour, e a velha baronesa de Maulincour, amiga do vidama de Pamiers, vivia no meio do Faubourg Saint-Germain. O neto da baronesa, Augusto de Maulincour, tinha uma bela posição. Paulo seria, pois, um excelente introdutor das Evangelista na sociedade parisiense. A viúva apenas visitara algumas vezes a Paris do Império e queria brilhar no meio da Paris da Restauração. Somente lá existiam os elementos favoráveis a uma vitoriosa carreira política, a única em que as mulheres da sociedade podem decentemente cooperar. A sra. Evangelista, obrigada a morar em Bordeaux devido aos negócios do marido, aborreceu-se da cidade; tinha lá sua casa e todos sabem quantas obrigações embaraçam a vida duma mulher nessas condições; mas ela não se importava mais com Bordeaux, já esgotara suas delícias. Desejava um teatro maior, do mesmo modo que os jogadores procuram o jogo mais forte. No seu próprio interesse, arquitetou um grande futuro para Paulo. Resolveu empregar os recursos de seu talento e sua ciência da vida em benefício do genro, a fim de poder desfrutar sob seu nome as alegrias do poder.

Muitos homens são, assim, os biombos de ambições femininas desconhecidas. A sra. Evangelista tinha, além disso, mais de um interesse em tomar conta do marido da filha. Paulo foi necessariamente cativado por essa mulher, que o cativou ainda mais facilmente porque não deu demonstração de querer exercer o mínimo domínio sobre ele. Empregou, assim, amplamente sua ascendência para engrandecer-se, para engrandecer a filha e valorizá-la, a fim de dominar antecipadamente o homem em que viu o meio de continuar sua vida aristocrática. Paulo, vendo-se apreciado pela mãe e pela filha, melhorou ainda mais o conceito que fazia de sua pessoa. Julgou-se mais inteligente do que realmente era ao ver suas reflexões e suas frases mais simples admiradas pela srta. Evangelista, que sorria ou erguia graciosamente a cabeça. E pela mãe, em quem a lisonja sempre parecia involuntária. As duas mulheres mostraram-se tão amáveis com ele, Paulo ficou tão certo de que lhes agradara e elas o governaram tão habilmente, prendendo-o pelo fio do amor-próprio, que logo ele começou a passar todo seu tempo no palácio Evangelista.

Um ano após sua instalação em Bordeaux, mesmo sem se ter declarado, o conde Paulo se mostrava tão atencioso com Natália que todos achavam que ele a estava cortejando. Nem a mãe nem a filha pareciam pensar em casamento. A srta. Evangelista mantinha a reserva fidalga que sabe ser encantadora e conversava amavelmente sem deixar avançar um passo sequer em sua intimidade. Esse silêncio, tão pouco comum entre a gente da província, agradou imensamente a Paulo. Os tímidos são desconfiados, as propostas bruscas os assustam. Fogem da felicidade se ela lhes chega ruidosamente e se entregam à desgraça, se ela se apresenta com modéstia, coberta de véus suaves. Ao ver que a sra. Evangelista não fazia nenhum esforço para comprometê-lo, Paulo comprometeu-se espontaneamente. A espanhola o conquistou dizendo-lhe que, numa mulher superior, como nos homens, há uma época em que a ambição substitui os principais sentimentos da vida.

“Essa mulher é capaz”, pensou Paulo, ao sair, “de conseguir-me uma bela embaixada antes mesmo que eu seja eleito deputado.” Um homem que, em qualquer circunstância, não circunda as coisas ou as ideias para examiná-las sob suas diferentes faces, é imperfeito e fraco e corre o risco de sucumbir. Presentemente, Paulo estava otimista: via vantagens em tudo e não levava em conta que uma sogra ambiciosa podia tornar-se um tirano. Assim, todas as noites, ao sair,

ele se representava casado, enganava a si mesmo e calçava docemente as chinelas do casamento. Em primeiro lugar, já desfrutara por muito tempo sua liberdade para que sentisse perdê-la; estava cansado da vida de solteiro, que não lhe oferecia nada de novo e de que não conhecia senão os inconvenientes; ao mesmo tempo, se algumas vezes pensava nas dificuldades do casamento, muito mais frequentemente via apenas suas delícias; tudo ali era novo para ele.

“O casamento”, pensava, “só é desagradável para os pobres; para os ricos, a metade de suas dificuldades desaparece.”

Todos os dias, portanto, um pensamento favorável vinha engrossar a enumeração das vantagens que ele encontrava nesse casamento. “Por mais alta que seja a posição a que eu possa chegar, Natália sempre estará à altura de seu papel”, pensava também, “e isso não é pequeno mérito numa mulher. Quantos homens do Império vi sofrer horivelmente por causa das esposas! Não é uma grande condição de felicidade nunca sentir sua vaidade, seu orgulho ferido pela companheira que se escolheu? Um homem que tem uma esposa bem-educada nunca pode ser completamente infeliz; ela não o ridiculariza, sabe ser-lhe útil. Natália dará recepções magníficas. “Acrescentava a tudo isso suas recordações das mulheres mais distintas do Faubourg Saint-Germain, para convencer-se de que Natália podia, senão eclipsá-las, pelo menos manter-se ao lado delas num pé de igualdade perfeita. Qualquer paralelo favorecia Natália. Os termos de comparação, tirados da imaginação de Paulo, curvavam-se a seus desejos. Paris lhe teria oferecido todos os dias novos tipos, moças de belezas diferentes, e a multiplicidade das impressões teria deixado sua razão em equilíbrio; ao passo que, em Bordeaux, Natália não tinha rival, era a flor única e chegava num momento em que Paulo se encontrava sob a tirania duma ideia à qual sucumbe a maioria dos homens. Também essas razões de justaposição, aliadas às razões de amor-próprio e a uma paixão real que não tinha outro meio de se satisfazer a não ser o casamento, levaram Paulo a um amor desatinado cujo segredo ele teve o bom-senso de guardar, fazendo-o passar por um simples desejo de casar-se. Esforçou-se, mesmo, por estudar a srta. Evangelista como homem que não quer comprometer o futuro, pois as terríveis palavras de seu amigo de Marsay ainda soavam em seus ouvidos. Mas as pessoas habituadas ao luxo têm, à primeira vista, uma aparente simplicidade que engana: elas o desdenham, servem-se dele apenas, ele constitui um instrumento e não a ocupação de sua existência. Paulo não imaginou, pois, ao ver os costumes

dessas senhoras tão semelhantes aos seus, que elas ocultassem um único motivo de desastre. Além disso, se há algumas regras gerais para amenizar as inquietações do casamento, não há regra alguma para prevê-las nem para preveni-las. Quando a desgraça se mete entre duas criaturas que empreenderam a tarefa de tornar uma à outra a vida agradável e fácil de levar, ela nasce precisamente do contato produzido por uma intimidade constante, que não existe entre dois jovens ainda noivos, nem poderá existir enquanto os costumes e as leis não forem modificados na França. Tudo é embuste entre duas pessoas prestes a casar-se; mas seu embuste é inocente, involuntário. Ambos se mostram, necessariamente, sob um aspecto favorável; ambos lutam para decidir quem se apresentará melhor e adquirem assim uma ideia favorável de si mesmos, a que mais tarde não podem corresponder. A verdadeira vida, como os dias atmosféricos, se compõe muito mais desses momentos monótonos e nublados que toldam a natureza que de períodos em que o sol brilha e alegra os campos. Os jovens veem apenas os dias bonitos. Mais tarde atribuem ao casamento as desgraças próprias da vida, pois o homem tem tendência a procurar a causa de suas misérias nas coisas ou nas pessoas que lhe são imediatas.

Para descobrir na atitude ou na fisionomia, nas palavras ou nos gestos da srta. Evangelista os indícios que teriam revelado a quota de imperfeições que seu caráter, como o de qualquer criatura humana, encerrava, Paulo precisaria possuir não somente as ciências de Lavater e de Gall, mas ainda uma ciência da qual não existe nenhum corpo de doutrina, a ciência individual do observador, que exige conhecimentos quase universais. Como todas as moças, Natália tinha uma fisionomia impenetrável. A profunda e serena placidez que os escultores deram aos rostos das figuras virgens destinadas a representar a Justiça, a Inocência, todas as divindades que nada sabem das agitações terrestres; essa calma é o maior encanto duma moça, é o símbolo de sua pureza; nenhuma paixão quebrou, nenhum interesse traído jamais alterou a tranqüila expressão do rosto; se essa calma for fingida, a moça deixa de existir. Sempre junto da mãe, Natália, como todas as mulheres espanholas, não recebera mais que uma instrução puramente religiosa e alguns ensinamentos de mãe para filha, úteis ao papel que ela devia desempenhar. A calma de sua fisionomia era, pois, natural, mas constituía um véu no qual se envolvia a mulher, como a borboleta em sua larva. Contudo, um homem hábil em manejar o bisturi da análise teria surpreendido em Natália alguma revelação das dificuldades que seu temperamento devia oferecer quando ela tivesse de enfrentar a

vida conjugal ou social. Sua beleza verdadeiramente maravilhosa provinha duma rigorosa regularidade de traços em harmonia com as proporções da cabeça e do corpo. Tal perfeição é de mau presságio para o espírito. Há poucas exceções a essa regra. Toda a natureza superior tem a forma de leves imperfeições, que constituem irresistíveis atrativos, pontos luminosos em que brilham os sentimentos opostos e nos quais se detêm os olhares. Uma perfeita harmonia denuncia a frieza das constituições mistas. Natália tinha o corpo roliço, sinal de força mas indício infalível duma vontade que muitas vezes chega à obstinação nas pessoas cujo espírito não é vivo nem amplo. Suas mãos de estátua grega confirmavam os prognósticos do rosto e do corpo, anunciando um espírito de domínio ilógico, o querer pelo querer. Suas sobrancelhas se uniam e, segundo os observadores, esse traço indica tendência à inveja. A inveja das pessoas superiores torna-se emulação, gera grandes coisas; a dos espíritos mesquinhos transforma-se em ódio. Havia nela, sem disfarce algum, o *odiate e aspettate* da mãe. Seus olhos, aparentemente negros, mas, na realidade, dum castanho-alaranjado, contrastavam com seus cabelos, cujo louro fulvo, tão apreciado pelos romanos, se chama *auburn* na Inglaterra, e se encontra quase sempre nos filhos de duas pessoas de cabeleira preta como eram o sr. e a sra. Evangelista. A alvura e a suavidade da tez de Natália emprestavam ao contraste de cores entre seus cabelos e seus olhos atrativos indescritíveis, mas duma delicadeza puramente exterior, pois, sempre que aos traços dum rosto falta certo suave arredondado, quaisquer que sejam a perfeição e a graça dos detalhes, não se pode transportar para a alma os bons presságios que ele sugere. Essas rosas duma juventude enganadora se desfolham e alguns anos mais tarde vós vos surpreenderíeis de ver a secura e a dureza, onde antes admiráveis a graça das nobres qualidades. Embora os contornos de seu rosto tivessem alguma coisa de augusto, o queixo de Natália era ligeiramente empastado, expressão de pintor que pode servir para descrever a preexistência de sentimentos cuja violência só se manifestaria no meio da vida. Sua boca, um pouco sumida, exprimia um orgulho arrogante em harmonia com sua mão, seu queixo, suas sobrancelhas e seu belo corpo. E por fim — último sintoma que, por si só, permitiria a um conhecedor firmar um diagnóstico — a voz pura de Natália, essa voz tão sedutora, tinha sons metálicos. Por mais docemente manejado que fosse esse cobre, a despeito da graça com que os sons corriam pelas espirais de metal, esse órgão anunciava o caráter do duque d’Alba, | de quem descendiam colateralmente os Casa-Real. Esses

indícios traduziam paixões violentas sem ternura, dedicações bruscas, ódios irreconciliáveis, espírito sem inteligência, e a ânsia de dominar, natural às pessoas que se sentem inferiores a suas pretensões. Esses defeitos, nascidos do temperamento e da constituição, compensados, talvez, pelas qualidades dum sangue generoso, estavam encerrados em Natália como o ouro na mina e só se exteriorizariam sob o efeito dos rudes atritos e dos choques a que os caracteres ficam sujeitos na vida de sociedade. Naquela ocasião, a graça e o frescor da mocidade, a distinção de suas maneiras, sua santa ignorância, a delicadeza da moça coloriam suas feições de um suave verniz que enganava infalivelmente as pessoas superficiais. Além disso, sua mãe lhe comunicara desde muito cedo essa agradável maneira de falar que dá impressão de superioridade, que responde às objeções com gracejos e seduz por uma graciosa volubilidade sob a qual a mulher esconde o tufo de seu espírito do mesmo modo que a natureza disfarça os terrenos áridos sob o luxo das plantas efêmeras. Natália tinha, por fim, o encanto dos filhos mimados que não conheceram o sofrimento: atraía por sua franqueza e não tinha essa atitude solene que as mães impõem às filhas traçando-lhes um programa de maneiras e linguagem ridículas na época de casá-las. Era risonha e sincera como uma moça que nada sabe do casamento, que dele só espera alegrias, não prevê nenhuma desgraça e acredita que ao casar-se adquirirá o direito de sempre satisfazer suas vontades. Como poderia Paulo, que amava como se ama quando o desejo aumenta o amor, descobrir, numa moça desse tipo e cuja beleza o deslumbrava, a mulher que viria a ser aos trinta anos, quando mesmo alguns observadores teriam podido enganar-se com as aparências? Se a felicidade era difícil de encontrar num casamento com essa moça, não era, contudo, impossível. Através desses defeitos em embrião apareciam algumas belas qualidades. Sob a direção dum mestre hábil, não há qualidade que, bem desenvolvida, não abafe os defeitos, principalmente numa moça que ama. Mas, para tornar dúctil uma mulher tão pouco maleável, era necessário esse pulso de ferro de que de Marsay falava a Paulo. O elegante parisiense tinha razão. O medo, inspirado pelo amor, é um instrumento infalível para manejar o espírito duma mulher. Quem ama teme e quem teme está mais próximo da afeição que do ódio. Teria Paulo o sangue-frio, o discernimento, a energia exigidos para essa luta que um marido hábil não deve deixar a mulher perceber? Além disso Natália amava Paulo? Como a maioria das moças, Natália tomava por amor os primeiros impulsos do instinto e o prazer que lhe causava o aspecto físico de Paulo, sem nada saber das

questões do casamento e da vida do lar. Para ela, o conde de Manerville, o aprendiz diplomata que conhecia as Cortes da Europa, um dos moços mais elegantes de Paris, não podia ser um homem ordinário, sem força moral, ao mesmo tempo tímido e corajoso, talvez enérgico diante da adversidade, mas indefeso contra os desgostos que destroem a felicidade. Teria ela mais tarde suficiente tato para distinguir as belas qualidades de Paulo entre seus leves defeitos? Não exageraria estes e esqueceria aqueles, segundo o costume das esposas jovens que nada sabem da vida? Há uma idade em que a mulher perdoa vícios a quem lhe poupa contrariedades e em que ela toma as contrariedades por infortúnios. Que força conciliadora, que experiência manteria e orientaria o jovem casal? Paulo e sua mulher não acreditariam amar-se quando só houvesse ainda entre eles essas carinhosas afetações que as esposas jovens se permitem no começo duma vida a dois, esses elogios que os maridos fazem ao voltar do baile, quando ainda têm as graças do desejo? E, nessa situação, Paulo não se submeteria à tirania da esposa em vez de firmar seu domínio? Paulo seria capaz de dizer “não”? Tudo era perigo para um homem fraco, num terreno em que mesmo o mais forte talvez corresse riscos.

Este estudo não visa precisamente a transição do rapaz solteiro à vida de casado, assunto que, largamente explorado, não deixaria de ter o atrativo que a tempestade íntima de nossos sentimentos empresta às coisas mais vulgares da vida. Os acontecimentos e as reflexões que determinaram o casamento de Paulo com a srta. Evangelista são uma introdução à obra, destinada unicamente a retratar a grande comédia que precede toda a vida conjugal. Até agora essa cena tem sido negligenciada pelos autores dramáticos, embora ofereça novos recursos à sua inspiração.

Essa comédia que dominou o futuro de Paulo e que a sra. Evangelista via aproximar-se com terror é a discussão a que dão lugar os contratos de casamento em todas as famílias, nobres ou burguesas: pois as paixões humanas são tão rigorosamente agitadas pelos pequenos como pelos grandes interesses. Essas comédias representadas perante o tabelião assemelham-se mais ou menos a esta, cujo interesse, portanto, estará menos nas páginas deste livro que na lembrança das pessoas casadas.

PRIMEIRO DIA

No começo do inverno, em 1822, Paulo de Manerville pediu a mão da srta. Evangelista por intermédio de sua tia-avó, a baronesa de Maulincour. Embora a baronesa não costumasse passar mais de dois meses em Médoc, ficou lá até o fim de outubro para assistir o sobrinho-neto nessa emergência e representar o papel de mãe. Após ter transmitido as primeiras palavras à srta. Evangelista, a tia, velha experiente, foi comunicar a Paulo o resultado de sua diligência.

— Meu filho — disse-lhe —, teu assunto está resolvido. Falando em interesses materiais, fiquei sabendo que a sra. Evangelista não dará nada de seus bens à filha. A srta. Natália casa-se com seus direitos. Casa-te, meu filho! Os que têm um nome e terras a transmitir, uma família a conservar, cedo ou tarde acabam casando-se. Eu gostaria de ver meu querido Augusto tomar o mesmo caminho. Tu te casarás muito bem sem mim, não tenho mais que minha bênção para dar-te, e as mulheres velhas como eu não têm nada a fazer num casamento. Parto, pois, amanhã para Paris. Quando apresentares tua esposa à sociedade, eu a verei muito mais comodamente em minha casa do que aqui. Se não tivésseis um palácio em Paris, encontraríeis morada em minha casa, pois eu teria muito prazer em mandar arranjar para vós o segundo andar dela.

— Muito obrigado, querida tia — disse Paulo. — Mas que entende por essas palavras: “A mãe não dará nada de seus bens à filha, ela se casa com seus direitos”?

— A mãe, meu filho, é uma finória que se aproveita da beleza da filha para impor condições e deixar-nos apenas o que não nos pode tirar, a fortuna do pai. Nós, as velhas, damos muito importância ao “Quanto ele tem? Quanto ela tem?”. Aconselho-te que dês boas instruções a teu tabelião. O contrato, meu filho, é o mais sagrado dos deveres. Se teu pai e tua mãe não tivessem feito bem sua cama, talvez estivessem hoje sem lençóis. Tereis filhos, eles são as consequências mais comuns do casamento e, assim, é preciso pensar nisso. Vai falar com mestre Mathias, nosso antigo tabelião.

A sra. de Maulincour partiu após ter mergulhado Paulo em estranhas perplexidades. Sua sogra era uma finória. Precisava discutir seus interesses no contrato e necessariamente defendê-los: quem iria atacá-los? Paulo seguiu o conselho da tia e confiou a mestre Mathias a missão de redigir o contrato. Mas os debates que pressentia o preocuparam. E não foi sem viva emoção que ele entrou

na casa da sra. Evangelista, a quem ia anunciar suas intenções. Como todos os tímidos, ele receava deixar transparecer as desconfianças que sua tia lhe sugerira e que lhe pareciam insultuosas. Para evitar o mais leve atrito com uma pessoa tão imponente como era, para ele, sua futura sogra, preparou um desses circunlóquios próprios das pessoas que não ousam abordar de frente as dificuldades.

— A senhora sabe — disse, aproveitando um momento em que Natália se ausentou — o que é um tabelião de família: o meu é um bom velho para quem seria um verdadeiro desgosto não ser incumbido do meu contrato de...

— Como não, meu caro! — respondeu, interrompendo-o, a sra. Evangelista. — Acaso nossos contratos de casamento não são feitos sempre por intermédio do tabelião de cada família?

O tempo que Paulo levava para abordar a questão fora empregado pela sra. Evangelista para se perguntar: “Em que estará pensando?”, pois as mulheres possuem em alto grau o dom de descobrir os pensamentos íntimos pela fisionomia. Ela percebeu as observações da tia-avó no olhar embaraçado, na voz comovida que denunciava em Paulo uma luta interior.

“Finalmente”, pensou ela, “chegou o dia fatal, a crise vai começar, que resultará disto?” — Meu tabelião é o sr. Solonet — disse, após uma pausa — e o seu é o sr. Mathias. Vou convidá-los para o jantar, amanhã, e eles se entenderão sobre o assunto. Seu ofício não é conciliar os interesses sem que tenhamos que nos envolver nisso, como os cozinheiros são encarregados de nos fazer comer bons pratos?

— A senhora tem toda a razão — respondeu ele, deixando escapar um imperceptível suspiro de contentamento.

Por uma singular inversão dos dois papéis, Paulo, inocente de qualquer censura, tremia, e a sra. Evangelista parecia calma enquanto experimentava terríveis ansiedades. A viúva devia à filha o terço da fortuna deixada pelo sr. Evangelista, um milhão e duzentos mil francos e não podia pagá-los mesmo que se despojasse de todos os seus bens. Ia, pois, ficar à mercê do genro. Mesmo que ela pudesse dominar Paulo sozinha, Paulo, instruído pelo tabelião, transigiria na entrega das contas da tutela? Se ele desistisse de casar-se, Bordeaux inteira ficaria sabendo dos motivos e o casamento de Natália se tornaria impossível lá. Essa mãe que queria a felicidade da filha, essa mulher, que desde o nascimento vivera nobremente, refletiu que no dia seguinte devia tornar-se ímproba. Como esses grandes capitães

que desejariam apagar de sua vida o momento em que foram secretamente covardes, ela gostaria de poder suprimir essa data do número de seus dias. Alguns fios de cabelo embranqueceram, certamente, durante a noite em que, diante dos fatos, ela se censurou por sua imprevidência, sentindo as duras necessidades da situação. Em primeiro lugar, via-se obrigada a confiar-se a seu tabelião, a quem pedira que fosse à sua casa logo que se levantasse. Precisava confessar uma miséria íntima que jamais quisera confessar a si mesma, pois vivera caminhando para um abismo contando com um desses acasos que nunca chegam. Ergueu-se em sua alma um leve movimento contra Paulo, no qual não havia ódio nem aversão nem mesmo nada de mau ainda; mas não era ele o partido adversário desse processo secreto? Não se tornara ele, sem o saber, um inimigo inocente que era preciso vencer? Quem pôde jamais amar sua vítima? Forçada a lograr, a espanhola resolveu, como faria qualquer mulher, empregar sua superioridade nesse combate, cuja ignomínia só poderia ser absolvida por uma vitória completa. Na calma da noite, desculpou-se por uma série de argumentos que sua altivez dominou. Natália não fora beneficiada por suas dissipações? Havia em sua conduta um único desses motivos baixos e ignóbeis que enodoam a alma? Era um crime, um delito, o fato de não saber fazer contas? Um homem não seria muito feliz por possuir uma moça como Natália? O tesouro que ela conservara não valia uma quitação? Não há tantos homens que comprem por mil sacrifícios uma mulher amada? Por que se faria menos por uma esposa legítima do que por uma cortesã? Além disso, Paulo era um homem nulo, incapaz; ela empregaria em seu favor os recursos de seu espírito, proporcionando-lhe uma bela carreira na sociedade; ele ficaria devendo o que viesse a conseguir; e, assim, ela não resgataria completamente sua dívida um dia? Seria um tolo se hesitasse! Hesitar por alguns escudos a mais ou a menos...? Seria infame.

“Se a vitória não se decide desde o começo”, pensou ela, “deixarei Bordeaux e sempre poderei dar um bom futuro a Natália, capitalizando o que me resta, palácio, diamantes e mobiliário, dando-lhe tudo e me reservando apenas uma pensão.”

Quando um espírito fortemente temperado se constrói um retiro como Richelieu em Brouage e se traça um fim grandioso, isso lhe serve de ponto de apoio que o ajuda a triunfar. Esse desfecho, para a eventualidade dum fracasso, tranquilizou a sra. Evangelista, que adormeceu cheia de confiança em seu padrinho nesse duelo. Confiava muito no concurso do mais hábil tabelião de Bordeaux, o sr. Solonet, moço de vinte e sete anos, condecorado com a Legião de Honra por haver contribuído

muito ativamente para o segundo retorno dos Bourbon. Contente e orgulhoso de ser recebido na casa da sra. Evangelista, menos como tabelião que como membro da sociedade realista de Bordeaux, Solonet concebera, por aquele belo pôr do sol, uma dessas paixões que as mulheres como a sra. Evangelista repelem, mas com as quais se sentem lisonjeadas e que as mais recatadas deixam à flor da água. Solonet permanecia numa vaidosa atitude cheia de respeito e de esperança muito conveniente. O tabelião apresentou-se no dia seguinte com a solicitude do escravo e foi recebido no quarto de dormir pela faceira viúva, que apareceu no desalinho dum inteligente roupão.

— Posso contar com sua discrição e sua inteira dedicação na discussão que se travará esta noite? — perguntou-lhe. — O senhor certamente percebe que me refiro ao contrato de casamento de minha filha.

O moço desmanchou-se em galantes protestos.

— Vamos à questão — disse ela.

— Escuto — respondeu ele, dando a impressão de concentrar-se.

A sra. Evangelista expôs-lhe cruamente sua situação.

— Minha linda senhora, isso não é nada — disse mestre Solonet, assumindo uma atitude benevolente, quando a sra. Evangelista acabou de dar-lhe as cifras exatas. — Como se tem conduzido a senhora com o sr. de Manerville? Aqui as questões morais dominam as questões de direito e de finanças.

A sra. Evangelista envergou sua superioridade. O jovem tabelião soube, com vivo prazer, que até aquele dia sua cliente mantivera em suas relações com Paulo a mais elevada dignidade; que, em parte por verdadeiro orgulho, em parte por cálculo involuntário, agira sempre como se o conde de Manerville lhe fosse inferior, como se fosse uma honra para ele desposar a srta. Evangelista; nem ela nem a filha podiam ser suspeitadas de intenções interesseiras; seus sentimentos pareciam puros de qualquer mesquinharia; à menor dificuldade financeira levantada por Paulo, elas tinham o direito de afastar-se a uma distância incomensurável; tinha, finalmente, sobre o futuro genro uma ascendência invencível.

— Sendo assim — disse Solonet —, quais são as últimas concessões que quer fazer?

— O mínimo possível — disse ela, rindo.

— Resposta de mulher — exclamou Solonet. — A senhora deseja muito casar a srta. Natália?

— Sim.

— Quer uma quitação do milhão e cento e cinquenta e seis mil francos dos quais é devedora conforme a conta de tutela a apresentar ao genro?

— Sim.

— Quanto quer reservar para a senhora?

— Trinta mil francos de renda, no mínimo — respondeu ela.

— É questão de vida ou de morte?

— Sim.

— Pois bem, vou pensar nos meios necessários para conseguir isso, pois precisamos de muita habilidade e de orientar muito bem nossas forças. Logo que chegar eu lhe darei algumas instruções. Execute-as fielmente e posso desde já predizer-lhe um êxito completo. O conde Paulo ama a srta. Natália? — perguntou, levantando-se.

— Adora-a.

— Não basta isso. Deseja-a como mulher a ponto de passar por cima de algumas dificuldades pecuniárias?

— Sim.

— Aí está o que eu chamo de *Haver* nos predicados de uma moça! — exclamou o tabelião. — Pois faça-a bem bonita esta noite — acrescentou ele, com uma expressão maliciosa.

— Temos o mais lindo vestido do mundo.

— O vestido do contrato contém, na minha opinião, a metade das doações — disse Solonet.

Este último argumento pareceu tão importante à sra. Evangelista que ela quis ajudar Natália a vestir-se, tanto para fiscalizar como para fazer do vestuário um cúmplice inocente de sua conspiração financeira. Penteada à Sévigné, com um vestido de *cashmere* branca enfeitado de laços cor-de-rosa, a filha pareceu-lhe tão linda que pressentiu a vitória. Quando a criada saiu e a sra. Evangelista ficou certa de que ninguém mais a ouviria, arranjou uns cachos no penteado da filha, a título de preâmbulo.

— Filha querida, amas sinceramente mesmo o sr. de Manerville? — perguntou-lhe, com uma voz aparentemente firme.

A mãe e a filha trocaram um estranho olhar.

— Por que, mamãezinha, só hoje me fazes esta pergunta? Por que me deixaste

conhecê-lo?

— Se fosse preciso que nos deixássemos para sempre, persistirias nesse casamento?

— Renunciaria a ele e não morreria de desgosto por isso.

— Não amas, minha querida — disse a mãe, beijando-lhe a fronte.

— Mas, mamãe, por que estás bancando o grande inquisidor?

— Eu queria saber se estás disposta ao casamento sem estar louca pelo marido.

— Eu o amo.

— Tens razão, ele é conde, faremos dele um par da França para nós duas; mas vamos ter de enfrentar algumas dificuldades.

— Dificuldades entre pessoas que se amam? Não. O *Fleur-de-Pois* está bem plantado aqui, mãezinha querida — disse ela, apontando para o coração com um gesto delicado —, para que vá fazer a menor objeção. Tenho certeza disso.

— E se não fosse assim? — disse a sra. Evangelista.

— Ele seria completamente esquecido — respondeu Natália.

— Bem. És uma Casa-Real! Mas, mesmo ele te amando como um louco, se surgissem discussões às quais ele fosse alheio e por cima das quais tivesse que passar, tanto por ti como por mim, Natália, hein? Se, sem ferir de maneira alguma as conveniências, um pouco de amabilidade nas maneiras o decidisse? Que dizes, um nada, uma palavra? Os homens são assim, resistem a uma discussão séria e caem a um simples olhar.

— Compreendo! Uma pancadinha para que Favorito salte o obstáculo — disse Natália, fazendo o gesto de quem dá uma rebencada no cavalo.

— Meu anjo, não te peço nada parecido com sedução. Temos sentimentos da antiga dignidade castelhana que não nos permitem passar certos limites. O conde Paulo compreenderá minha situação.

— Que situação?

— Tu não a compreenderias. Pois bem, se, após te haver visto em toda tua glória, seu olhar traísse a mínima hesitação — e eu o percebesse! —, garanto-te que no mesmo momento eu romperia com tudo e seria capaz de liquidar minha fortuna, deixar Bordeaux e ir para Douai, para a casa dos Claës, que, apesar de tudo, são nossos parentes por sua aliança com os Temninck. Depois, eu te casaria com um par da França, mesmo que tivesse de me refugiar num convento a fim de te dar toda minha fortuna.

— Mamãe, que é preciso fazer, então, para impedir tais desgraças? — disse Natália.

— Nunca te vi tão linda, minha filha! Sê um pouco coquete e tudo sairá bem.

A sra. Evangelista deixou Natália pensativa e foi vestir-se de maneira a poder sustentar o paralelo com a filha. Se Natália devia ficar atraente para Paulo, não devia a viúva inflamar Solonet, seu defensor? A mãe e filha estavam em pé de guerra quando Paulo se apresentou com o ramo de flores que havia alguns meses costumava levar todos os dias a Natália. Depois, os três puseram-se a conversar à espera dos dois tabeliães.

Esse dia foi para Paulo a primeira escaramuça dessa longa e fatigante guerra denominada casamento. É necessário, portanto, fixar as forças de cada partido, a situação dos corpos beligerantes e o terreno sobre o qual deviam manobrar. Para sustentar uma luta cuja importância lhe escapava inteiramente, Paulo tinha como único defensor seu velho tabelião, Mathias. Um e outro iam ser surpreendidos sem defesa por um acontecimento inesperado, apossados por um inimigo cujo argumento já estava preparado e forçados a tomar uma decisão sem tempo de refletir. Mesmo assistido por Cujas e Bartholomew, em pessoa, que homem não teria sucumbido? Como pensar em perfídia onde tudo parece fácil e natural? Que poderia Mathias sozinho contra a sra. Evangelista, contra Solonet e contra Natália, sobretudo levando em conta que seu apaixonado cliente passaria para o inimigo logo que as dificuldades ameaçassem sua felicidade? Paulo já estava caindo nas mãos do adversário através das belas frases em uso entre namorados, mas às quais sua paixão emprestava, naquele momento, enorme valor aos olhos da sra. Evangelista, que o incitava a comprometer-se.

Condottieri matrimoniais que se iam digladiar pelos clientes e cujas forças pessoais eram decisivas nesse solene encontro, os dois tabeliães representavam os antigos e os novos costumes, o antigo e o novo tabelionato.

Mestre Mathias era um bom velho de sessenta e nove anos que se orgulhava de seus vinte anos de exercício do cargo. Seus grandes pés de gotoso, calçados com sapatos ornados de fivelas de prata, terminavam pernas tão finas, de rótulas tão salientes, que quando se cruzavam se diriam os dois ossos que figuram acima dos epitáfios. As pequenas coxas magras, perdidas dentro de largos calções pretos com fivelas, pareciam vergar sob o peso dum ventre redondo e dum busto desenvolvido como o das pessoas de gabinete, uma grande bola empacotada numa casaca verde

de abas quadradas, que ninguém se lembrava de ter visto nova. Os cabelos, bem alisados e empoados, juntavam-se numa pequena cauda de rato sempre metida entre a gola da casaca e a do colete branco floreado. Com sua cabeça redonda, seu rosto da cor duma folha de parreira, seus olhos azuis, seu nariz em trombeta, sua boca de lábios grossos e sua papada, o bom homenzinho provocava, em toda parte onde aparecia sem ser conhecido, o riso generosamente concedido pelos franceses às criações ridículas que a natureza se permite, que a arte se diverte em exagerar e que denominamos caricaturas. Mas, em mestre Mathias, o espírito triunfara sobre a forma, as qualidades da alma haviam vencido as singularidades do corpo. A maioria dos bordeleses testemunhava-lhe um respeito amistoso, uma deferência cheia de estima. A voz do tabelião conquistava os corações, fazendo ressoar neles a eloquência da probidade. Sua única astúcia consistia em ir diretamente aos fatos, derrotando as más intenções por perguntas precisas. Sua visão rápida e seu grande hábito dos negócios conferiam-lhe esse dom divinatório que permite chegar ao fundo das consciências e ler ali os pensamentos secretos. Embora grave e sério nos negócios, esse patriarca tinha a jovialidade de nossos antepassados. Era ele que devia presidir aos cânticos à mesa, admitir e conservar as solenidades de família, celebrar os aniversários, os dias da festa das avós e das crianças, enterrar com cerimônia a árvore de Natal; tinha de gostar de levantar brindes, fazer surpresas e oferecer ovos de Páscoa; devia acreditar nas obrigações de padrinho e não abandonar nenhum dos costumes que coloriam a vida de outrora. Mestre Mathias era um nobre e respeitável remanescente desses tabeliães, grandes homens obscuros, que recebiam milhões sem passar recibos, mas os devolviam nas mesmas bolsas amarradas com os mesmos cordões; que executavam ao pé da letra os fideicomissos, encaminhavam decentemente os inventários, se interessavam como segundos pais pelos interesses dos clientes, barravam às vezes o caminho diante dos dissipadores e a quem as famílias confiavam seus segredos; era, enfim, um desses tabeliães que se consideravam responsáveis por seus erros nos atos e meditavam longamente sobre eles. Nunca, em sua vida de tabelião, um cliente teve de se queixar duma colocação de capital perdida, duma hipoteca malfeita ou mal garantida. Sua fortuna, lenta mas honestamente adquirida, só a conseguira após trinta anos de atividade e de economia. Estabelecera catorze de seus escreventes. Religioso e generoso incógnito, Mathias se achava em toda parte onde se praticasse o bem sem recompensa. Membro ativo da comissão dos hospitais e da comissão de

beneficência, subscrevia as mais altas quantias nas contribuições voluntárias destinadas a socorrer os infortúnios súbitos, a fundar algum estabelecimento útil. Por isso, ele e sua esposa não tinham carruagem e também por isso sua palavra era sagrada, seus sócios guardavam tanto dinheiro como o banco, chamavam-no de *bom sr. Mathias*, e quando morreu houve três mil pessoas em seu enterro.

Solonet era o tipo do tabelião jovem que chega cantarolando, afeta uma atitude despreocupada, pretende que os negócios se resolvem tão bem rindo como conservando-se sério; o tabelião capitão da guarda nacional que se zanga por ser tomado por tabelião e pleiteia a cruz da Legião de Honra, que tem carruagem, manda os escreventes verificar os documentos; o tabelião que vai aos bailes, ao teatro, compra quadros e joga cartas, que tem um cofre onde se derramam os depósitos e restitui em notas de dinheiro o que recebe em ouro; o tabelião que acompanha a época e arrisca os capitais em colocações duvidosas, especula e quer deixar o cargo com trinta mil francos de renda após dez anos de notariado; o tabelião cuja ciência provém de sua duplicidade, mas que muitos temem como um cúmplice que conhece seus segredos; enfim, o tabelião que vê no cargo um meio de casar-se com alguma herdeira instruída.

Quando o esbelto e louro Solonet, frisado, perfumado, calçado como um jovem galã de opereta, vestido como um elegante cuja tarefa mais importante é um duelo, entrou, precedendo seu velho confrade, retardado por um excesso de gota, os dois homens reproduziram ao natural uma dessas caricaturas intituladas ontem e hoje, que tanto êxito alcançaram durante o Império. Se a sra. e a srta. Evangelista, que não conheciam o *bom sr. Mathias*, tiveram no primeiro momento uma leve vontade de rir, ficaram logo sensibilizadas pela graça com que ele as saudou. As palavras do bom velhote exalaram essa amenidade que os velhos amáveis sabem espalhar tanto nas ideias como na forma como as exprimem. O jovem tabelião, com seu modos vivos, ficou assim em situação de inferioridade. Mathias testemunhou a superioridade de seu trato social pela maneira discreta como se dirigiu a Paulo. Sem comprometer seus cabelos brancos, respeitou a nobreza num moço mostrando que a velhice também tem direito a algumas honrarias e que todos os direitos sociais são solidários. O cumprimento e o boa-tarde de Solonet, pelo contrário, tinham sido a expressão duma perfeita igualdade, que feria as pretensões das pessoas de sociedade e o ridicularizava aos olhos dos verdadeiros nobres. O jovem tabelião fez um gesto muito familiar à sra. Evangelista para convidá-la a conversar num vão da

janela. Durante alguns momentos, falaram-se ao ouvido, deixando escapar alguns risinhos, certamente para dissimular a importância da palestra, pela qual mestre Solonet comunicou o plano de batalha à sua soberana.

— Mas — disse ele, ao terminar — terá coragem de vender seu palácio?

— Perfeitamente — disse ela.

A sra. Evangelista não quis dizer a seu tabelião a razão desse heroísmo, que o surpreendeu: o zelo de Solonet poderia arrefecer se ele soubesse que sua cliente ia deixar Bordeaux. Nem mesmo dissera nada disso a Paulo, a fim de não assustá-lo com o vulto das barreiras que se deve enfrentar nas primeiras atividades duma vida política.

Após o jantar, os dois plenipotenciários deixaram os namorados junto da mãe e dirigiram-se a uma sala vizinha, destinada à sua conferência. Desenrolou-se, então, uma dupla cena: ao lado da chaminé da grande sala, uma cena de amor na qual a vida aparecia risonha e alegre; na outra peça, uma cena grave e sombria na qual o interesse ensaiava, em sua nudez, o papel que representa sob as aparências floridas da vida.

— Caro mestre — disse Solonet a Mathias —, o documento ficará em seu cartório. Conheço minha obrigação para com meu colega mais velho.

Mathias agradeceu gravemente.

— Mas — continuou Solonet, desdobrando um projeto de documento inútil que fizera rabiscar por um escrevente — como somos a parte oprimida, pois somos a noiva, redigi o contrato para poupar-lhe esse trabalho. Casamo-nos com nossos direitos, sob o regime de comunhão de bens; doação geral de nossos bens, um ao outro, em caso de morte sem herdeiro, e, no caso contrário, doação dum quarto em usufruto e um quarto em nua propriedade; a quantia reservada para a comunidade será constituída da quarta parte dos bens de cada um; o sobrevivente ficará com o mobiliário, sem ser obrigado a fazer inventário. Tudo é muito simples.

— Ta-ta-ta-tá — disse Mathias —, não resolvo os casos como quem trauteia uma ária. Quais são seus direitos?

— Quais são os seus? — disse Solonet.

— Nosso dote — disse Mathias — é a propriedade de Lanstrac, que rende vinte e três mil francos em dinheiro, sem contar os rendimentos em gêneros. *Item*, as herdades do Grassol e do Guadet, representando cada uma três mil e seiscentos francos de renda. *Item*, o vinhedo de Bellerose, que rende, nos anos normais,

dezesseis mil francos; total, quarenta e seis mil e duzentos francos de renda. *Item*, um palácio patrimonial em Bordeaux, taxado em novecentos francos. *Item*, uma bela casa com pátio e jardim, situada em Paris, à rue de la Pépinière, taxada em mil e quinhentos francos. Essas propriedades, cujas escrituras estão em meu poder, provêm da herança de nossos pais, exceto a casa de Paris, que foi adquirida por nós. Temos de contar ainda o mobiliário de nossas duas casas e o do castelo de Lanstrac, avaliados em quatrocentos e cinquenta mil francos. Aí está a mesa, a toalha e o primeiro serviço. Que traz o senhor para o segundo serviço e a sobremesa?

— Nossos direitos — disse Solonet.

— Especifique-os, meu caro colega — replicou Mathias. — Que me traz? Onde está o inventário feito após a morte do sr. Evangelista? Mostre-me a liquidação, o emprego do seu capital. Onde está seu capital, se é que há capital? Onde estão suas propriedades, se é que há propriedades? Mostre-me logo uma conta da tutela e diga-nos quanto é que sua mãe lhe dá ou lhe garante.

— O sr. conde de Manerville ama a srta. Evangelista?

— Quer casar-se com ela se todas as conveniências se harmonizarem — disse o velho tabelião. — Não sou criança, estamos tratando de nossos negócios, e não de nossos sentimentos.

— O negócio fracassará se os senhores não tiverem sentimentos generosos: eis por quê — replicou Solonet. — Não fizemos inventário após a morte de nosso marido, éramos espanhola, das colônias e não conhecíamos as leis francesas. Além disso, estávamos demasiadamente abatidas pela dor para pensar em miseráveis formalidades que enchem os corações frios. É público e notório que éramos adoradas pelo falecido e que o choramos imensamente. Se temos uma liquidação precedida dum começo de inventário, agradeça-o a nosso tutor substituto, que nos obrigou a estabelecer uma situação e a reconhecer à nossa filha uma certa fortuna, no momento em que tivemos de retirar de Londres títulos ingleses de renda cujo capital era imenso para tornar a colocá-lo em Paris, onde duplicamos seus juros.

— Não me diga tolices! Há meios de controle. Quanto pagaram de imposto de herança? Essa quantia bastará para fazermos o cálculo. Vá diretamente ao fato. Diga-nos francamente quanto lhe tocava e quanto lhe resta. Depois veremos se estamos demasiadamente apaixonados.

— Se quer casar-se conosco por dinheiro, pode dar o fora. Temos direito a mais de um milhão; mas resta à nossa mãe apenas este palácio, seu mobiliário e

quatrocentos e poucos mil francos empregados em 1817, a cinco por cento, dando quarenta mil francos de renda.

— E como levam uma vida que exige cem mil francos de renda? — exclamou Mathias, aterrado.

— Nossa filha tem-nos custado os olhos da cara. Além disso, gostamos de gastar. Enfim, suas jeremiadas não nos ajudarão a encontrar dois vinténs.

— Com os cinquenta mil francos de renda que pertenciam à srta. Natália, podia tê-la criado ricamente sem se arruinar. Mas se enquanto solteira sempre comeu com tanto apetite, não irá devorar quando estiver casada?

— Deixe-nos, então — disse Solonet. — A moça mais linda do mundo deve poder comer mais do que tem.

— Vou dizer duas palavras a meu cliente — replicou o velho tabelião.

“Vai, vai, velho tio Cassandra. Vai dizer a teu cliente que estamos quebrados”, pensou mestre Solonet, que, no silêncio do gabinete, dispusera estrategicamente suas forças, alinhara suas frases, ensaiara as réplicas da discussão e preparara a situação em que as partes, julgando tudo perdido, se veriam diante duma feliz transação na qual triunfaria sua cliente.

O vestido branco de laços cor-de-rosa, as espirais à Sévigné, o pezinho de Natália, seus olhares maliciosos, sua linda mão sempre ocupada em reparar a desordem dos cachos que não se desarranjavam, as manobras duma moça que se exibia vaidosamente como um pavão ao sol levaram Paulo ao ponto em que a futura sogra queria vê-lo: estava ébrio de desejos e cobiçava a noiva como um ginasião pode cobiçar uma cortesã; seus olhares, fiel termômetro da alma, indicavam esse grau de paixão no qual um homem comete mil asneiras.

— Natália está tão linda — disse ao ouvido da sogra — que compreendo o delírio que nos leva a pagar um prazer com a morte.

A sra. Evangelista respondeu sacudindo a cabeça.

— Palavras de apaixonado! Meu marido não me dizia nenhuma dessas belas frases, mas desposou-me, embora eu fosse pobre, e durante treze anos nunca me deu o mínimo desgosto.

— É uma lição que está me dando? — disse Paulo, rindo.

— Sabe como o estimo, filho querido! — disse, apertando-lhe a mão. — Aliás, é preciso que o queira muito para lhe dar minha Natália!

— Dar-me, dar-me! — disse a moça rindo e agitando um leque de plumas de

pássaros indianos. — Que estão dizendo em voz baixa?

— Eu estava dizendo — respondeu Paulo — o quanto a amo, pois as conveniências me impedem de exprimir-lhe meus desejos.

— Por quê?

— Tenho medo de mim.

— Oh! O senhor tem suficiente inteligência para adornar uma mulher com as joias do elogio. Quer que eu lhe diga minha opinião a seu respeito...? Pois bem, acho que tem mais espírito do que costuma ter um homem apaixonado. Ser o *Fleur-des-Pois* e conservar-se muito inteligente — disse ela, baixando os olhos — é ter muitas vantagens ao mesmo tempo: um homem deveria optar. Eu também tenho medo!

— De quê?

— Não falemos assim. Não acha, mamãe, que esta conversa é perigosa, visto que nosso contrato ainda não está assinado?

— Mas vai sê-lo — disse Paulo.

— Eu tinha vontade de saber o que estão dizendo Aquiles e Nestor. — disse Natália, indicando com um olhar de curiosidade infantil a porta duma saleta.

— Estão falando de nossos filhos, de nossa morte e de outras frivolidades semelhantes; contam nosso dinheiro para ver se poderemos ter sempre cinco cavalos na estrebaria. Tratam, também, de doações, mas eu os preveni.

— Como? — perguntou Natália.

— Já não me dei inteiramente? — disse ele, fitando a moça, cuja beleza redobrou quando a alegria causada por essa resposta corou seu rosto.

— Mamãe, como posso agradecer tanta generosidade?

— Querida filha, não tens toda a tua vida para corresponder a isso? Saber fazer a felicidade de cada dia não é levar inesgotáveis tesouros? Eu não tinha outra coisa por dote.

— Gosta de Lanstrac? — disse Paulo a Natália.

— Como não gostaria duma coisa sua? — disse ela. — Gostaria muito, também, de ver sua casa.

— Nossa casa — disse Paulo. — Certamente quer saber se prevê seus gostos, se se dará bem lá. A senhora sua mãe tornou difícil a tarefa dum marido, você tem sido muito feliz; mas, quando o amor é infinito, nada lhe é impossível.

— Queridos filhos — disse a sra. Evangelista —, poderão ficar em Bordeaux

durante os primeiros dias do casamento? Se sentem coragem para afrontar a sociedade que os conhece, os espia, os incomoda, está bem! Mas se sentem ambos esse pudor de sentimento que se esconde na alma e não se exprime, iremos a Paris, onde a vida dum casal jovem se perde na torrente. Somente lá poderão ficar como dois apaixonados, sem ter de recear o ridículo.

— Tem razão, mamãe, não pensei nisso. Mas mal terei tempo de preparar minha casa. Esta noite escreverei a de Marsay, o amigo com quem posso contar para fazer os operários trabalharem depressa.

No momento em que, como os moços habituados a satisfazer seus prazeres sem cálculo prévio, Paulo se metia inconsideradamente nas despesas duma temporada em Paris, mestre Mathias entrou no salão e fez um sinal ao cliente para que fosse falar com ele.

— Que há, meu amigo? — disse Paulo, deixando-se levar a um canto.

— Senhor conde — disse o bom homem —, não há nada de dote. Minha opinião é de adiar a conferência a fim de que o senhor possa tomar uma decisão conveniente.

— Sr. Paulo — disse Natália —, também quero dizer-lhe uma palavra em particular.

Embora a atitude da sra. Evangelista fosse calma, jamais um judeu da Idade Média sofreu na caldeira cheia de óleo em ebulição o martírio que ela sofreu no seu vestido de veludo roxo. Solonet garantira-lhe o casamento, mas ela ignorava os meigos, as condições do êxito, e padecia a horrível angústia das alternativas. E talvez tenha devido o triunfo à desobediência da filha. Natália soube interpretar as palavras da mãe, cuja inquietação era evidente para ela. Quando viu o êxito de seu coquetismo, sentiu-se ferida no coração por mil pensamentos contraditórios. Sem censurar a mãe, envergonhou-se dessa manobra cujo preço era um lucro qualquer. Depois, foi acometida duma curiosidade ciumenta bastante compreensível. Quis saber se Paulo a amava o suficiente para transpor as dificuldades previstas pela mãe e que lhe eram anunciadas pela fisionomia um pouco sombria de mestre Mathias. Esses sentimentos a impeliram a um gesto de lealdade que, aliás, a colocava muito bem. A mais negra perfídia não teria sido tão perigosa como foi sua inocência.

— Paulo — disse-lhe em voz baixa, tratando-o assim pela primeira vez —, se algumas dificuldades financeiras nos separarem, saiba que o desobrigo de seus compromissos e o autorizo a lançar sobre mim o descrédito duma ruptura de noivado.

Ela empregou uma tão profunda dignidade na expressão de sua generosidade que Paulo acreditou no desinteresse de Natália, em sua ignorância do fato que seu tabelião acabara de revelar-lhe; apertou a mão da moça e beijou-a como um homem a quem o amor era mais caro que o dinheiro. Natália saiu.

— Que diabo! Senhor conde, está fazendo bobagens — resmungou o velho tabelião, indo ao encontro do cliente.

Paulo ficou pensativo: esperava ficar com cerca de cem mil francos de renda unindo sua fortuna à de Natália e, por mais apaixonado que esteja um homem, não é sem emoção que passa de cem a quarenta mil francos de renda, ao receber uma mulher habituada ao luxo.

— Minha filha não está aqui — interveio a sra. Evangelista, que avançou altivamente em direção do genro e do tabelião. — Podem dizer-me que é que há?

— Senhora — replicou Mathias, atemorizado com o silêncio de Paulo —, surgiu um impedimento dilatatório...

Ao ouvir essa frase, Solonet saiu da saleta e cortou a palavra ao velho colega com uma frase que restituiu a vida a Paulo. Oprimido pela recordação de suas frases galantes, por sua atitude apaixonada, Paulo não sabia como desmenti-las nem como modificá-las. Teve vontade de poder jogar-se num abismo.

— Há um meio de desobrigar a senhora para com a filha — disse o jovem tabelião com uma atitude despreocupada. — A sra. Evangelista possui quarenta mil francos de renda em inscrições a cinco por cento, cujo capital logo estará ao par, se não o ultrapassar; assim, podemos calculá-lo em oitocentos mil francos. Este palácio e o jardim valem bem duzentos mil francos. Nestas condições, a senhora pode transferir para o contrato a nua propriedade desses valores à filha, pois não creio que o senhor tenha intenção de deixar a sogra sem recursos. Se a senhora gastou sua fortuna, restitui a da filha, com uma diferença insignificante.

— As mulheres são muito infelizes por não entender de negócios — disse a sra. Evangelista. — Tenho nuas propriedades? Que é isso, meu Deus?

Paulo estava numa espécie de êxtase ao ouvir essa proposta. O velho tabelião, ao ver a armadilha preparada a seu cliente já preso por um pé, ficou petrificado, dizendo consigo:

“Acho que estão brincando conosco!”

— Se a senhora seguir meu conselho, assegurará sua tranquilidade — disse o jovem tabelião, continuando. — Já que se vai sacrificar, é preciso que não a

atoremtem. Não se pode prever o futuro. O senhor conde reconhecerá, pois, pelo contrato, ter recebido a importância total que tocou à srta. Evangelista da herança do pai.

Mathias não pôde reprimir a indignação que brilhou em seus olhos e lhe corou o rosto.

— E essa soma — disse, trêmulo — é de...?

— Um milhão e cento e cinquenta e seis mil francos, de acordo com o documento...

— Por que não pede ao senhor conde que faça *hic et nunc* a desistência de sua fortuna à futura esposa? — disse Mathias. — Seria mais leal do que o que o senhor nos propõe. A ruína do conde de Manerville não se consumará diante de meus olhos. Retiro-me.

Deu um passo em direção à porta, a fim de esclarecer o cliente sobre a gravidade das circunstâncias; mas voltou e, dirigindo-se à sra. Evangelista:

— Não vá pensar, minha senhora, que eu a considere solidária com as ideias de meu colega; tenho-a por uma senhora honesta, uma grande fidalga que não entende de negócios.

— Muito obrigado, meu caro colega — disse Solonet.

— O senhor sabe muito bem que entre nós nunca há injúria — respondeu-lhe Mathias. — Minha senhora, fique sabendo, pelo menos, o resultado dessas cláusulas. A senhora, jovem e muito bonita como é, facilmente se casará de novo. Oh, meu Deus — disse o velho, a um gesto da sra. Evangelista —, quem pode responder por si?

— Eu não julgava, senhor — disse a sra. Evangelista —, que após ter ficado viúva durante sete longos anos e ter recusado brilhantes partidos por amor à minha filha, me considerassem capaz, aos trinta e nove anos, duma loucura dessas! Se não estivéssemos tratando de negócios, eu consideraria essa suposição uma insolência.

— Não seria maior insolência achar que a senhora não poderia se casar?

— Querer e poder são duas palavras muito diferentes — disse galantemente Solonet.

— Pois bem — disse mestre Mathias —, não falemos de seu casamento. A senhora pode, e todos nós o desejamos, viver ainda quarenta e cinco anos. Ora, como a senhora ficará com o usufruto da fortuna do sr. Evangelista, seus filhos se alimentarão de brisa enquanto a senhora viver?

— Que significa essa frase? Que querem dizer *brisa* e *usufruto*?

Solonet, homem de bom gosto e elegante, pôs-se a rir.

— Vou traduzi-la — respondeu o bom velho. — Se seus filhos forem prudentes, pensarão no futuro. Pensar no futuro é economizar metade dos rendimentos, supondo que só venham dois filhos, aos quais terão de dar, primeiro, uma boa educação, e, depois um grande dote. Sua filha e seu genro ficarão, assim, reduzidos a vinte mil francos de renda, quando um e outro gastavam cinquenta mil quando solteiros. Isso ainda não é nada. Meu cliente terá de entregar um dia a seus filhos um milhão e cem mil francos da fortuna de sua mãe e ainda não os terá recebido, se sua esposa tiver morrido e a senhora continuar viva, o que bem pode acontecer. Em consciência, assinar um contrato assim não é o mesmo que atirar-se de mãos e pés amarrados no Gironda? A senhora quer fazer a felicidade de sua filha? Se ela ama o marido, sentimento de que os tabeliães nunca duvidam, há de tomar para si suas aflições. E já as vejo suficientemente grandes para fazerem-na morrer de pesar, pois ficará na miséria. Sim, minha senhora, para quem precisa de cem mil francos de renda, ter apenas vinte mil é a miséria. Se o senhor conde fizesse loucuras por amor, sua esposa o arruinaria ao repeti-las, quando surgisse algum infortúnio. Estou advogando aqui, pela senhora, por eles, por seus filhos, por todos.

“O velhote disparou todos os seus canhões”, pensou mestre Solonet, dirigindo à cliente um olhar para dizer-lhe: — Continue.

— Há um meio de conciliar esses interesses — respondeu com calma a sra. Evangelista. — Posso reservar-me unicamente uma pensão suficiente para entrar num convento e terão meus bens desde já. Posso renunciar ao mundo, se minha morte antecipada assegura a felicidade de minha filha.

— Minha senhora — disse o velho tabelião —, vamos esperar o tempo necessário para refletir maduramente sobre uma solução que harmonize todas as dificuldades.

— Eh! Meu Deus — disse a sra. Evangelista, que via sua derrota num adiamento —, tudo já está refletido. Eu ignorava o que fosse um casamento na França. Sou espanhola e colonial. Eu ignorava que, antes de casar, minha filha precisasse saber o número de dias que Deus ainda me concederá, que minha filha fosse prejudicada por eu continuar a viver, que eu praticasse algum mal por viver e ter vivido. Quando meu marido me desposou, eu só tinha meu nome e minha pessoa. Meu nome, apenas, valia para ele tesouros diante dos quais os seus empalideciam. Que fortuna equivale a um nome ilustre? Meu dote era a beleza, a virtude, a felicidade, a origem,

a educação. Acaso o dinheiro dá esses tesouros? Se o pai de Natália ouvisse nossa palestra, sua alma generosa ficaria eternamente magoada e isto estragaria sua ventura no paraíso. Dissipei, talvez loucamente!, alguns milhões, sem que jamais suas sobranceiras tenham feito um movimento. Depois de sua morte, tornei-me econômica e metódica em comparação com a vida que ele queria que eu levasse. Portanto, acabemos a discussão! O sr. de Manerville está tão abatido que eu...

Nenhuma onomatopeia pode traduzir a confusão e a desordem que as palavras “Acabemos a discussão” trouxeram à conversa. Basta dizer que as quatro pessoas, tão bem-educadas, falaram ao mesmo tempo.

— Na Espanha, a gente se casa à espanhola e como quer; mas na França, a gente se casa à francesa, razoavelmente, e como pode! — dizia Mathias.

— Ah, senhora! — exclamou Paulo, saindo de seu assombro. — Engana-se a respeito de meus sentimentos.

— Não se trata de sentimentos — disse o velho tabelião, procurando deter o cliente —, estamos tratando dos negócios de três gerações. Fomos nós que consumimos os milhões ausentes, nós que apenas pedimos para resolver dificuldades de que somos inocentes?

— Despose-nos e não regateie — dizia Solonet.

— Regatear! Regatear! Chama de regatear defender os interesses dos filhos, do pai e da mãe! — dizia Mathias.

— Sim — dizia Paulo à sogra, continuando —, deploro os esbanjamentos de minha mocidade, que não me permitem encerrar esta discussão com uma palavra, assim como a senhora deplora sua ignorância dos negócios e sua atrapalhão involuntária. Deus é testemunha de que não penso em mim neste momento, uma vida modesta em Lanstrac não me assusta; mas a srta. Natália não terá de renunciar a seus caprichos, a seus hábitos? Isso modificará nossa vida.

— Onde ia o sr. Evangelista buscar seus milhões? — disse a viúva.

— O sr. Evangelista fazia negócios, jogava o grande jogo dos comerciantes, expedía navios e ganhava somas consideráveis. Nós somos apenas um proprietário cujo capital está empregado e cujos rendimentos são inflexíveis — respondeu vivamente o velho tabelião.

— Ainda há um meio de conciliar tudo — disse Solonet, que, com essa frase proferida em tom de falsete, impôs silêncio aos outros três, atraindo seus olhares e sua atenção.

O jovem tabelião parecia um hábil cocheiro que segura as rédeas de duas parelhas de cavalos e se diverte em incitá-los e contê-los. Desencadeava as paixões e alternadamente as acalmava, fazendo Paulo, cuja vida e cuja felicidade estavam a todo momento em risco, suar sob os arreios, assim como sua cliente, que não via nada claro através das reviravoltas da discussão.

— A sra. Evangelista — disse, após uma pausa — pode desistir hoje mesmo das inscrições a cinco por cento e vender seu palácio. Conseguirei trezentos mil francos, explorando-o por lotes. Dessa importância, ela lhe dará cento e cinquenta mil francos. Assim, a sra. Evangelista lhe entregará novecentos e cinquenta mil francos imediatamente. Embora não seja isso o que ela deve à filha, descubram muitos dotes semelhantes na França!

— Bem — disse mestre Mathias —, mas como viverá a senhora?

A essa pergunta, que deixava supor um assentimento, Solonet disse consigo: “Aí, meu velho lobo, já te peguei!”.

— A senhora? — respondeu em voz alta o jovem tabelião. — Ficaré com os cinquenta mil escudos restantes do preço de seu palácio. Essa quantia, com o produto da venda do mobiliário, pode ser colocada em renda vitalícia e lhe dará vinte mil francos de renda. O senhor conde lhe arranjará uma moradia aqui. Lanstrac é grande. O senhor tem um palácio em Paris — disse, dirigindo-se a Paulo —, a senhora sua sogra pode, pois, morar em qualquer lugar com o senhor. Uma viúva que, sem ter de arcar com as despesas duma casa, possui vinte mil francos de renda, é mais rica do que era a sra. Evangelista enquanto estava no gozo de toda sua fortuna. Ela só tem a filha, o senhor conde também é sozinho, seus herdeiros são afastados, não há nenhuma colisão de interesses a temer. Quando uma sogra e um genro se encontram nas condições em que os senhores estão, sempre formam uma única família. A sra. Evangelista compensará o déficit atual com os benefícios duma pensão que lhes dará de seus vinte mil francos de renda vitalícia, o que também ajudará sua vida. Sabemos que a senhora é generosa, muito nobre, para supor que ela quisesse ser pesada aos filhos. Assim, viverão juntos, felizes, podendo dispor de cem mil francos por ano, quantia suficiente, não é, senhor conde?, para desfrutar em qualquer lugar as alegrias da vida e satisfazer seus caprichos. E, acreditem, os recém-casados sentem, muitas vezes, necessidade duma terceira pessoa em casa. Ora, pergunto, pode haver um terceiro mais afetuoso que uma boa mãe...?

Enquanto ouvia Solonet falar, Paulo julgava estar ouvindo um anjo. Olhou para

Mathias, para ver se ele não participava de sua admiração pela calorosa eloquência de Solonet, pois ignorava que, sob os fingidos arrebatamentos de suas palavras apaixonadas, os tabeliães, como os advogados, ocultam a frieza e a contínua atenção dos diplomatas.

— Um pequeno paraíso! — exclamou o velho.

Assombrado com a alegria do cliente, Mathias foi sentar-se num sofá, com a cabeça apoiada numa das mãos, mergulhado numa meditação evidentemente penosa. Conhecia a obscura fraseologia na qual os homens de negócios envolvem de propósito suas astúcias e não era homem que se deixasse lograr. Pôs-se a observar furtivamente o colega e a sra. Evangelista, que continuaram conversando com Paulo, e procurou surpreender alguns indícios da conspiração cuja trama tão habilmente urdida já começava a se revelar.

— Senhor — disse Paulo a Solonet —, agradeço seu esforço para conciliar nossos interesses. Este acordo resolve todas as nossas dificuldades mais satisfatoriamente do que eu esperava; isso naturalmente se lhe convier, senhora — acrescentou, dirigindo-se à sra. Evangelista —, pois não desejo nada que também não lhe convenha.

— Por mim — replicou ela —, tudo quanto fizer a felicidade de meus filhos me encherá de alegria. Não se preocupem comigo.

— Mas não pode ser assim — disse Paulo, com firmeza. — Se sua vida não ficasse dignamente assegurada, Natália e eu sofreríamos mais do que a senhora mesma.

— Fique descansado, senhor conde — replicou Solonet.

“Ah”, pensou mestre Mathias, “vão fazê-lo pedir perdão antes de açoitá-lo!”

— Tranquiline-se — dizia Solonet. — Atualmente estão fazendo tantas especulações em Bordeaux que os títulos de rendas vitalícias são negociados a taxas vantajosas. Após ter descontado do valor do palácio e do mobiliário os cinquenta mil escudos que lhe devemos, creio que posso garantir à senhora que lhe sobrarão duzentos e cinquenta mil francos. Encarrego-me de empregar essa quantia em renda vitalícia por primeira hipoteca sobre bens do valor de um milhão, e conseguir dez por cento, ou seja, vinte e cinco mil francos de renda. Uniremos assim, com pequena diferença, fortunas iguais. Com efeito, contra seus quarenta e seis mil francos de renda, a srta. Natália traz quarenta mil francos de renda a cinco por cento, e cento e cinquenta mil francos em dinheiro, suscetíveis de dar sete mil francos de renda: total, quarenta e sete.

— É evidente — disse Paulo.

Ao terminar a frase, mestre Solonet dirigira à cliente um olhar oblíquo, percebido por Mathias, e que queria dizer: “Lance a reserva!”.

— Além disso — exclamou a sra. Evangelista, num ímpeto de alegria que não pareceu fingido —, posso dar a Natália meus diamantes, que devem valer cem mil francos pelo mínimo.

— Podemos mandar avaliá-los — disse o tabelião —, e isto altera completamente a questão. Nada se opõe, assim, a que o senhor conde reconheça haver recebido a integralidade da importância que cabe a Natália da sucessão de seu pai e que os futuros esposos aprovelem por ocasião do contrato a conta de tutela. Se a senhora, despojando-se com uma lealdade inteiramente espanhola, salda suas obrigações com uma diferença de apenas cem mil francos, é justo dar-lhe quitação.

— Nada é mais justo — disse Paulo. — Apenas estou confuso com esse procedimento generoso.

— Minha filha não é como se fosse eu mesma? — disse a sra. Evangelista.

Mestre Mathias notou uma expressão de alegria no rosto da sra. Evangelista, quando esta viu as dificuldades mais ou menos afastadas: essa alegria e a omissão dos diamantes, que chegavam como tropas frescas, confirmaram-lhe todas as suspeitas.

“A cena estava preparada entre eles, como os jogadores preparam as cartas para uma partida na qual vão saquear um tolo”, disse consigo o velho tabelião. “Esse pobre menino que vi nascer será então depenado vivo pela sogra, assado pelo amor e devorado pela esposa? Eu, que cuidei tão bem dessas belas propriedades, hei de vê-las dissipadas numa única noite? Três milhões e meio que serão hipotecados por um milhão e cem mil francos de dote que as duas mulheres lhe farão botar fora...”

Ao descobrir na alma da sra. Evangelista intenções que, sem chegar à perversidade, ao crime, ao roubo, ao embuste, à velhacaria, a nenhum sentimento mau nem mesmo censurável, encerravam, contudo, todas as criminalidades em embrião, mestre Mathias não experimentou pesar nem generosa indignação. Não era o Misanthropo, era um velho tabelião, habituado, pelo ofício, aos espertos cálculos das pessoas da sociedade, a essas hábeis traições mais funestas que um assassinio franco cometido na estrada por um pobre diabo a quem se guilhotina com grande aparato. Para a alta sociedade, esses episódios da vida, esses congressos diplomáticos são como cantinhos vergonhosos onde cada um atira sua roupa suja.

Cheio de compaixão pelo cliente, mestre Mathias corria um longo olhar pelo futuro e nada via de bom nele.

“Entremos em campo com as mesmas armas”, pensou, “e derrotemo-los.”

Nesse momento, Paulo, Solonet e a sra. Evangelista, perturbados pelo silêncio do velho, sentiram o quanto a aprovação do censor era necessária para sancionar a transação, e os três olharam simultaneamente para ele.

— Então, meu caro sr. Mathias, que pensa disto? — disse-lhe Paulo.

— Eis o que penso — respondeu o indomável e consciencioso tabelião. — O senhor não é bastante rico para fazer régias loucuras como essa. A propriedade de Lanstrac, avaliada a três por cento, representa mais de um milhão, incluindo o mobiliário; as herdades do Grassol e do Guadet e o parreiral de Bellerose valem outro milhão; seus dois palácios, como o mobiliário, um terceiro milhão. Contra esses três milhões, que dão quarenta e sete mil e duzentos francos de renda, a sra. Natália traz oitocentos mil francos a juros e, supomos, cem mil francos em diamantes, que me parecem um valor hipotético e mais cento e cinquenta mil francos em dinheiro, ao todo um milhão e cinquenta mil francos! Diante desses fatos, meu colega lhe diz gloriosamente que vamos unir fortunas iguais! Quer que fiquemos onerados de cem mil francos para com os filhos, pois, pela conta de tutela, se a aprovássemos, reconheceríamos à nossa esposa um dote de um milhão e cento e cinquenta e seis mil francos, recebendo apenas um milhão e cinquenta mil! O senhor ouve essas coisas com o encantamento dum apaixonado e acha que mestre Mathias, que não está apaixonado, é capaz de esquecer a aritmética e não notará a diferença existente entre bens territoriais, cujo capital é enorme e vai sempre aumentando, e os rendimentos do dote, cujo capital está sujeito ao acaso e a diminuições de juros. Já sou bastante velho para saber que o dinheiro diminui e as terras aumentam. O senhor me chamou, senhor conde, para estipular seus interesses: deixe-me defendê-los ou despeça-me.

— Se o senhor está procurando uma fortuna igual à sua em capital — disse Solonet —, nós não temos três milhões e meio, nada é mais evidente. Enquanto o senhor possui três esmagadores milhões, nós não podemos oferecer mais que nosso milhãozinho, quase nada!, três vezes o dote duma arquiduquesa da casa da Áustria. Bonaparte recebeu duzentos e cinquenta mil francos ao desposar Maria Luísa.

— Maria Luísa perdeu Bonaparte — resmungou mestre Mathias.

A mãe de Natália apanhou o sentido da frase.

— Se meus sacrifícios são inúteis — exclamou —, não quero levar mais longe uma discussão destas; conto com a discrição do senhor e renuncio à honra de sua mão para minha filha.

Após as evoluções que o jovem notário prescrevera, a batalha de interesses chegara ao termo em que a vitória devia sorrir à sra. Evangelista. A sogra abriu o coração, desfazia-se de seus bens, estava quase desobrigada. Sob pena de faltar às leis da generosidade, de mentir ao amor, o futuro esposo devia aceitar essas condições estabelecidas de antemão entre mestre Solonet e a sra. Evangelista. Como o ponteiro dum relógio movido por seu mecanismo, Paulo chegava fielmente à sua meta.

— Como — exclamou Paulo — poderia a senhora num momento desfazer...?

— Mas, senhor — respondeu ela —, a quem é que devo? À minha filha. Quando ela tiver vinte e um anos, receberá minhas contas e me dará quitação. Possuirá, então, um milhão e poderá, se quiser, escolher entre os filhos de todos os pares da França. Não é ela filha duma Casa-Real?

— A senhora tem razão. Por que há de sofrer hoje um vexame que não sofrerá daqui a catorze meses? Não a prive dos benefícios de sua maternidade — disse Solonet.

— Mathias — exclamou Paulo com profunda mágoa —, há duas espécies de ruínas, e o senhor está me arruinando!

Deu um passo em sua direção, certamente para dizer-lhe que queria que o contrato fosse redigido imediatamente. O velho tabelião evitou esse desastre por meio dum olhar que queria dizer: “Espere”. Depois, viu lágrimas nos olhos de Paulo, lágrimas arrancadas pela vergonha que lhe causava o debate, pela frase peremptória da sra. Evangelista que anunciava um rompimento e as secou por um gesto, o mesmo de Arquimedes ao exclamar: “*Eureka!*”. A expressão “par da França” fora, para ele, como uma tocha num subterrâneo.

Nesse momento apareceu Natália, deslumbrante como a aurora, e disse num tom infantil:

— Sou demais aqui?

— Singularmente demais, minha filha! — respondeu-lhe a mãe com amargura.

— Venha, querida Natália — disse Paulo tomando-a pela mão e levando-a para uma poltrona junto da lareira —, tudo está arranjado.

Fora-lhe impossível suportar o malogro de suas esperanças.

Mathias replicou animadamente:

— Sim, tudo ainda se pode arranjar.

Como o general que, num momento, desfaz os planos do inimigo, o velho tabelião vira o gênio que preside o tabelionato apresentar em caracteres legais uma ideia capaz de salvar o futuro de Paulo e dos filhos. Mestre Solonet não conhecia outro desfecho para essas inconciliáveis dificuldades a não ser uma resolução inspirada ao rapaz pelo amor e para a qual soubera encaminhar aquela tempestade de sentimentos e de interesses contrariados; por isso, ficou imensamente surpreso com a exclamação do colega.

Curioso de conhecer o remédio que mestre Mathias teria descoberto para um estado de coisas que devia parecer-lhe definitivamente perdido, disse-lhe:

— Que propõe?

— Natália, minha querida, deixa-nos a sós — disse a sra. Evangelista.

— A senhorita não é demais aqui — respondeu mestre Mathias, sorrindo. — Vou falar tanto por ela como pelo senhor conde.

Fez-se um profundo silêncio, durante o qual cada um, no meio de grande agitação, esperou a improvisação do velho com uma indizível curiosidade.

— Atualmente — continuou mestre Mathias, depois duma pausa —, a profissão de tabelião tem mudado de aspecto. Atualmente, as revoluções políticas influem sobre o futuro das famílias, o que não acontecia antigamente. Antigamente, as existências eram definidas e as posições determinadas.

— Não estamos aqui para fazer um curso de economia política, e sim para fazer um contrato de casamento — disse Solonet, deixando escapar um gesto de impaciência e interrompendo o velho.

— Peço-lhe que me deixe falar — disse o velhote.

Solonet sentou-se no sofá e disse em voz baixa à sra. Evangelista:

— Agora a senhora vai ouvir o que costumamos chamar de *arenga*.

— Os tabeliões estão, portanto, obrigados a acompanhar a marcha dos negócios políticos, que atualmente estão intimamente ligados aos negócios particulares. Eis aqui um exemplo. Antigamente, as famílias nobres tinham fortunas inabaláveis, que as leis da Revolução destruíram e que o sistema atual tende a reconstituir — continuou o velho tabelião, deixando-se arrastar, assim, pela eloquência do *tabellionaris boa constrictor* (o tabelião-jiboia). Por seu nome, por seu talento, por sua fortuna, o senhor conde está destinado a figurar um dia na Câmara eletiva. É

possível mesmo que a sorte o leve à Câmara hereditária, e sabemos que ele tem meios suficientes para justificar nossas previsões. Não participa da minha opinião, senhora? — perguntou à viúva.

— O senhor adivinhou minha mais ardente esperança — disse ela. — Manerville será par da França ou morrerei de desgosto.

— Está disposta a tudo que nos possa encaminhar a esse fim? — perguntou mestre Mathias, interrogando a astuciosa sogra por um gesto de franqueza.

— Esse é o meu mais caro desejo — respondeu ela.

— Pois bem — continuou Mathias —, este casamento não representa uma oportunidade natural de fundar um morgadio? E essa fundação certamente encontrará apoio no seio do governo para a nomeação de meu cliente, na primeira oportunidade. O senhor conde certamente consagrará a ele a propriedade de Lanstrac, que vale um milhão. Não peço que a senhorita contribua para essa instituição com uma soma igual, não seria justo; mas podemos incluir nela oitocentos mil francos de sua parte. Sei de duas propriedades que estão à venda, junto da de Lanstrac e na qual os oitocentos mil francos a empregar em aquisições territoriais serão colocados um dia a quatro e meio por cento. O palácio de Paris deve igualmente ficar compreendido no morgado. O excedente das duas fortunas, prudentemente administrado, bastará perfeitamente para constituir um patrimônio para os outros filhos. Se as partes contratantes entrarem em acordo sobre essas disposições, o sr. de Manerville poderá aceitar sua conta de tutela e arcar com o saldo. Consinto!

— *Questa coda non è di questo gatto* (essa cauda não é deste gato) — exclamou a sra. Evangelista, olhando para seu patrono Solonet e indicando-lhe Mathias.

— Aqui há gato encerrado — disse-lhe Solonet à meia-voz, respondendo ao italiano por outro provérbio.

— Por que todo esse palavrório? — perguntou Paulo a Mathias, levando-o para a saleta.

— Para impedir sua ruína — respondeu-lhe em voz baixa o velho tabelião. — O senhor quer de qualquer forma desposar uma moça e uma mãe que devoraram dois milhões em sete anos e aceita um débito de mais de cem mil francos para com seus filhos, aos quais terá de prestar contas um dia do milhão e cento e cinquenta e seis mil francos da mãe, dos quais recebe hoje apenas um milhão. Arrisca-se a ver sua fortuna consumida em cinco anos e a ficar nu como um São João, tornando-se

devedor de enormes quantias à sua esposa ou seus herdeiros diretos. Se quiser embarcar nesse barco, embarque, senhor conde; mas permita ao menos que seu velho amigo salve a casa de Manerville.

— Como a salvará assim? — perguntou Paulo.

— Escute, senhor conde: está apaixonado?

— Sim.

— Um apaixonado é tão discreto como um tiro de canhão, não quero dizer-lhe nada. Se o senhor falar, talvez o casamento fique desfeito. Coloco seu amor sob a proteção de meu silêncio. Tem confiança em minha dedicação?

— Que pergunta!

— Pois bem, fique sabendo que a sra. Evangelista, seu tabelião e sua filha estavam tentando enganar-nos e são mais do que espertos. Caramba, que jogo apertado!

— Natália? — exclamou Paulo.

— Eu não poria a mão no fogo por ela — disse o velho. — O senhor a quer, leve-a! Mas eu gostaria de ver falhar esse casamento, sem que houvesse o mínimo prejuízo de sua parte.

— Por quê?

— Essa moça seria capaz de gastar o Peru. Além disso, monta a cavalo como um picador do circo, é quase emancipada: as moças desse tipo dão más esposas.

Paulo apertou a mão de mestre Mathias e disse-lhe, assumindo uma atitude pretensiosa:

— Fique tranquilo. Mas, por enquanto, que devo fazer?

— Mantenha-se firme nessas condições; eles concordarão, pois elas não ferem interesse algum. Além disso, a sra. Evangelista está ansiosa para casar a filha, bem o percebi; desconfie dela.

Paulo voltou para o salão, onde viu a sogra conversando em voz baixa com Solonet como ele próprio acabara de conversar com Mathias. Alheia a essas duas conferências misteriosas, Natália brincava com o leque. Muito embaraçada, pensava: “Por que será que não me dizem nada de meus negócios?”.

O jovem tabelião percebia vagamente o efeito remoto duma cláusula baseada sobre o amor-próprio e à qual sua cliente se submetera humildemente. Mas se Mathias era apenas tabelião, Solonet ainda era também um pouco homem e tinha nos negócios um amor-próprio juvenil. Muitas vezes acontece que a vaidade pessoal

faça um moço esquecer o interesse do cliente. Assim, mestre Solonet, que não quis deixar a viúva pensar que Nestor derrotara Aquiles, aconselhava-a a encerrar rapidamente o caso nessas bases. Pouco lhe importava a futura liquidação do contrato; para ele, a vitória consistia em deixar a sra. Evangelista desobrigada, com a existência assegurada, e Natália casada.

— Bordeaux saberá que a senhora dá cerca de um milhão e cem mil francos a Natália e que lhe restam vinte e cinco mil francos de renda — disse Solonet ao ouvido da sra. Evangelista. — Não esperava obter tão belo resultado.

— Mas — disse ela — explique-me por que é que a criação desse morgadio acalma tão rapidamente a tempestade.

— Falta de confiança na senhora e em sua filha. Um morgadio é inalienável: nenhum dos esposos pode tocar nele.

— Isso é positivamente injurioso.

— Não. Chamamos isso de previdência. O velho a apanhou numa cilada. Recuse-se a instituir esse morgado e ele nos dirá: “Querem então dissipar a fortuna de meu cliente, que, pela fundação do morgadio, fica protegido contra qualquer prejuízo, como se os esposos se casassem sob o regime dotal?”.

Solonet acalmou seus próprios escrúpulos, dizendo para si mesmo:

“Essas cláusulas só terão efeito no futuro e até lá a sra. Evangelista estará morta e enterrada.”

No momento, a sra. Evangelista se contentou com as explicações de Solonet, em quem tinha toda a confiança. Por outro lado, ignorava as leis; via a filha casada e não queria outra coisa, por enquanto; entregou-se completamente à alegria do triunfo. Assim, como pensava Mathias, nem Solonet nem a sra. Evangelista haviam compreendido ainda em toda a amplitude sua concepção, apoiada em argumentos inatacáveis.

— Muito bem, sr. Mathias — disse a viúva —, tudo se resolve pelo melhor.

— Se a senhora e o senhor conde concordam com essas disposições, precisam dar sua palavra. Está bem claro, não é — disse ele, olhando para um e para outro —, que o casamento só se realizará sob a condição da constituição dum morgadio composto da propriedade de Lanstrac e do palácio situado à rue de la Pépinière pertencentes ao futuro esposo, *item* de oitocentos mil francos em dinheiro de dote da futura esposa e que serão empregados em propriedades? Perdoe-me, senhora, essa repetição: é necessário um compromisso solene e positivo. A instituição dum

morgadio exige formalidades, providências junto à chancelaria, um decreto real, e devemos concluir imediatamente a aquisição das terras, a fim de compreendê-las na designação dos bens que o decreto real tem a virtude de tornar inalienáveis. Em muitas famílias, exigir-se-ia a assinatura dum documento, mas, entre os senhores, basta um simples consentimento. Estão de acordo?

— Sim — disse a sra. Evangelista.

— Sim — disse Paulo.

— E eu? — disse Natália, rindo.

— A senhorita é menor — respondeu-lhe Solonet —, e não se lamente por isso.

Ficou então combinado que mestre Mathias redigiria o contrato, Solonet minutaria a conta de tutela e os documentos seriam assinados, segundo a lei, alguns dias antes da celebração do casamento. Após os cumprimentos, os dois tabeliães se levantaram.

— Está chovendo. Quer que eu o acompanhe, Mathias? — disse Solonet. Tenho meu cabriolé.

— Meu carro está às suas ordens — disse Paulo, manifestando a intenção de acompanhar o velho.

— Não quero roubar-lhe nem um momento — disse o velho. — Aceito o oferecimento do colega.

— Muito bem — disse Aquiles a Nestor, quando o cabriolé se pôs em movimento. — Você esteve verdadeiramente patriarcal. Realmente, os moços ficariam arruinados.

— Fiquei com receio de seu futuro — disse Mathias, conservando segredo sobre os motivos de sua proposta.

Nesse momento, os dois tabeliães pareciam dois atores que se dão a mão nos bastidores depois de terem representado no palco uma cena de provocações rancorosas.

— Mas — disse Solonet, que estava pensando nas coisas do ofício — não é a mim que cabe adquirir as terras de que fala? Não é o emprego do nosso dote?

— Como é que iria fazer incluir num morgadio estabelecido pelo conde de Manerville os bens da srta. Evangelista? — respondeu Mathias.

— A chancelaria nos esclarecerá essa dúvida — disse Solonet.

— Mas sou o tabelião do vendedor e do comprador — respondeu Mathias. — Além disso, o sr. de Manerville pode adquirir em seu nome. Por ocasião do

pagamento, faremos menção do emprego do dinheiro do dote.

— Você tem resposta para tudo, meu velho — disse Solonet, rindo. — Esteve surpreendente esta noite, derrotou-nos.

— Para um velho que não esperava sua metralha, não estive mal, hein?

— Ah! Ah! — fez Solonet.

A luta odiosa em que a felicidade material duma família estivera tão perigosamente em risco já não era para eles mais que uma questão de polêmica notarial.

— Não é por nada que temos quarenta anos de ofício! — disse Mathias. — Escute, Solonet, sou camarada, você pode assistir ao contrato de venda das terras a juntar ao morgadio.

— Obrigado, meu bom Mathias. Na primeira ocasião, estarei inteiramente às suas ordens.

Enquanto os dois tabeliães se afastavam, assim, pacificamente, sem outra emoção além dum pouco de calor na garganta, Paulo e a sra. Evangelista encontravam-se sob essa trepidação de nervos, essa agitação precordial, esses estremecimentos de medula e de cérebro que assaltam os apaixonados após uma cena em que seus interesses e seus sentimentos foram violentamente sacudidos. Na sra. Evangelista, os últimos estrondos do temporal eram dominados por uma reflexão terrível, por uma cruel desconfiança que ela queria esclarecer.

“Mestre Mathias não terá destruído em poucos minutos meu trabalho de seis meses?”, pensava. “Não terá ele subtraído Paulo à minha influência, inspirando-lhe suspeitas durante sua conferência na saleta?”

Estava de pé diante da lareira, com o cotovelo apoiado ao mármore, mergulhada em pensamentos. Quando o portão se fechou após a passagem do carro dos dois tabeliães, ela se voltou para o genro, impaciente por resolver suas dúvidas.

— Este foi o dia mais terrível de minha vida! — exclamou Paulo, verdadeiramente alegre por ver as dificuldades terminadas. — Não conheço ninguém mais rude que esse velho tio Mathias. Que Deus o ouça e eu chegue a par da França! Querida Natália, desejo-o agora mais por você do que por mim. Você é toda a minha ambição, minha vida se resume em você.

Ao ouvir essa frase, acentuada pelo coração, ao ver, principalmente, o límpido azul dos olhos de Paulo, cujo olhar, assim como a fronte, não denunciava a menor intenção oculta, a alegria da sra. Evangelista foi completa. Censurou-se pelas

palavras um pouco ásperas com que ferira o genro; e, na embriaguez do triunfo, resolveu tranquilizar o futuro. Reassumiu sua aparência calma, deu aos olhos aquela doce amabilidade que a tornava tão sedutora e respondeu a Paulo:

— Posso dizer-lhe o mesmo. É possível também, querido filho, que meu temperamento espanhol me tenha levado mais longe do que meu coração queria. Seja o que tem sido, bom como Deus! Não guarde rancor contra mim por algumas palavras inconsideradas. Dê-me a mão...

Paulo estava confuso, sentia ter cometido uma infinidade de erros, beijou a sra. Evangelista.

— Meu caro Paulo — disse ela, intensamente comovida —, por que esses dois espertalhões não resolveram tudo sem nós, já que tudo devia terminar bem?

— Assim eu não ficaria sabendo — disse Paulo — o quanto a senhora é grande e generosa.

— É isso mesmo, Paulo! — disse Natália, apertando-lhe a mão.

— Temos muitas pequenas coisas a resolver, meu caro filho — disse a sra. Evangelista. — Minha filha e eu somos superiores a essas insignificâncias a que muita gente dá tanta importância. Assim, Natália não precisa absolutamente que você lhe dê diamantes, dou-lhe os meus.

— Ah, mãezinha querida, acha que eu os aceitaria? — exclamou Natália.

— Sim, minha filha, eles constituem uma das condições do contrato.

— Mas não quero e não me casarei — respondeu energicamente Natália. — Fique com essas pedras que meu pai tinha tanto prazer em oferecer-lhe. Como é que o sr. Paulo pode exigir...?

— Cala-te, filha querida — disse a mãe, cujos olhos se encheram de lágrimas. — Minha ignorância em negócios exige muito mais!

— Quê?

— Vou vender meu palácio para pagar-te o que devo.

— Que é que a senhora pode dever-me — disse ela — a mim, que lhe devo a vida? Acaso poderei um dia saldar minha dívida com a senhora? Se meu casamento lhe custar o mais leve sacrifício, não quero me casar.

— Criança!

— Querida Natália — disse Paulo —, compreenda que não sou eu, nem sua mãe, nem você que exige esses sacrifícios, e sim os filhos...

— E se eu não me casar? — disse ela, interrompendo-o.

— Então não me ama? — perguntou Paulo.

— Ora, louquinha, pensas que um contrato seja um castelo de cartas que possas assoprar à vontade? Bobinha, não sabes o trabalho que tivemos para instituir um morgadio para o mais velho dos teus filhos! Não tornes a lançar-nos nos aborrecimentos de que acabamos de sair.

— Por que havemos de arruinar minha mãe? — disse Natália, olhando para Paulo.

— Por que você é tão rica? — respondeu ele, sorrindo.

— Não discutam tanto, meus filhos, vocês ainda não estão casados — disse a sra. Evangelista. — Paulo — acrescentou —, não precisa dar presentes, nem joias, nem enxoval. Natália tem tudo em profusão. É melhor guardar o dinheiro que iria gastar em presentes de núpcias para assegurar definitivamente uma vida luxuosa. Não sei de nada mais idiotamente burguês que gastar cem mil francos em presentes de que um dia não resta mais do que um velho cofre de cetim branco. Pelo contrário, cinco mil francos destinados anualmente ao vestuário poupam uma infinidade de preocupações a uma esposa jovem e lhe servem para a vida inteira. Além disso, vai precisar do dinheiro dos presentes de núpcias para arranjar seu palácio em Paris. Voltaremos a Lanstrac na primavera, pois, durante o inverno, Solonet terá liquidado os negócios.

— Tudo pelo melhor — disse Paulo, no auge da felicidade.

— Então conhecerei Paris! — exclamou Natália, com um tom de voz que assustaria justamente um de Marsay.

— Já que resolvemos desse modo — disse Paulo —, vou escrever a de Marsay para tomar-me um camarote nos Italianos e na Ópera para o inverno.

— Você é muito amável, eu não me animava a pedir-lhe isso — disse Natália. — O casamento é uma instituição muito agradável, se dá aos maridos o talento de adivinhar os desejos das esposas.

— É isso mesmo — disse Paulo. — Mas já é meia-noite, preciso ir.

— Por que tão cedo, hoje? — disse a sra. Evangelista, empregando essas amabilidades a que os homens são tão sensíveis.

Embora tudo tivesse transcorrido dentro dos melhores termos segundo as leis da mais rigorosa cortesia, a discussão desses interesses tivera o efeito de lançar no genro e na sogra um germe de desconfiança e de inimizade, prestes a germinar ao primeiro raio de cólera ou sob o calor dum sentimento violentamente ferido. Na

maioria das famílias, a constituição dos dotes e as doações feitas no contrato de casamento geram, assim, hostilidades iniciais, provocadas pelo amor-próprio, pelo prejuízo de alguns sentimentos, pelo arrependimento dos sacrifícios e pelo anseio de reduzi-los. Não é indispensável que haja um vencedor e um vencido, sempre que surge uma dificuldade? Os pais dos noivos procuram concluir vantajosamente o negócio, puramente comercial a seus olhos, e que dá margem às astúcias, aos lucros e às decepções de qualquer negócio. Durante a maior parte do tempo, somente o marido fica a par dos segredos dos debates, e a jovem esposa permanece, como Natália, estranha às estipulações que a fazem rica ou pobre. Enquanto se dirigia para casa, Paulo ia pensando que, graças à habilidade de seu tabelião, sua fortuna ficara quase inteiramente protegida contra qualquer desastre. Se a sra. Evangelista não se separasse da filha, sua casa teria mais de cem mil francos para gastar por ano; assim, todas as suas previsões de vida feliz se realizavam.

“Minha sogra me parece uma excelente mulher”, pensava, ainda sob o encantamento das belas palavras com as quais a sra. Evangelista se esforçara por dissipar a má impressão deixada pela discussão. “Mathias está enganado. Esses tabeliães são engraçados, envenenam tudo. O mal veio desse brigão Solonet, que quis bancar o sabido.”

Enquanto Paulo se deitava, recapitulando as vantagens que conseguira naquela noite, a sra. Evangelista igualmente se atribuía a vitória.

— Então, querida, estás contente? — disse Natália, acompanhando a mãe ao quarto de dormir.

— Sim, meu amor — respondeu a mãe —, tudo saiu de acordo com os meus desejos e já não sinto nas costas o peso que me esmagava esta manhã. Paulo é um homem excelente. Tão querido! Havemos de dar-lhe uma bela existência. Tu o farás feliz e eu me encarregarei de sua carreira política. O embaixador da Espanha é meu amigo, vou reatar relações com ele, assim como com todos os conhecidos. Oh, logo estaremos metidos na política e tudo será alegria para nós! A vocês, os prazeres, meus filhos queridos; e a mim, as derradeiras ocupações da vida, o jogo da ambição. Não te assustes por me ver vender meu palácio; achas que voltaríamos um dia para Bordeaux? A Lanstrac, sim. Mas iremos passar todos os invernos em Paris, onde estão nossos verdadeiros interesses. Então, Natália, foi muito difícil fazer o que te pedi?

— Mamãezinha, por alguns momentos tive vergonha.

— Solonet aconselhou-me a colocar meu palácio em renda vitalícia — disse a sra. Evangelista —, mas é preciso agir de outro modo, não quero tirar-te nada de minha fortuna.

— Vi que todos estavam encolerizados — disse Natália. — Como foi que se acalmou a tempestade?

— Pelo oferecimento dos diamantes — respondeu a sra. Evangelista. — Solonet tinha razão. Com que talento conduziu o caso! — Mas — disse ela — fica logo com meu cofre de joias, Natália! Nunca procurei saber seriamente quanto valem esses diamantes. Estava louca, quando falei em cem mil francos. A sra. de Gyas achava que o colar e os brincos que teu pai me deu no dia de nosso casamento valiam pelo menos essa quantia! Meu pobre marido era duma prodigalidade imensa! Além disso, meu diamante de família, aquele que Filipe ii deu ao duque d'Alba e que minha tia me legou, o *Discreto*, creio que foi avaliado em quatro mil quádruplos.

Natália levou para o toucador da mãe seus colares de pérolas, seus enfeites, suas pulseiras de ouro, suas pedras de toda a natureza e os amontoou deleitada, manifestando o inexprimível sentimento que alegra certas mulheres quando veem esses tesouros com os quais, segundo os comentadores do Talmude, os anjos malditos seduziram as filhas do homem, indo buscar no fundo da terra essas flores

do fogo celeste.

— O que é certo — disse a sra. Evangelista — é que, embora em matéria de joias eu só sabia recebê-las e usá-las, creio que isto representa muito dinheiro. Além disso, se formos morar numa casa só, poderei vender minha prataria, que só pelo peso vale trinta mil francos. Lembro-me de que quando a trouxemos de Lima a alfândega lhe atribuiu esse valor. Solonet tem razão! Mandarei chamar Elias Magus. O judeu me avaliará essas joias. Talvez eu não precise colocar o resto da minha fortuna em renda vitalícia.

— Que belo colar de pérolas! — disse Natália.

— Espero que ele o deixe para ti, se te ama. Não deveria ele mandar montar novamente essas pedras e oferecê-las a ti? Pelo contrato, os diamantes te pertencem. Bem, boa noite, meu anjo. Depois de um dia tão fatigante, ambas precisamos de repouso.

A senhora elegante, a colonial, a grande dama, incapaz de analisar as disposições dum contrato que ainda não estava redigido, adormeceu cheia de alegria por ver sua filha casada com um homem fácil de conduzir, que deixaria a ambas igualmente donas da casa e cuja fortuna, reunida à delas, permitiria não alterar em nada seu modo de vida. Após ter entregue suas contas à filha, de quem se reconhecia toda a fortuna, a sra. Evangelista ainda estava satisfeita.

“Foi uma loucura inquietar-me tanto!”, pensou. “Eu gostaria que o casamento já estivesse realizado.”

Assim, a sra. Evangelista, Paulo, Natália e os dois tabeliães estavam, todos, encantados com aquele primeiro encontro. Entoava-se o *Te Deum* nos dois campos de batalha, o que constitui uma situação perigosa! Surge um momento em que cessa o engano sobre quem é vencido. Para a viúva, o vencido era seu genro.

SEGUNDO DIA

Na manhã seguinte, Elias Magus foi à casa da sra. Evangelista, pensando que, segundo os boatos que corriam sobre a proximidade do casamento da srta. Natália com o conde Paulo, queriam vender-lhe pedras. O judeu ficou, portanto, espantado ao saber que se tratava duma penhora quase legal dos diamantes da sogra. O instinto dos judeus, ajudado por algumas perguntas capciosas, deu-lhe a entender

que o valor das joias devia figurar no contrato de casamento. Como os diamantes não estavam à venda, ele os avaliou como se fossem ser comprados por um particular a um vendedor. Somente os joalheiros sabem distinguir os diamantes da Ásia dos do Brasil. As pedras de Golconda e de Visapur se caracterizam por uma alvura, por uma nitidez de brilho que não possuem as outras, cuja água encerra um tom amarelado que, por ocasião da venda, em igualdade de peso, as deprecia. Os brincos e o colar da sra. Evangelista, inteiramente compostos de diamantes asiáticos, foram estimados em duzentos e cinquenta mil francos por Elias Magus. Quanto ao *Discreto*, era, segundo ele, um dos mais belos diamantes possuídos por particulares, era conhecido no comércio e valia cem mil francos. Ao ser informada do valor das joias, que lhe revelava as prodigalidades do marido, a sra. Evangelista perguntou se poderia ter essa quantia imediatamente.

— Minha senhora — respondeu o judeu —, se quer vender, não darei mais de setenta e cinco mil pelo brilhante e cento e sessenta mil pelo colar e os brincos.

— E por que esse abatimento? — perguntou, surpresa, a sra. Evangelista.

— Minha senhora — respondeu o judeu —, quanto mais belos são os diamantes, mais tempo os guardamos. A raridade das ocasiões de venda está na razão do alto valor das pedras. Como o comerciante não deve perder os juros de seu dinheiro, os juros a recuperar, acrescentados à possibilidade de baixa e de alta a que está sujeita essa mercadoria, explicam a diferença entre o preço de compra e o preço de venda. Há vinte anos a senhora vem perdendo os juros de trezentos mil francos. Se usar os diamantes dez vezes por ano, eles lhe custarão mil escudos por noite. Quantos belos vestidos podem ser comprados por mil escudos! Portanto, os que conservam diamantes são loucos; mas, felizmente para nós, as mulheres não querem compreender esses cálculos.

— Agradeço-lhe que mos tenha explicado, saberei tirar proveito disso!

— Quer vender? — perguntou avidamente o judeu.

— Quanto vale o resto? — perguntou a sra. Evangelista.

O judeu avaliou o ouro dos engastes, pôs as pedras contra a luz, examinou minuciosamente os rubis, os diademas, as fivelas, as pulseiras, os fechos, as correntes, e disse, resmungando:

— Aqui há muitos diamantes portugueses vindos do Brasil! Para mim isso não vale mais de cem mil francos. Mas um comerciante poderia vendê-los a um freguês por mais de cento e cinquenta mil.

— Ficaremos com eles — disse a sra. Evangelista.

— Fazem mal — respondeu Elias Magus. — Com os rendimentos da quantia que representam, em cinco anos poderiam comprar diamantes iguais e ficariam com o capital.

Essa estranha conferência veio a público e corroborou certos rumores provocados pela discussão do contrato. Na província, tudo se sabe. Os criados da casa, tendo notado algumas elevações de voz, supuseram uma discussão muito mais viva do que a que ocorrera; seus falatórios com os outros criados se espalharam rapidamente e, dessa baixa camada, subiram até os patrões. A atenção da alta sociedade e da cidade estava voltada para o casamento de duas pessoas igualmente ricas; pequenos e grandes, todos se ocupavam tanto com o fato, que, oito dias mais tarde, circulavam em Bordeaux os boatos mais estranhos: a sra. Evangelista ia vender seu palácio, logo, estava arruinada. Oferecera seus diamantes a Elias Magus. Nada ficara concluído entre ela e o conde de Manerville. Sairia mesmo o casamento? Uns diziam que *sim*, outros, que *não*. Os dois tabeliães, interrogados, desmentiram essas calúnias e falaram em dificuldades puramente regulamentares suscitadas pela constituição dum morgado. Mas quando a opinião pública toma um rumo, é muito difícil fazê-la voltar atrás. Embora Paulo fosse todos os dias à casa da sra. Evangelista, e apesar da afirmação dos dois tabeliães, as adocicadas calúnias continuaram. Várias moças, e suas mães e tias, magoadas com um casamento sonhado por elas mesmas ou por suas famílias, não perdoavam à sra. Evangelista sua sorte, como um autor não perdoa um triunfo ao vizinho. Algumas pessoas vingavam-se de vinte anos de luxo e de superioridade que a casa espanhola fizera pesar sobre seu amor-próprio. Um alto funcionário da prefeitura dizia que, no caso dum rompimento, os dois tabeliães e as duas famílias não podiam ter outra linguagem nem outra conduta. O tempo que exigiria a instituição do morgado confirmava as suspeitas dos políticos bordeleses.

— Continuarão tapeando durante todo o inverno; depois, na primavera, irão às águas; e daqui a um ano saberemos que o casamento fracassou.

— Vocês compreendem — diziam uns — que, para resguardar a dignidade das duas famílias, dirão que não foi da parte de nenhuma delas que partiram as dificuldades; será a chancelaria que terá recusado, será alguma trapaça surgida a propósito do morgado que terá dado motivo ao rompimento.

— A sra. Evangelista — diziam outros — levava uma vida para a qual não

chegariam nem as minas de Valenciana, acharam mais nada!

E, na hora de firmar o contrato, não

Excelente ocasião para cada um fazer seus cálculos sobre as despesas da bela viúva a fim de provar categoricamente que ela estava arruinada! Os boatos foram tais, que se fizeram apostas a favor do casamento e contra. Segundo a jurisprudência mundana, esses falatórios corriam sem o conhecimento das partes interessadas. Ninguém era bastante inimigo ou amigo de Paulo ou da sra. Evangelista para informá-los do que se dizia: Paulo teve que ir a Lanstrac a negócios e aproveitou a ocasião para realizar uma caçada com alguns rapazes da cidade, uma espécie de despedida da vida de solteiro. Essa caçada foi recebida pela sociedade como uma eloquente confirmação das suspeitas públicas. Nessa conjuntura, a sra. de Gyas, que tinha uma filha para casar, achou conveniente sondar o terreno e manifestar seu falso pesar pelo revés sofrido pelas Evangelista. Natália e a mãe ficaram muito surpreendidas ao ver a fisionomia compungida da marquesa e perguntaram-lhe se lhe acontecera alguma coisa desagradável.

— Mas — disse ela — ignoram então os boatos que circulam em Bordeaux? Embora eu os julgue falsos, vim saber a verdade para fazê-los cessar, se não em toda parte, pelo menos no círculo dos meus amigos. Ser vítima ou cúmplice dum erro desses constitui uma situação tão falsa que nenhum verdadeiro amigo pode aceitar.

— Mas que é que se passa, então? — disseram a mãe e a filha.

A sra. de Gyas deleitou-se contando os falatórios de todos, sem poupar uma só punhalada às duas amigas íntimas. Natália e a sra. Evangelista entreolharam-se rindo, mas haviam compreendido muito bem o sentido da narração e as intenções da amiga. A espanhola vingou-se mais ou menos como Célimène de Arsinoé.

— Querida, então você, que conhece a província, ignora de quanto é capaz uma mãe que tem nos braços uma filha que não se casa por falta de dote e de namorados, por falta de beleza, de inteligência e até por falta de tudo? Ela é capaz de assaltar uma diligência, assassinar, esperar um homem numa esquina, dar cem vezes sua própria pessoa, se valer alguma coisa. Há muitas, nessa situação, em Bordeaux, que certamente nos atribuem seus pensamentos e suas ações. Os naturalistas nos descreveram os costumes de muitas feras, mas esqueceram-se da mãe e da filha à procura dum marido. São hienas que, segundo o Salmista, buscam uma presa para devorar — e que aliam ao instinto do animal a inteligência do

homem e o gênio da mulher. Que essas aranhazinhas bordelesas, a srta. de Belor, a srta. de Trans *et cetera*, que há tanto tempo vivem ocupadas em armar suas teias sem ver cair uma mosca, sem ouvir o mais leve ruflar de asas em torno delas, estejam furiosas, eu compreendo e perdoo seus comentários maldosos. Mas que você, que casará a filha quando quiser, você, rica e nobre, que nada tem de provinciana e cuja filha é inteligente, cheia de predicados, bonita, com direito de escolher; que você, tão superior às outras por sua graça parisiense, tenha se preocupado com isto, é de espantar! Acaso devo contas ao público das cláusulas matrimoniais que os tabeliães julgaram úteis ao futuro político do meu genro? Será que a mania das deliberações populares vai atingir até a vida íntima das famílias? Será preciso convocar por meio de cartas de prego os pais e as mães da *sua* província para que assistam à leitura dos artigos de nosso contrato de casamento?

Desencadeou sobre Bordeaux uma torrente de epigramas. A sra. Evangelista ia deixar a cidade: podia, portanto, passar em revista os amigos e os inimigos, caricaturá-los, criticá-los sem nada temer. Assim, deu vazão às suas observações recalçadas, às suas vinganças adiadas, procurando que interesse poderia ter tal ou qual pessoa em negar o sol ao meio-dia.

— Mas, querida— disse a marquesa de Gyas —, a estada do sr. de Manerville em Lanstrac, essas festas de rapazes em semelhantes circunstâncias...

— Ora, querida — disse a grande dama, interrompendo-a —, pensa que adotamos essas tolices do cerimonial burguês? Acha que o conde Paulo está amarrado como se fosse capaz de fugir? Julga que tenhamos necessidade de mandar guardá-lo pela polícia? Acaso temos receio de que alguma conspiração bordelesa no-lo arrebate?

— Fique certa, querida amiga, que me dá imenso prazer...

A marquesa foi interrompida pela voz do criado, que anunciou Paulo. Como todos os apaixonados, Paulo achara encantador viajar quatro léguas para passar uma hora com Natália. Deixara os amigos caçando e chegou com botas e esporas e o chicote na mão.

— Querido Paulo — disse Natália —, não imagina que resposta está dando a esta senhora.

Quando Paulo soube das calúnias que circulavam em Bordeaux, pôs-se a rir em vez de ficar encolerizado.

— Talvez essa boa gente saiba que não haverá esses banquetes e festas de núpcias usados na província nem casamento ao meio-dia; e, por isso, estão todos

furiosos. Pois bem, querida mãe — disse, beijando a mão da sra. Evangelista —, vamos jogar-lhes em cima um baile no dia da assinatura do contrato, como se joga presentes ao povo no largo dos Champs-Élysées e proporcionaremos aos nossos bons amigos o doloroso prazer de assinar um contrato como raramente se faz na província.

Esse incidente assumiu grande importância. A sra. Evangelista convidou Bordeaux inteira para o dia da assinatura do contrato e manifestou a intenção de dar à sua última festa um luxo que representasse um eloquente desmentido às tolas mentiras da sociedade. Isso constituiu um solene compromisso assumido diante do público de casar Paulo e Natália. Os preparativos da festa, que foi denominada “A Noite das Camélias”, duraram quarenta dias. Na escadaria, na antecâmara e na sala onde foi servido o jantar havia grande quantidade dessas flores. Esse prazo coincidiu, naturalmente, com o prazo exigido pelas formalidades preliminares do casamento e as providências tomadas em Paris para a instituição do morgadio. As terras vizinhas de Lanstrac foram compradas, os proclamas foram lidos e as dúvidas se dissiparam. Amigos e inimigos não pensaram noutra coisa a não ser em preparar a roupa para a festa anunciada. O tempo gasto nesses acontecimentos afastou, assim, a lembrança das dificuldades suscitadas pela primeira conferência, deixando no esquecimento as palavras e os debates da tempestuosa discussão a que dera lugar a redação do contrato de casamento. Nem Paulo nem a sogra pensavam mais nisso. Não era, como dissera a sra. Evangelista, um assunto dos dois tabeliães? Mas, a quem ainda não sucedeu, enquanto a vida vai correndo tão rapidamente, ser subitamente interpelado pela voz duma recordação que surge demasiado tarde e traz à consciência um fato importante, um perigo próximo? Na manhã do dia em que se devia assinar o contrato de Paulo e Natália, um desses clarões da alma brilhou na sra. Evangelista durante a sonolência do despertar. A frase *Questa coda non è di questo gatto!*, pronunciada por ela no momento em que Mathias aceitava as condições de Solonet, foi-lhe gritada por uma voz. Apesar de sua incapacidade nos negócios, a sra. Evangelista pensou: “Se o hábil mestre Mathias concordou, é porque certamente terá algum proveito à custa dum dos noivos”. O interesse lesado não seria, naturalmente, o de Paulo, como ela esperara. Seria, então, a fortuna da filha que pagaria as despesas da guerra? Resolveu, assim, pedir explicações sobre o conteúdo do contrato, sem pensar no que devia fazer no caso de seus interesses estarem gravemente ameaçados. Esse dia influiu de tal modo na vida conjugal de

Paulo, que é necessário explicar algumas dessas circunstâncias aparentes que decidem todos os espíritos. Como o palácio Evangelista ia ser vendido, a sogra do conde de Manerville não recuara diante de nenhuma despesa para a festa. O pátio estava coberto de areia, com uma tenda armada à moda turca e enfeitado de arbustos, a despeito do inverno. As camélias, de que se falava desde Angoulême até Dax, atapetavam as escadarias e os vestíbulos. Demoliram paredes a fim de ampliar a sala da festa e a das danças. Bordeaux, onde brilha o luxo de tantas fortunas coloniais, estava na expectativa das maravilhas anunciadas. Às oito horas, no momento da última discussão, as pessoas curiosas de ver as mulheres vestidas de gala descer das carruagens formaram duas filas diante do portão. Assim, a suntuosa atmosfera duma festa agia sobre os espíritos no momento de assinar o contrato. Durante a crise, os lampiões acesos brilhavam nas árvores e ressoava no pátio o rodar das primeiras carruagens. Os dois tabeliães jantaram com os dois noivos e a sogra. O primeiro escrevente de Mathias, encarregado de receber as assinaturas durante o serão, vigiando para que o contrato não fosse indiscretamente lido, era também um dos convivas.

Podem todos consultar suas recordações: nenhum vestido, nenhuma mulher, nada será comparável à beleza de Natália, que, adornada de rendas e cetim, com os cabelos sedutoramente caindo numa infinidade de anéis sobre o pescoço, parecia uma flor envolta em sua folhagem. Com um vestido de veludo cereja, cor habilmente escolhida para realçar o brilho de sua tez, seus olhos e seus cabelos negros, a sra. Evangelista, no seu esplendor de mulher de quarenta anos, ostentava seu colar de pérolas preso pelo *Discreto*, a fim de desmentir as calúnias.

Para a compreensão da cena, é necessário dizer que Paulo e Natália se conservavam sentados junto à lareira, num sofá, e não ouviram nenhum artigo da conta de tutela. Igualmente crianças, e igualmente felizes, um por seus desejos, a outra por sua curiosa expectativa vendo a vida como um céu inteiramente azul, ricos, jovens, apaixonados, ficaram todo o tempo distraídos conversando em voz baixa. Dando a seu amor um caráter de legalidade, Paulo deleitava-se em beijar a ponta dos dedos de Natália, a aflorar suas espáduas de neve, a roçar seus cabelos, furtando a todos os olhares as alegrias dessa emancipação ilegal. Natália brincava com o leque de plumas indianas que Paulo lhe dera, presente que, segundo as crenças supersticiosas de algumas regiões, é para o amor um presságio tão sinistro como o das tesouras ou qualquer outro instrumento cortante, o que sem dúvida

recorda as Parcas^[326] da mitologia. Sentada junto dos dois tabeliães, a sra. Evangelista prestava a mais escrupulosa atenção à leitura dos documentos. Após ter ouvido a conta de tutela, sabiamente redigida por Solonet e que, de três milhões e alguns mil francos deixados pelo sr. Evangelista, reduzia a parte de Natália ao famoso milhão e cento e cinquenta e seis mil francos, ela disse ao jovem par:

— Mas escutem também, meus filhos, é o contrato de vocês!

O escrevente bebeu um copo de água açucarada. Solonet e Mathias assoaram-se. Paulo e Natália olharam para os quatro personagens, escutaram o preâmbulo e recomeçaram a conversar. A fixação dos bens que cada um trazia, a doação total no caso de morte sem filhos, a doação da quarta parte em usufruto e da quarta em nua propriedade permitida pelo Código, qualquer que fosse o número de filhos, a constituição do capital da comunidade, a doação dos diamantes à esposa, das bibliotecas e dos cavalos ao marido, tudo passou sem observações. Chegou-se, por fim, à constituição do morgado. E quando a leitura foi terminada e faltava apenas assinar, a sra. Evangelista perguntou qual seria o efeito do morgado.

— O morgadio, minha senhora disse mestre Solonet —, é uma fortuna inalienável, formada duma parte da dos dois esposos e constituída em benefício do filho mais velho da casa, em cada geração, sem que ele fique privado de seus direitos na partilha dos demais bens.

— Que resultará disso para minha filha? — perguntou ela.

Mestre Mathias, incapaz de disfarçar a verdade, tomou a palavra:

— Minha senhora, sendo o morgadio um apanágio constituído à custa das duas fortunas, se a futura esposa morrer em primeiro lugar deixando um ou vários filhos, um dos quais varão, o sr. conde de Manerville deverá prestar-lhes conta de trezentos e cinquenta e seis mil francos apenas, dos quais lhe caberão, por doação, uma quarta parte em usufruto e outra em nua propriedade. Assim, sua dívida para com eles ficará reduzida a cento e sessenta mil francos mais ou menos, excetuados seus lucros na comunidade, as restituições etc. No caso contrário, se ele morrer em primeiro lugar, deixando igualmente filhos varões, a sra. de Manerville terá direito a trezentos e cinquenta e seis mil francos apenas, e mais as doações que lhe cabem nos bens do sr. de Manerville que não fazem parte do morgadio, à restituição dos diamantes e à sua parte na comunidade.

Os efeitos da profunda política de mestre Mathias apareceram, então, em toda sua clareza.

— Minha filha está arruinada — disse em voz baixa a sra. Evangelista.

O velho e o jovem tabelião ouviram essa frase.

— Acaso é arruinar-se — respondeu-lhe à meia-voz mestre Mathias — constituir uma fortuna indestrutível para a família?

Ao ver a expressão que assumiu a fisionomia da cliente, o jovem tabelião achou que não podia deixar de traduzir o desastre em algarismos.

— Queríamos arrancar-lhes trezentos mil francos e eles nos tomam evidentemente oitocentos mil. O contrato se equilibra por uma perda de quatrocentos mil francos à nossa custa e em benefício dos filhos. É preciso romper ou continuar — disse Solonet à sra. Evangelista.

O momento de silêncio que então guardaram os personagens foi indescritível. Mestre Mathias esperava, como triunfador, a assinatura das duas pessoas que haviam alimentado a ideia de espoliar seu cliente. Natália, incapaz de compreender que perdia a metade de sua fortuna, Paulo, ignorando que a casa de Manerville a ganhava, continuavam a rir e a conversar. Solonet e a sra. Evangelista entreolhavam-se reprimindo um sua indiferença e a outra uma avalanche de sentimentos exasperados. Após ter-se entregue a desesperados remorsos, após ter considerado Paulo a causa de sua improbidade, a viúva decidira-se a praticar manobras infames para lançar sobre ele as faltas de sua tutela, considerando-o já como vítima. E num momento percebia que fora derrotada numa luta em que esperava triunfar e que a vítima era sua própria filha! Criminosa sem proveito, sentia-se lograda por um honesto ancião de quem certamente perderia a estima. Não fora sua conduta secreta que inspirara as estipulações de mestre Mathias? Horrível reflexão! Mathias certamente informara Paulo de tudo. E mesmo que ainda não tivesse falado, logo que o contrato fosse assinado não deixaria o velho lobo de informar o cliente dos perigos que havia corrido e que haviam sido evitados, mesmo que fosse apenas para receber esses elogios a que todos os espíritos são sensíveis. E, assim, não o deixaria prevenido contra uma mulher bastante astuciosa para se ter metido naquela ignóbil conspiração? Não destruiria o domínio que ela conquistara sobre o genro? Os espíritos fracos, uma vez prevenidos, obstinam-se e nunca mais mudam de opinião. Tudo, pois, estava perdido! No dia em que começara a discussão, ela contara com a fraqueza de Paulo, com a impossibilidade em que ele se achava de romper um noivado tão adiantado. E agora era ela que estava amarrada. Três meses antes, Paulo teria muito poucos obstáculos a vencer para

romper o noivado; mas, agora, Bordeaux inteira sabia que havia dois meses os tabeliães haviam aplainado as dificuldades. Os proclamas estavam publicados. O casamento devia celebrar-se daí a dois dias. Os amigos das duas famílias, toda a sociedade engalanada para a festa, estavam chegando. Como declarar que tudo ficava adiado? A causa do rompimento seria conhecida, a severa proibição de mestre Mathias inspiraria confiança e todos acreditariam nele. Os escarnecedores se voltariam contra a Evangelista, às quais não faltavam invejosos. Era, pois, necessário ceder! Essas reflexões terrivelmente justas caíram sobre a sra. Evangelista como uma tromba-d'água e lhe rasgaram o cérebro. Se ela conservou a gravidade dos diplomatas, seu queixo experimentou aquela comoção apoplética pela qual Catarina II manifestou sua cólera no dia em que, no trono, diante da Corte e em circunstâncias quase iguais, foi afrontada pelo jovem rei da Suécia. Solonet notou esse movimento de músculos que denunciava a contração dum ódio mortal, tempestade surda e sem relâmpagos! Nesse momento, a sra. Evangelista votava ao genro, realmente, um desses ódios insaciáveis cujo germe foi lançado pelos árabes na atmosfera das duas Espanhas.

— O senhor chamou isso de arenga — disse ela, inclinando-se para o ouvido do seu tabelião —, mas acho que não há nada mais claro.

— Permita-me, senhora... —

— Mesmo que o senhor não tenha percebido o efeito dessas estipulações durante a conferência que tivemos — disse a viúva, sem escutar Solonet —, é extraordinário que não tenha pensado neles no silêncio do gabinete. Isso não pode ter sido por incapacidade!

O jovem tabelião levou a cliente para a saleta, dizendo para si mesmo:

“Tenho mais de mil escudos de honorários pela conta de tutela, mil escudos pelo contrato, seis mil francos a ganhar na venda do palácio, ao todo quinze mil francos a salvar: não podemos brigar.”

Fechou a porta, lançou sobre a sra. Evangelista o frio olhar dos homens de negócios, descobriu os sentimentos que a agitavam e disse-lhe:

— Pela senhora, eu talvez tenha ultrapassado os limites da astúcia e é com essa frase que pretende pagar minha dedicação?

— Mas senhor...

— Não calculei o efeito das doações, é verdade, minha senhora; mas, se não quiser o conde Paulo para genro, acaso é obrigada a aceitá-lo? O contrato está

assinado? Dê sua festa e adiemos a assinatura. É preferível enganar Bordeaux inteira a enganar-se.

— Como iríamos justificar perante a sociedade, já prevenida contra nós, a não conclusão do caso?

— Por algum erro cometido em Paris, a falta de algum documento — disse Solonet.

— Mas... as aquisições?

— Ao sr. de Manerville não faltarão dotes nem partidos.

— Sim, ele não perderá nada; mas nós perderemos tudo.

— A senhora pode conseguir um conde mais barato — replicou Solonet — se, para a senhora, o título é a razão suprema desse casamento.

— Não, não; não podemos arriscar assim nossa felicidade! Caí na cilada, senhor. Amanhã toda Bordeaux estará cheia disto. Trocamos palavras solenes.

— Quer que a srta. Natália seja feliz? — perguntou Solonet.

— Acima de tudo.

— Ser feliz, na França — disse o tabelião —, não é ser a dona da casa? Ela conduzirá esse idiota de Manerville pela ponta do nariz; ele é tão estúpido que não se apercebeu de nada. Mesmo que desconfie agora da senhora, sempre há de acreditar na esposa. E sua verdadeira esposa não é a senhora? A sorte do conde Paulo ainda está nas suas mãos.

— Se o que está dizendo é verdade, não sei o que poderei recusar-lhe, senhor — disse ela, num transporte que fez brilhar seu olhar.

— Vamos voltar — disse mestre Solonet, compreendendo a cliente. — Mas, antes de mais nada, ouça-me. Depois, se quiser, poderá achar que fui inábil.

— Meu caro colega — disse o jovem tabelião a Mathias, ao voltar para a sala —, *a despeito de sua habilidade*, o senhor não previu o caso de o sr. de Manerville morrer sem deixar filhos nem o de morrer deixando apenas filhas. Em qualquer desses casos, o morgadio daria lugar a demandas com os Manerville, pois então “aparecerão muitos deles, não duvide disso”. Acho necessário, portanto, estipular que, no primeiro caso, o morgadio será submetido à doação geral dos bens, feita entre os esposos e, no segundo, que a instituição do morgadio caducará. A convenção diz respeito apenas à futura esposa.

— Essa cláusula me parece perfeitamente justa — disse mestre Mathias. — Quanto à sua ratificação, o senhor conde certamente se entenderá com a

chancelaria, se for necessário.

O jovem tabelião tomou uma pena e redigiu à margem do documento essa terrível cláusula, à qual Paulo e Natália não deram a menor atenção. A sra. Evangelista baixou os olhos enquanto mestre Mathias a leu.

— Assinemos — disse a mãe.

O volume de voz que a sra. Evangelista teve de reprimir traía uma violenta emoção. Estivera pensando:

“Não, minha filha não ficará arruinada; mas ele, sim! Minha filha terá o nome, o título e a fortuna. Se acontecer a Natália perceber que não ama o marido e se um dia ela amar irresistivelmente a outro, Paulo será banido da França! E minha filha ficará livre, feliz e rica.”

Se é certo que mestre Mathias entendia da análise dos interesses, pouco entendia da análise das paixões humanas; aceitou essa frase como uma confissão em vez de ver nela uma declaração de guerra. Enquanto Solonet e seu escrevente providenciavam para que Natália assinasse e rubricasse todos os documentos, operação que exigia tempo, Mathias chamou Paulo à parte e revelou-lhe o segredo das estipulações que planejava para salvá-lo duma ruína certa.

— O senhor vai fazer uma hipoteca de cento e cinquenta mil francos sobre este palácio — disse ele, ao terminar — e amanhã a concluirei. Tenho comigo os títulos de renda, que tive o cuidado de inscrever no nome de sua esposa. Tudo está em regra. Mas o contrato contém quitação da quantia representada pelos diamantes, peça-os; negócio é negócio. O diamante está agora com preço alto e pode baixar. A compra das propriedades de Auzac e Saint-Froult permite-lhe fazer dinheiro de tudo, a fim de não tocar nos rendimentos de sua esposa. Portanto, senhor conde, nada de falso pudor. O primeiro pagamento é exigível logo após as formalidades e é de duzentos mil francos, empregue neles os diamantes. Para a segunda prestação, o senhor terá o dinheiro da hipoteca do palácio Evangelista e as rendas do morgadio lhe auxiliarão a pagar o resto. Se tiver a coragem de não gastar mais de cinquenta mil francos durante três anos, recuperará os duzentos mil francos que deve agora. Se plantar videiras nas partes montanhosas de Sain-Froult, fará subir seu rendimento a vinte e seis mil francos. Seu morgadio, sem contar o palácio em Paris, ficará valendo, assim, um dia, cinquenta mil francos de renda e será um dos mais belos que conheço. Nestas condições, terá feito um excelente casamento.

Paulo apertou afetuosamente as mãos do velho amigo. Esse gesto não pôde

escapar à sra. Evangelista, que ofereceu a pena a Paulo. Para ela, as suspeitas tornaram-se realidade e ela ficou certa de que Paulo e Mathias agiam de acordo. Vagas de sangue cheias de raiva e ódio chegavam-lhe ao coração. Nada mais havia a dizer.

Após ter verificado se todas as chamadas estavam rubricadas, se os três contratantes haviam apostado suas iniciais e suas rubricas ao pé das páginas, mestre Mathias olhou alternadamente para Paulo e a sogra e, vendo que o cliente não pedia os diamantes, disse:

— Acho que não haverá questão sobre a entrega dos diamantes, os senhores constituem agora uma única família.

— Seria mais regular que a senhora os entregasse; o sr. de Manerville ficou onerado com o saldo da conta de tutela e a gente não sabe quem viverá e quem morrerá — disse mestre Solonet, que viu nessa oportunidade um meio de incitar a sogra contra o genro.

— Ah! Mamãe — disse Paulo —, agir assim seria fazer uma injúria a todos nós.

— *Summum jus, summa injuria*, senhor — disse Solonet.

— E eu — disse a sra. Evangelista, que, nas enraivecidas disposições em que se encontrava, viu um insulto na indireta intimação de Mathias — rasgarei o contrato se você não os aceitar!

Afastou-se, entregue a um desses ódios sanguinários que fazem desejar o poder de destruir tudo e que a impotência leva à alucinação.

— Em nome de Deus, aceita-os, Paulo — disse-lhe Natália, ao ouvido. — Mamãe está zangada, esta noite saberei o motivo disso e lhe contarei, para que a acalmemos.

Satisfeita com o resultado dessa primeira astúcia, a sra. Evangelista escondeu os brincos e o colar. Mandou buscar as joias, avaliadas em cento e cinquenta mil francos por Elias Magus. Habitados a ver os diamantes de família nas heranças, mestre Mathias e Solonet examinaram os cofres e mostraram-se encantados com sua beleza.

— O senhor não perderá nada do dote, senhor conde — disse Solonet, fazendo Paulo corar.

— Sim — disse Mathias —, essas joias chegam para pagar a primeira prestação das propriedades adquiridas.

— E as despesas do contrato — disse Solonet.

O ódio, como o amor, alimenta-se das menores coisas, tudo lhe serve. Assim como a pessoa amada não faz nada de mal, a pessoa odiada não faz nada de bem. A sra. Evangelista tachou de fingimento a atitude que um pudor bastante compreensível impôs a Paulo, que queria desistir dos diamantes e não sabia onde guardar os cofres; naquele momento, gostaria de poder jogá-los pela janela. A sra. Evangelista, vendo seu embaraço, fustigava-o com o olhar, parecendo dizer-lhe: “Leve-os daqui!”.

— Querida Natália — disse Paulo à futura esposa —, guarde você mesma essas joias, são suas, dou-as a você.

Natália guardou-as na gaveta dum console. Nesse momento, o ruído das carruagens e o murmúrio das palestras dos convidados nos salões vizinhos obrigaram Natália e a mãe a aparecer. Os salões encheram-se num momento e a festa começou.

— Aproveite a lua de mel para vender os diamantes — disse o velho tabelião a Paulo, ao sair.

À espera do sinal para o início das danças, cochichavam a propósito do casamento e alguns exprimiam dúvidas sobre o futuro dos noivos.

— Está tudo pronto? — perguntou um dos personagens mais importantes da cidade à sra. Evangelista.

— Tivemos de ler e ouvir tantos documentos que estamos atrasados; mas temos direito à desculpa — respondeu ela.

— Quanto a mim, não ouvi nada — disse Natália, segurando a mão de Paulo para iniciar o baile.

— Os dois gostam de gastar e não será a mãe que os conterà — dizia uma velha.

— Mas, segundo dizem, eles fundaram um morgadio de cinquenta mil francos de renda.

— Ué!

— Vejo que o bom sr. Mathias passou por aqui — disse um magistrado. — Realmente, se é assim, é porque o velhote quis salvar o futuro da família.

— Natália é bonita demais para não ser terrivelmente faceira. Logo que tiver dois anos de casada — dizia uma senhora jovem — não poderei mais garantir que Manerville não seja infeliz em casa.

— Acha então que o *fleur des pois* está escorado? — perguntou-lhe mestre Solonet.

— Só lhe faltava essa grande estaca — disse uma moça.
— Não acha que a sra. Evangelista parece descontente?
— Mas, querida, disseram-me que ela ficou com apenas vinte e cinco mil francos de renda, e que é isso, para ela?

— A miséria, querida.
— Sim, ela se desfez de tudo pela filha. O sr. de Manerville foi duma exigência...
— Excessiva! — completou mestre Solonet. — Mas ele será par da França. Os Maulincour e o vidama de Pamiers o protegerão; ele é do Faubourg Saint-Germain.

— Ora! É recebido lá, apenas — disse uma senhora, que desejava tê-lo como genro. — Não há de ser a srta. Evangelista, filha dum comerciante, que lhe abrirá as portas da sociedade.

— Ela é sobrinha-neta do duque de Casa-Real.
— Pelo lado materno!

Os assuntos logo se esgotaram. Os jogadores entregaram-se ao jogo, as moças e os moços dançaram, serviu-se a ceia, e o barulho da festa só cessou pela manhã, quando os primeiros clarões do dia iluminaram as janelas. Após ter-se despedido de Paulo, que foi o último a sair, a sra. Evangelista subiu ao quarto da filha, pois seu quarto fora usado pelo arquiteto para ampliar o local da festa. Embora Natália e a mãe estivessem vencidas pelo sono, ao ficarem a sós trocaram algumas palavras.

— Então, mamãe, que é que tens?
— Meu anjo, conheci esta noite até onde pode chegar a afeição duma mãe. Não entendes nada de negócios e ignoras a que vexames minha probidade acaba de ser exposta. Tive de calcar o orgulho sob os pés: tratava-se de tua felicidade e de nossa reputação.

— Está falando dos diamantes? O pobre rapaz chegou a chorar. Nem quis recebê-los, estão comigo.

— Dorme, queridinha. Falaremos de negócios ao levantar, pois — acrescentou, com um suspiro — agora temos negócios, e há um terceiro entre nós.

— Ah, mãezinha querida, Paulo nunca será um obstáculo à nossa felicidade — disse Natália, ao adormecer.

— Pobre filhinha, não sabe que esse homem acaba de deixá-la na miséria!

A sra. Evangelista foi, então, assaltada pela primeira vez por esse sentimento de avariza a que as pessoas idosas acabam por entregar-se. Teve a ideia de reconstituir em benefício da filha a fortuna deixada por Evangelista. E nisso empenhou sua

dignidade. Seu amor por Natália tornou-a dum momento para outro tão hábil calculadora quanto fora até então esbanjadora e despreocupada em matéria de dinheiro. Planejou aumentar seu capital empregando parte dele em títulos, que estavam a cerca de oitenta francos. Muitas vezes uma paixão transforma subitamente o caráter: o indiscreto torna-se diplomata, o poltrão faz-se repentinamente valente.

O ódio tornou avarenta a pródiga sra. Evangelista. A fortuna lhe permitira executar os projetos de vingança ainda mal delineados e confusos que iam amadurecer em seu coração. Adormeceu pensando: “Amanhã!”. Por um fenômeno inexplicado, mas cujos efeitos são familiares aos homens de pensamento, seu espírito ia, durante o sono, mexer com suas ideias, esclarecê-las, coordená-las, sugerir-lhe meio de dominar a vida de Paulo e fornecer-lhe um plano que ela pôs em execução já na manhã seguinte.

Se o entusiasmo da festa conseguira afastar as preocupações que, por momentos, haviam assaltado Paulo, quando ele se viu a sós, no leito, elas voltaram a atormentá-lo.

“Parece”, pensava, “que se não fosse o bom Mathias, eu teria sido logrado pela sogra. Será possível? Que interesse a levaria a enganar-me? Não vamos unir nossas fortunas numa só e viver juntos? Mas, por outro lado, por que hei de me preocupar? Daqui a alguns dias, Natália será minha esposa, nossos interesses estão bem definidos, nada nos pode desunir. Vamos deixar o barco correr! Contudo, estarei alerta. Se Mathias estiver com a razão, paciência, não sou obrigado a viver com a sogra.”

Nessa segunda batalha, o futuro de Paulo mudara completamente de aspecto sem que ele o soubesse. Das duas criaturas com quem se ia unir, a mais hábil fizera-se sua inimiga mortal e estudava um meio de separar seus interesses dos dele. Incapaz de observar o quanto a índole colonial diferenciava sua sogra das outras mulheres, era-lhe mais difícil ainda suspeitar de sua profunda habilidade. O temperamento colonial é peculiar, pois sai à Europa pela inteligência, aos trópicos pela violência ilógica das paixões, à Índia pela apática despreocupação com que pratica ou suporta igualmente o bem e o mal; temperamento interessante, aliás, mas perigoso, como é perigosa uma criança não vigiada. Como as crianças, a mulher colonial quer ter tudo imediatamente; e, como uma criança, lançaria fogo à casa para fritar um ovo. Em sua vida indolente, não pensa em nada; e pensa em tudo

quando se apaixona. Tem algo da perfídia das negras que a rodearam desde o berço, mas, ao mesmo tempo, é simples como elas. Como elas e as crianças, sabe querer constantemente a mesma coisa com uma crescente intensidade de desejo e é incapaz de chocar uma ideia até que saia da casca. Estranha associação de qualidades e defeitos, que o gênio espanhol reforçara na sra. Evangelista e a que a cortesia francesa dera polimento. Esse temperamento, adormecido pela ventura durante dezesseis anos e depois ocupado com as frivolidades da sociedade e que, na primeira explosão de ódio, revelara sua força, irrompia como um incêndio; manifestava-se num momento da vida em que a mulher perde suas mais caras afeições e busca um novo alimento para nutrir o dinamismo que a devora. Natália ficaria durante três dias ainda sob a influência da mãe. A vencida sra. Evangelista dispunha, portanto, de um dia, o último dos que a filha passa com a mãe. Com uma única frase, a dama colonial podia influenciar a vida daquelas duas criaturas destinadas a marchar juntas através das veredas e das largas estradas da sociedade parisiense, pois Natália tinha uma confiança cega na mãe. Que força assumira um conselho num espírito assim prevenido! Um futuro inteiro podia ser determinado por uma frase. Nenhum código, nenhuma instituição pode evitar o crime moral que mata por uma palavra. Aí reside a falha das justiças sociais; aí está a diferença entre os costumes da alta sociedade e os costumes do povo: um é franco, a outra é hipócrita; a um o punhal, à outra o veneno das palavras ou das ideias; a um a morte, à outra a impunidade.

TERCEIRO DIA

No dia seguinte, ao meio-dia, a sra. Evangelista achava-se recostada no leito de Natália. Ao despertar, trocavam afagos e carícias, em meio das felizes recordações de sua vida em comum, durante a qual nenhuma discórdia turvara a harmonia de seus sentimentos nem a uniformidade de suas ideias nem a reciprocidade de suas alegrias.

— Pobrezinha — dizia a mãe, chorando lágrimas verdadeiras —, não posso deixar de me comover ao pensar que, depois de ter passado a vida a fazer as tuas vontades, amanhã pertencerás a um homem a quem terás de obedecer!

— Ora, mãezinha querida, quanto a obedecê-lo...! — disse Natália, com um gesto

de cabeça que exprimia uma graciosa obstinação. — Estás rindo? — acrescentou. — Meu pai não satisfez sempre teus caprichos? E por quê? Porque te amava. Acaso não seria eu amada?

— Sim, Paulo te ama; mas, se uma mulher casada não toma precauções, nada se dissipa mais rapidamente que o amor conjugal. A influência que a mulher deve ter sobre o marido depende de sua estreia no casamento e precisas de excelentes conselhos.

— Mas estarás conosco...

— Talvez, querida! Ontem, durante o baile, refleti muito nos perigos de vivermos juntos. Se minha presença te prejudicasse, se as pequenas ações pelas quais deves firmar tua autoridade de esposa fossem atribuídas à minha influência, tua vida em casa não seria um inferno? A primeira demonstração de desagrado de teu marido, altiva como sou, não me afastaria imediatamente da casa? E, já que terei de deixá-la um dia, acho melhor nem entrar nela. Nunca perdoaria a teu marido a desarmonia que ele criaria entre nós. Mas quando fores realmente a dona da casa, quando teu marido for para ti o que teu pai era para mim, então já não haverá mais perigo dessa desgraça. Embora essa política seja penosa para um coração jovem e delicado como o teu, tua felicidade exige que sejas a soberana absoluta em tua casa.

— Então, mamãe, por que dizias que eu devia obedecer-lhe?

— Filhinha querida, para que uma esposa mande em casa, precisa dar a impressão de que faz sempre o que o marido quer. Se não soubesses isto, serias capaz de estragar todo teu futuro com alguma revolta intempestiva. Paulo é um rapaz fraco, poderia deixar-se dominar por algum amigo ou mesmo cair sob o domínio de uma mulher, que te faria sofrer suas influências. Evita esses desgostos, tornando-te senhora dele. Não é melhor que ele seja governado por ti do que por outrem?

— É claro — disse Natália. — Eu só posso querer sua felicidade.

— Quanto a mim, queridinha, tenho o direito de pensar exclusivamente na tua e desejar que, num caso tão grave como este, não te vejas sem bússola no meio dos escolhos que vais encontrar.

— Mas, querida, não somos bastante fortes, ambas, para viver junto dele sem provocar os descontentamentos que pareces temer? Paulo gosta de ti, mamãe.

— Oh! Oh! Ele me teme mais do que me estima. Observa-o bem, hoje, quando eu lhe disser que vos deixo ir a Paris sem mim, e verás em sua fisionomia, por maiores

esforços que faça para dissimulá-la, uma alegria íntima.

— Por quê? — perguntou Natália.

— Por quê, querida? Sou como São João Crisóstomo e lho direi pessoalmente, diante de ti.

— Mas se eu só me casar sob a condição de não te deixar? — disse Natália.

— Nossa separação tornou-se necessária — replicou a sra. Evangelista —, pois várias circunstâncias tornam diferente nosso futuro. Estou arruinada. Vocês terão a mais brilhante existência em Paris e eu não poderia viver decentemente lá sem consumir o pouco que me resta; ao passo que, ficando em Lanstrac, poderei cuidar dos interesses de vocês e refazer minha fortuna à custa de economias.

— Tu, mamãe, fazer economias...? — exclamou Natália, com uma expressão zombeteira. — Não te faças avó desde já. Como! Serias capaz de deixar-me por semelhantes motivos? Querida, Paulo pode parecer-te um pouco estúpido, mas não é absolutamente interesseiro...

— Ah! — respondeu a sra. Evangelista, num tom de voz cheio de observações e que fez Natália palpar. — A discussão do contrato tornou-me desconfiada e inspira-me algumas dúvidas. Mas fica descansada, queridinha — disse ela, envolvendo a filha pelo pescoço e atraindo-a para beijá-la —, não te deixarei sozinha por muito tempo. Quando minha volta para junto de vocês não despertar mais desconfianças, quando Paulo tiver uma opinião formada a meu respeito, recomeçaremos nossa boa vidinha, nossas conversas à noite...

— Mas, mamãe, poderás viver sem tua Nini?

— Sim, anjinho querido, porque viverei para ti. Meu coração de mãe ficará satisfeito com a ideia de que estou contribuindo, como devo, para a dupla fortuna de vocês!

— Mas, mãezinha adorada, então vou ficar a sós com Paulo dum momento para outro? Que será de mim? Que acontecerá? Que é que devo fazer? Que é que não devo fazer?

— Pobrezinha, acreditas que eu queira abandonar-te assim na primeira batalha? Nós nos escreveremos três vezes por semana, como dois namorados, e assim estaremos constantemente uma no coração da outra. Não te acontecerá nada que eu não fique sabendo e te protegerei contra qualquer desgraça. Além disso, seria terrivelmente ridículo que eu não os visitasse, uma desconsideração para teu marido, e sempre hei de passar um mês ou dois com vocês em Paris.

— E ficarei sozinha, desde já, com ele! — disse Natália, aterrorizada, interrompendo a mãe.

— Não vais ser sua esposa?

— Sim; mas, pelo menos, dize como devo conduzir-me, tu que fazias o que querias de papai. Entendes disso, eu te obedecerei cegamente.

— Criança, meus conselhos devem adaptar-se às circunstâncias. Os homens não são iguais. O leão e a rã são menos diferentes um do outro do que um homem comparado a outro, moralmente falando. Sabes hoje o que te acontecerá amanhã? Por enquanto, só te posso dar conselhos sobre o plano geral de tua conduta.

— Mãezinha querida, dize-me logo tudo o que sabes.

— Em primeiro lugar, querida filha, a causa da perda das mulheres casadas que se esforçam por conservar o coração dos maridos... E — disse ela, fazendo um parêntese — conservar-lhes o coração ou governá-los é uma única e mesma coisa; bem, a causa principal das desuniões conjugais reside no convívio permanente, que não se usava antigamente e que se introduziu neste país com a mania da família. Depois da revolução que houve na França, os costumes burgueses invadiram as casas aristocráticas. Essa calamidade é devida a um de seus escritores, Rousseau, herético infame que só tinha ideias antissociais e que, não sei como, justificou as coisas mais absurdas. Ele pretendeu que todas as mulheres têm os mesmos direitos, as mesmas faculdades; que, no estado social, se devia obedecer à natureza; como se a esposa dum grande da Espanha, como se tu e eu tivéssemos alguma coisa de comum com uma mulher do povo! Daí para cá, as mulheres mais distintas passaram a amamentar os filhos, a criar as filhas e a viver metidas em casa. Assim, a vida se complicou de tal modo que a felicidade se tornou quase impossível, pois a harmonia entre dois caracteres, tal como a que nos tem feito viver como duas amigas, é uma exceção. O convívio permanente não é menos perigoso entre os filhos e os pais do que entre os esposos. Há poucas almas nas quais o amor resiste à onipresença; esse milagre só é possível a Deus. Mete, pois, entre Paulo e ti, as barreiras da sociedade, vai aos bailes e à Opera; sai a passear pela manhã, janta na cidade à noite, faz muitas visitas e dedica poucos momentos a Paulo. Com esse sistema, nunca perderás teu valor. Quando, para caminhar juntos até o fim da vida, duas criaturas dispõem apenas da afeição, cedo esgotam seus encantos; e logo vêm a indiferença, a saciedade, o tédio. E, uma vez fanada a afeição, que fazer? Fica sabendo que a afeição extinta só se pode substituir pela indiferença ou pelo

desprezo. Conserva-te, pois, sempre jovem e sempre nova para ele. Que ele te aborreça, isso pode bem acontecer; mas é preciso que tu não o aborreças nunca. Saber aborrecer-se no momento oportuno é uma das condições de qualquer espécie de poder. Vocês não poderão fazer variar a felicidade nem pelos cuidados com a fortuna nem pelas tarefas do lar; se assim não fizeres teu marido partilhar de tuas ocupações mundanas, se não lhe proporcionares diversões, cairéis na mais horrível apatia. Ao passo que sempre se ama a quem nos diverte ou nos faz felizes. Dar a felicidade e recebê-la são dois sistemas de conduta feminina separados por um abismo.

— Mãezinha querida, estou prestando atenção ao que dizes, mas não compreendo.

— Se amas Paulo a ponto de fazer tudo o que ele quiser, se ele te faz realmente feliz, não há nada a dizer, não serás senhora em tua casa e os melhores preceitos da sociedade não servirão de nada.

— Isto agora é muito claro; mas estou aprendendo a regra sem poder aplicá-la — disse Natália, rindo. — Tenho a teoria, a prática virá.

— Minha pobre Nini — replicou a mãe, que deixou cair uma lágrima sincera, pensando no casamento da filha e estreitando-a de encontro ao coração —, acontecerão coisas que te avivarão a memória. Enfim — continuou, após uma pausa durante a qual a mãe e a filha se conservaram unidas num abraço cheio de simpatia —, lembra-te bem disto, minha Natália: todos nós temos um destino como mulher, assim como os homens têm sua vocação. Assim, há mulheres nascidas para ser uma pessoa da moda, uma encantadora dona de casa, como há homens que nascem generais ou poetas. Tua vocação é agradar. Tua educação te formou para a sociedade. Atualmente, as mulheres devem ser educadas para os salões, como outrora o eram para o gineceu. Não nasceste para mãe de família nem para administradora. Se tiveres filhos, espero que eles não cheguem de maneira a estragar teu corpo desde o dia seguinte ao do casamento; nada é mais burguês que engravidar um mês após o casamento, e isso, antes de mais nada, constitui uma prova de que o marido não nos ama bastante. Assim, pois, se tiveres filhos, dois ou três anos depois do casamento, está bem, as governantas e os preceptores os criarão. Quanto a ti, conserva-te a grande dama que representa o luxo e o prazer da casa; mas exerce uma superioridade visível somente nas pequenas coisas que lisonjeiam o amor-próprio dos homens e oculta a superioridade que puderes

adquirir nas grandes.

— Tu me assustas, mamãe! — exclamou Natália. — Como irei lembrar-me desses preceitos? Como hei de fazer, eu, tão aturdida, tão criança, para calcular tudo, para refletir antes de agir?

— Queridinha, só te digo hoje o que aprenderias mais tarde comprando tua experiência à custa de faltas cruéis, de erros de conduta que te causariam desgostos e embaraçariam tua vida.

— Mas por onde hei de começar? — perguntou ingenuamente Natália.

— O instinto te guiará — respondeu a mãe. — Presentemente, Paulo te deseja muito mais do que te ama; e o amor gerado pelos desejos é uma esperança e o que sucede à sua satisfação é a realidade. Nisso, querida, residirá todo o teu poder e nisso é que está toda a questão. Qual é a esposa que não é amada na véspera do casamento? Trata de sê-lo no dia seguinte e há de sê-lo sempre. Paulo é um homem fraco, que se submete facilmente ao hábito; se te ceder na primeira vez, há de ceder sempre. Uma mulher ardentemente desejada pode pedir tudo: não cometas a loucura que já vi ser cometida por muitas mulheres que, ignorando a importância das primeiras horas em que imperamos, as empregam em bobagem, em tolices sem proveito. Serve-te do domínio que te dará a primeira paixão de teu marido para habituá-lo a obedecer-te. Mas, para fazê-lo ceder, escolhe a coisa mais absurda, para que possas medir a extensão do teu poder pela extensão da concessão. Que mérito terias em fazer-lhe querer uma coisa razoável? Seria a ti que ele obedeceria? É preciso atacar sempre o touro pelas aspas, diz um provérbio castelhano; logo que ele perceber a inutilidade de suas defesas e de sua força, estará dominado. Se teu marido fizer uma idiotice por ti, tu o governarás.

— Meu Deus! Por que isso?

— Porque, minha filha, o casamento dura toda a vida, e um marido não é um homem como qualquer outro. Por isso, não cometas nunca a tolice de te submeteres seja no que for. Guarda uma constante reserva nas tuas palavras e nas tuas ações; podes, mesmo, chegar sem perigo até a indiferença, pois se pode modificá-la à vontade, ao passo que não há nada além das manifestações extremas do amor. O marido, querida, é o único homem com o qual a mulher não se pode permitir nada. Por outro lado, nada é mais fácil que guardar a dignidade. As palavras “Sua esposa não deve, sua esposa não pode fazer ou dizer tal e tal coisa!” são o grande talismã. Toda a vida duma esposa se resume em “Não quero! Não posso!”.

Não posso é o irresistível argumento da fraqueza que se inclina, chora e seduz. *Não quero* é o último argumento. A força feminina se mostra então inteiramente; por isso, só se deve empregá-lo nas ocasiões graves. Todo o triunfo está na maneira como uma esposa se serve dessas duas frases, as interpreta e as varia. Mas há um meio de domínio melhor do que esses, que parecem admitir discussão. Eu, querida, sempre dominei pela fé. Se teu marido acreditar em ti, tudo poderás. Para inspirar-lhe essa devoção, precisas persuadi-lo de que o compreendes. E não penses que isso seja coisa fácil; uma mulher sempre pode provar a um homem que ele é amado, mas é muito difícil fazê-lo confessar que se sente compreendido. Devo dizer-te tudo, minha filha, pois, para ti, a vida com suas complicações, a vida em que duas vontades devem agir de acordo vai começar amanhã. Avalias bem essa dificuldade? O melhor meio de harmonizar as duas vontades é fazer com que só haja uma vontade em casa. Muitos pretendem que, mudando assim de papel, a esposa cria dificuldades para si; mas, querida, desse modo a esposa adquire a faculdade de dirigir os acontecimentos em vez de se submeter a eles, e essa vantagem, por si só, compensa todos os inconvenientes possíveis.

Natália beijou as mãos da mãe, derramando sobre elas lágrimas de gratidão. Como as mulheres nas quais a paixão física não excita a paixão moral, compreendeu imediatamente o alcance dessa elevada política feminina; mas, como as crianças mimadas, que não se dão por vencidas nem mesmo diante das razões mais sólidas e que reproduzem obstinadamente seu desejo, voltou à carga com um desses argumentos pessoais que a lógica direta das crianças sugere.

— Mamãe — disse ela —, há alguns dias falaste tanto em planos necessários à carreira de Paulo, que tu somente podias dirigir. Por que mudaste de ideia e nos abandonas assim?

— Eu não conhecia a extensão das minhas obrigações nem o vulto das minhas dívidas — respondeu a mãe, que não queria revelar seu segredo. — Por outro lado, daqui a um ou dois anos, poderei dedicar-me a isso. Paulo vai chegar, vamos nos vestir! Sê carinhosa e gentil como foste — sabes? — na noite em que discutimos esse fatal contrato, pois preciso salvar hoje um dos remanescentes de nossa casa e dar-te uma coisa a que estou supersticiosamente afeiçoada.

— Que é?

— O *Discreto*.

Pelas quatro horas Paulo chegou. Por mais que se esforçasse, enquanto falava

com a sogra, a dar uma expressão amável à fisionomia, a sra. Evangelista viu na sua frente os indícios da preocupação que os conselhos da noite e as reflexões do despertar lhe sugeriram.

“Mathias contou tudo!”, pensou ela, prometendo a si mesma destruir a obra do velho tabelião. — Querido filho — disse —, você deixou os diamantes no consolo e confesso-lhe que não quero mais ver coisas que quase criaram aborrecimentos entre nós. Além disso, como observou Mathias, é preciso vendê-los para atender ao primeiro pagamento das terras que você adquiriu.

— Já não são meus — disse ele —, dei-os a Natália, para que vendo-os usados por ela, a senhora não se recorde mais do desgosto que lhe causaram.

A sra. Evangelista tomou a mão de Paulo e apertou-a cordialmente, reprimindo uma lágrima de enternecimento.

— Escutem, meus bons filhos — disse, olhando para Natália e Paulo —, se é assim, vou propor um negócio a vocês. Estou obrigada a vender meu colar de pérolas e meus brincos. Sim, Paulo, não quero colocar nada da minha fortuna em rendas vitalícias, não esqueço o que lhe devo. Pois bem, confesso minha fraqueza, vender o *Discreto* me parece um desastre. Vender um diamante que leva o cognome de Filipe ii e que ornou sua real mão, uma pedra histórica que durante dez anos o duque d’Alba acariciou no punho de sua espada, não, não é possível. Elias Magus avaliou meus brincos e meu colar em cento e tantos mil francos. Vamos trocá-los pelas joias que lhe devo entregar para saldar meus compromissos para com minha filha; sairão ganhando, mas que me importa? Não sou interesseira. Assim, Paulo, com nossas economias, você irá aos poucos, diamante a diamante, compondo um diadema ou pavês para Natália. Em vez de ter esses adornos de fantasia, essas bugigangas que só a gatinha usa, sua mulher terá magníficos diamantes que lhe darão legítimas alegrias. Vender por vender, não é melhor desfazer-se dessas velharias e conservar na família estas belas pedras?

— Mas, mamãe, e a senhora? — perguntou Paulo.

— Eu — respondeu a sra. Evangelista — não preciso mais de nada. Sim, vou ser a caseira de vocês em Lanstrac. Não seria loucura ir para Paris no momento em que tenho de liquidar aqui o resto da minha fortuna? Torno-me avarenta para meus netos.

— Mãe querida — disse Paulo, muito comovido —, devo aceitar essa troca sem dar uma compensação?

— Meu Deus, não são vocês meu mais caro interesse? Acha que não será uma felicidade para mim ficar pensando, junto à lareira: “Natália está chegando, brilhante, esta noite, ao baile da duquesa de Berry? Vendo-se com meu diamante no pescoço e meus brincos nas orelhas, experimenta essas pequenas satisfações de amor-próprio que tanto contribuem para a felicidade duma mulher e a tornam alegre, graciosa!”. Nada entristece mais uma mulher que ver suas vaidades contrariadas e nunca vi, em parte alguma, uma mulher malvestida ser amável e ter bom humor. Seja justo, Paulo! Nós nos alegamos muito mais no objeto amado que em nós mesmos.

“Meu Deus, que será que Mathias queria dizer?”, pensava Paulo. — Bem, mamãe — disse à meia-voz —, aceito.

— Quanto a mim, estou confusa — disse Natália.

Nesse momento, chegou Solonet para dar uma boa notícia à cliente; encontrara, entre os especuladores que conhecia, dois empreiteiros entusiasmados pelo palácio, cujo terreno, por sua extensão, permitia levantar novas construções.

— Oferecem duzentos e cinquenta mil francos — disse ele. — Mas, se a senhora concordar, poderei levá-los a trezentos mil. A senhora tem duas jeiras de terreno.

— Meu marido pagou duzentos mil francos por tudo. Assim, concordo — disse ela. — Mas o senhor me reservará o mobiliário, os espelhos.

— Ah! — disse, rindo, Solonet. — A senhora entende de negócios.

— Ainda bem! É preciso — disse ela, suspirando.

— Soube que muitas pessoas virão à sua missa do galo — disse Solonet, percebendo que era demais ali e retirando-se.

A sra. Evangelista acompanhou-o até a porta do último salão e disse-lhe ao ouvido:

— Tenho agora uns duzentos e cinquenta mil francos em valores; se conseguir duzentos mil francos meus pela casa, posso reunir quatrocentos e cinquenta mil francos de capital. Quero tirar dele o melhor partido possível e conto com o senhor para isso. Provavelmente ficarei em Lanstrac.

O jovem tabelião beijou a mão da cliente num gesto de gratidão, pois a inflexão de voz da viúva deu a entender a Solonet que aquela aliança, aconselhada pelos interesses, ia estender-se um pouco mais longe.

— Pode contar comigo — disse ele. — Conseguirei colocações sobre mercadorias, nas quais a senhora não arriscará nada e terá lucros consideráveis.

— Até amanhã — disse ela —, pois o senhor é nossa testemunha, com o sr. marquês de Gyas.

— Por que, querida mamãe — disse Paulo —, a senhora se recusa a ir para Paris? Natália está amuada comigo, como se eu fosse o culpado de sua resolução.

— Pensei muito nisso, meus filhos. Eu os incomodaria. Vocês se julgariam obrigados a incluir-me em tudo quanto fizessem, e os moços têm ideias próprias que eu poderia involuntariamente contrariar. Vão sozinhos para Paris. Não quero continuar sobre a condessa de Manerville o suave domínio que exercia sobre Natália, quero deixá-la inteiramente para você. Você compreende, Paulo, temos hábitos comuns que precisamos interromper. Minha influência deve ceder à sua. Quero que você me estime e fique certo de que defenderei seus interesses aqui mais do que imagina. Os homens recém-casados ficam, mais cedo ou mais tarde, com ciúme da afeição que a filha tem pela mãe. Talvez tenham razão. Quando vocês estiverem bem unidos, quando o amor tiver fundido suas almas numa só, então, meu caro filho, você não mais poderá temer uma influência embaraçosa ao ver-me em sua casa. Conheço o mundo, os homens e as coisas; tenho visto muitos casais perturbados pelo amor cego de mães que se tornaram insuportáveis tanto às filhas como aos genros. A afeição das velhas é muitas vezes minuciosa e intrigante. Talvez eu não conseguisse eclipsar-me convenientemente. Tenho a fraqueza de ainda me julgar bonita, há adutores que querem provar-me que sou amável e eu teria pretensões importunas. Deixem-me fazer mais um sacrifício por sua felicidade; deem-me minha fortuna, pois bem, dou-lhes também minhas últimas vaidades de mulher. O pai Mathias está velho, não poderia cuidar das propriedades de vocês; ao passo que eu me farei administrador de vocês e me dedicarei às ocupações que, mais cedo ou mais tarde, os velhos têm de adotar; depois, quando for oportuno, irei ajudar, em Paris, seus projetos de ambição. Então, Paulo, seja franco, minha resolução lhe agrada, não é?

Paulo não quis confessá-lo, mas sentia-se muito contente por ficar com sua liberdade. As suspeitas que o velho tabelião lhe inspirara a respeito do caráter da sogra foram dissipadas num momento por essa palestra, que a sra. Evangelista retomou e continuou no mesmo tom.

“Mamãe tinha razão”, pensou Natália, ao ver a fisionomia de Paulo. “Ele está muito contente por me ver separada dela... Por quê?”

Não era esse *por quê* a primeira interrogação da desconfiança e não dava ele uma

imensa autoridade aos ensinamentos maternos?

Há certos caracteres aos quais basta uma prova para que acreditem na amizade. Nas pessoas assim constituídas, o vento norte dissipa as nuvens tão facilmente como o vento oeste as traz; detêm-se nos efeitos sem remontar às causas. Paulo era um desses temperamentos essencialmente confiantes, sem maus sentimentos, mas, também, sem previsões. Sua fraqueza provinha mais de sua bondade, de sua crença no bem, do que duma debilidade da alma.

Natália estava pensativa e triste, pois não sabia viver sem a mãe. Paulo, com essa espécie de fatuidade conferida pelo amor, ria da melancolia da futura esposa, dizendo para si mesmo que os prazeres do casamento e os atrativos de Paris a apagariam. A sra. Evangelista via com sensível prazer a confiança de Paulo, pois a primeira condição da vingança é a dissimulação. Um ódio declarado é impotente. A dama colonial já dera dois grandes passos. Sua filha já ganhara um belo adorno que custava duzentos mil francos a Paulo e que ele sem dúvida completaria. Além disso, abandonava as duas crianças à sua sorte, sem outro conselheiro além de seu amor ilógico. Preparava, assim, sua vingança sem o conhecimento da filha, que, cedo ou tarde, seria sua cúmplice. Natália amaria Paulo? Essa era uma questão ainda indecisa cuja solução podia modificar seus projetos, pois ela amava muito sinceramente a filha para não respeitar sua felicidade. O futuro de Paulo, pois, ainda dependia dele mesmo. Se se fizesse amar, estaria salvo.

Finalmente, na noite do dia seguinte, à meia-noite, após um serão passado em família, com as quatro testemunhas às quais a sra. Evangelista ofereceu o longo jantar que se segue ao casamento civil, os esposos e os amigos foram ouvir missa, que foi assistida por uma centena de pessoas curiosas. Um casamento celebrado à noite sempre traz à alma sinistros presságios, a luz é o símbolo de vida e de alegria de cujos augúrios ele fica privado. Perguntai à alma mais intrépida por que ela fica enregelada. Por que o frio negro das abóbadas a enerva? Por que o ruído dos passos a assusta? Por que se presta atenção ao grito dos mochos e ao clamor das corujas? Embora não exista nenhuma razão para tremer, todos tremem, e as trevas, imagem da morte, entristecem. Natália, separada da mãe, chorava. A moça sentia-se presa de todas as incertezas que assaltam o coração no limiar duma vida nova, na qual, a despeito das mais fortes garantias de felicidade, existe uma imensidade de ciladas nas quais cai a mulher. Sentiu frio e teve de enfiar uma capa. A atitude da sra. Evangelista e a dos esposos provocaram alguns comentários no elegante grupo que

cercava o altar.

— Solonet acaba de dizer-me que os noivos partem amanhã de manhã, sozinhos, para Paris.

— A sra. Evangelista devia ir com eles.

— O conde Paulo já se descartou dela.

— Que erro! — disse a marquesa de Gyas. — Fechar a porta à mãe da esposa não é abri-la a um amante? Será que ele não sabe o que é uma mãe?

— Ele foi muito cruel com a sra. Evangelista; a pobre mulher vendeu seu palácio e vai morar em Lanstrac.

— Natália está muito triste.

— Você gostaria de passar a manhã seguinte à noite de núpcias na estrada?

— É muito incômodo.

— Estou muito satisfeita por ter vindo — disse uma senhora — para convencer-me da necessidade de cercar o casamento das pompas e festas habituais, pois acho isto muito pobre, muito triste. E, se quer que lhe diga tudo o que penso — acrescentou, ao ouvido do vizinho —, esse casamento me parece indecente.

A sra. Evangelista levou Natália para sua carruagem e conduziu-a pessoalmente à casa do conde Paulo.

— Bem, mamãe, tudo está dito...

— Lembra-te, querida filha, das minhas últimas recomendações e serás feliz. Sê sempre sua esposa, e não sua amante.

Quando Natália se deitou, a mãe representou a comediazinha de lançar-se aos braços do genro chorando. Foi a única coisa provinciana que a sra. Evangelista se permitiu, mas tinha suas razões para isso. Através de lágrimas e palavras aparentemente loucas ou desesperadas, obteve de Paulo algumas concessões dessas que todos os maridos fazem. No dia seguinte, meteu os recém-casados numa carruagem e os acompanhou até a balsa pela qual se atravessa o Gironde. Por uma palavra, Natália comunicara à sra. Evangelista que, se Paulo ganhara a partida no jogo do contrato, sua desforra já começara. Natália já conseguira do marido a mais perfeita obediência.

III – A SEPARAÇÃO

Cinco anos depois, numa tarde de novembro, o conde Paulo de Manerville, envolto

numa capa, com a cabeça baixa, entrou misteriosamente na casa do sr. Mathias, em Bordeaux. Demasiado velho para continuar no ofício, o bom homem vendera o cartório e estava vivendo calmamente seus últimos dias numa de suas casas, para onde se retirara. Um caso urgente o obrigara a ausentar-se quando Paulo chegou; mas a velha governanta, avisada da chegada do conde, acompanhou-o ao quarto da sra. Mathias, que morrera havia um ano. Cansado da apressada viagem, Paulo dormiu até a noite. Ao voltar, o velho foi ao encontro do antigo cliente e ficou a contemplá-lo adormecido como uma mãe contemplando um filho. Josette, a governanta, acompanhou o patrão e ficou de pé diante da cama, com as mãos nas cadeiras.

— Há um ano, Josette, quando recebia aqui o último suspiro da minha querida esposa, não podia imaginar que um dia voltaria para ver o senhor conde quase morto.

— Pobre senhor! Geme enquanto dorme — disse Josette.

O antigo tabelião respondeu apenas por um “Diabo!”, inocente praga que sempre denunciava nele a desesperança do homem de negócios ao encontrar dificuldades intransponíveis.

“Enfim”, pensou, “salvei-lhe a nua propriedade de Lanstrac, de Auzac, de Saint-Froult e de seu palácio!”

Mathias contou nos dedos e exclamou:

— Cinco anos! Faz cinco anos, precisamente neste mês, que sua velha tia, hoje falecida, a respeitável sra. de Maulincour, pedia para ele a mão desse crocodilozinho vestido de mulher que o arruinou definitivamente como eu temia.

Após ter contemplado demoradamente o rapaz, o bom velho gotoso, apoiado na bengala, saiu a passear a passos lentos pelo jardim. Às nove horas, foi servida a ceia, pois Mathias ceava. O velho não ficou pouco espantado ao ver Paulo com um aspecto calmo, uma fisionomia serena, embora sensivelmente mudada. Se aos trinta e três anos o conde de Manerville parecia ter quarenta, essa alteração da fisionomia só podia ser devida a abalos morais: fisicamente, estava bem. Tomou as mãos do velho para obrigá-lo a conservar-se sentado e apertou-as afetuosamente, dizendo-lhe:

— Meu caro mestre Mathias! O senhor tem sofrido desgostos!

— Os meus são próprios da natureza, senhor conde; mas os seus...

— Falaremos de mim agora mesmo, enquanto ceamos.

— Se eu não tivesse um filho na magistratura e uma filha casada — disse o velho —, acredite, senhor conde, que encontraria na casa do velho Mathias algo mais do que hospitalidade. Como é que vem a Bordeaux justamente quando, em todas as paredes, os transeuntes leem os editais da penhora imobiliária das herdades do Grassol e do Guadet, do vinhedo de Bellerose e de seu palácio? É-me impossível dizer o pesar que sinto ao ver esses enormes cartazes, eu que, durante quarenta anos, cuidei desses imóveis como se me pertencessem; eu que, terceiro escrevente do digno sr. Chesneau, meu predecessor, os comprei para a senhora sua mãe e que, com minha mão de terceiro escrevente, redigi com tanto desvelo o documento de venda, sobre pergaminho, com bela caligrafia! Eu que tenho os títulos de propriedade no cartório do meu sucessor, eu que fiz as liquidações! Eu que o vi deste tamanho! — disse o tabelião, estendendo a mão a dois pés do chão. — É preciso ter sido tabelião durante quarenta e um anos e meio para avaliar a dor que me causa ver meu nome impresso com todas as letras nos editais da penhora e na discriminação da propriedade. Quando passo pela rua e vejo pessoas ocupadas em ler esses horríveis cartazes amarelos, envergonho-me como se se tratasse de minha própria ruína e de minha honra. Há imbecis que soletram os dizeres em voz alta, expressamente para atrair os curiosos; e ficam todos a fazer os comentários mais idiotas. Não se é dono de seus bens? Seu pai dissipara duas fortunas antes de refazer aquela que lhe deixou, e o senhor não seria um Manerville se não o imitasse. Por outro lado, as penhoras imobiliárias ocupam um capítulo inteiro do Código, foram previstas, o senhor está num caso admitido pela lei. Se eu não fosse um velho de cabelos brancos que só espera um empurrão para cair dentro da sepultura, daria uma sova nos que se detêm diante dessas abominações: *A requerimento da sra. Natália Evangelista, esposa de Paulo Francisco José, conde de Manerville, separada quanto aos bens por sentença do Tribunal de primeira instância do departamento do Sena etc.*

— Sim — disse Paulo —, e atualmente separada de corpo...

— Ah! — fez o velho.

— Oh! Contra a vontade de Natália — protestou o conde. — Tive de enganá-la, ela ignora minha partida.

— Vai partir?

— Minha passagem já está paga, vou embarcar no *Belle-Amélie* para Calcutá.

— Daqui a dois dias! — disse o velho. — Então, não nos veremos mais, senhor

conde.

— O senhor tem somente setenta e três anos, meu caro Mathias, e tem gota, um verdadeiro alvará de longevidade. Quando eu voltar, hei de encontrá-lo rijo. Sua boa cabeça e seu coração ainda estarão ativos e então me ajudará a reconstituir o edifício abalado. Pretendo ganhar uma bela fortuna em sete anos. Ao voltar, terei apenas quarenta. Tudo ainda é possível nessa idade.

— O senhor! — disse Mathias, deixando escapar um gesto de surpresa. — O senhor conde pensa dedicar-se ao comércio?

— Não sou mais conde, meu caro Mathias. Minha passagem foi adquirida sob o nome de Camille, um dos nomes de batismo de minha mãe. Além disso, tenho conhecimentos que me permitem fazer fortuna de outro modo. O comércio será meu último recurso. Enfim, parto com uma quantia bastante considerável que me permite tentar a fortuna em grande escala.

— Onde está essa quantia?

— Um amigo ma remeterá.

O velho deixou cair o garfo, ao ouvir a palavra *amigo*, não por zombaria nem surpresa; sua expressão traduziu o pesar que experimentava ao ver Paulo sob a influência duma ilusão enganadora, pois onde o conde pensava ver um terreno plano, seu olhar descobria um abismo.

— Exerci o tabelionato durante cerca de cinquenta anos e nunca vi pessoas arruinadas ter amigos que lhes emprestassem dinheiro!

— O senhor não conhece de Marsay! A esta hora, estou certo de que ele já vendeu seus títulos de renda, se necessário, e amanhã o senhor receberá um cheque de cinquenta mil escudos.

— Faço votos de que assim seja. Mas então esse amigo não poderia arrumar seus negócios? O senhor poderia viver tranquilamente em Lanstrac, com os rendimentos da senhora condessa, durante seis ou sete anos.

— Poderia um procurador pagar um milhão e quinhentos mil francos de dívidas, dos quais quinhentos e cinquenta mil à minha mulher?

— Como pôde fazer em quatro anos um milhão e quatrocentos e cinquenta mil francos de dívidas?

— Nada mais claro, Mathias. Não deixei os diamantes para minha mulher? Não gastei os cento e cinquenta mil francos que nos tocaram do preço do palácio Evangelista no arranjo de minha casa de Paris? Não tive de pagar aqui as despesas

de nossas compras e as relativas a meu contrato de casamento? Enfim, não tive de vender os quarenta mil francos de renda de Natália para pagar Auzac e Saint-Froult? Vendemos a oitenta e sete, e assim fiz duzentos mil francos de dívidas já no primeiro mês de casados. Ficamos com sessenta e sete mil francos de renda. E temos gasto sempre duzentos mil. Junte a esses novecentos mil francos alguns juros de agiotas e encontrará facilmente um milhão.

— Caramba! — disse o velho tabelião. — E depois?

— Bem, em primeiro lugar, quis completar o presente de minha mulher, começado com o colar de pérolas preso pelo *Discreto*, um diamante da família, e os brincos de sua mãe. Paguei cem mil francos por uma coroa de diamantes. Até aí já temos um milhão e cem mil francos. E ainda devo o dinheiro de minha mulher, que se eleva aos trezentos e cinquenta e seis mil francos de seu dote.

— Mas — disse Mathias —, se a senhora condessa empenhasse seus diamantes e o senhor seus rendimentos, teriam, pelos meus cálculos, trezentos mil francos, com os quais poderia acalmar os credores...

— Quando um homem cai, Mathias, quando suas propriedades estão gravadas de hipotecas, quando sua esposa se antecipa aos credores com suas reclamações, quando, enfim, se está sob a ameaça de cem mil francos de letras de câmbio, que tenho a esperança de poder pagar pelo preço alto que atingirão meus bens como o espero, então nada mais é possível. E as despesas de expropriação, então?

— Horrível! — disse o tabelião.

— As penhoras foram, felizmente, convertidas em vendas voluntárias, a fim de atenuar o golpe.

— Vender Bellerose — exclamou Mathias — quando a colheita de 1825 ainda está na adega!

— Não posso evitá-lo.

— Bellerose vale seiscentos mil francos.

— Natália tornará a comprá-la, aconselhei-a que o fizesse.

— Dezesseis mil francos nos anos comuns e eventualidades como a de 1825! Eu mesmo conseguiria setecentos mil francos por Bellerose e cento e vinte mil para cada uma das granjas.

— Tanto melhor, pagarei minhas dívidas, se meu palácio de Bordeaux puder ser vendido por duzentos mil francos.

— Solonet pagará um pouco mais do que isso, está ansioso para comprá-lo. Ele

vai se retirar da atividade com cento e tantos mil francos de renda ganhos jogando roleta. Vendeu o cartório por trezentos mil francos e vai se casar com uma mulata rica — sabe Deus como ganhou seu dinheiro! —, mas rica, como se diz, de milhões. Um tabelião jogar na roleta! Um tabelião casar-se com uma mulata! Que século! Dizem que ele movimentava o capital de sua sogra.

— Ela melhorou muito Lanstrac, cuidou das propriedades e paga-me regularmente o arrendamento.

— Eu nunca poderia julgá-la capaz de se conduzir assim.

— Ela é muito boa e dedicada, sempre pagava as dívidas de Natália durante os três meses que passava em Paris.

— Ela podia fazê-lo, mora em Lanstrac — disse Mathias. — Ela! Tornar-se econômica! Que milagre! Acaba de comprar, entre Lanstrac e Grassol, a propriedade de Grainrouge, de modo que, se continuar a estrada de Lanstrac até a estrada real, o senhor poderá andar légua e meia em suas propriedades. Pagou cem mil francos à vista por Grainrouge, que representa mil escudos de renda em produtos.

— Ela continua bonita — disse Paulo. — A vida do campo a conserva muito bem. Não irei despedir-me dela, ela se sacrificaria por mim.

— Nem adiantaria ir, ela está em Paris. Talvez tenha chegado lá no momento em que o senhor partiu.

— Certamente soube da venda de minhas propriedades e foi socorrer-me. Não tenho por que me queixar da vida. Sou amado, na verdade, tanto quanto um homem pode sê-lo neste mundo, amado por duas mulheres que rivalizavam em dedicação; uma tinha ciúmes da outra, a filha censurava a mãe por gostar demasiado de mim, a mãe repreendia a filha por suas dissipações. Essa afeição me perdeu. Como não satisfazer os mais insignificantes caprichos duma mulher que se ama? Não é possível recusar! Mas, por outro lado, como aceitar esses sacrifícios? É verdade que poderíamos liquidar minhas propriedades e ir morar em Lanstrac; mas prefiro ir para as Índias e trazer de lá uma fortuna a arrancar Natália à vida de que ela gosta. Assim, fui eu que propus a separação. As mulheres são anjos, que não se devem misturar com os interesses da vida.

O velho Mathias escutava Paulo com uma expressão de dúvida e de espanto.

— Não têm filhos? — perguntou-lhe.

— Felizmente, não — respondeu Paulo.

— Encaro o casamento de outra forma — respondeu com naturalidade o velho

tabelião. — Acho que a esposa deve partilhar da boa ou da má sorte do marido. Tenho ouvido dizer que os recém-casados que se amam como amantes não têm filhos. Será o prazer, então, a única finalidade do casamento, e não o bem-estar e a família? Mas o senhor tinha somente vinte e oito anos e a condessa vinte; tinham desculpas por pensar somente no amor. Entretanto, a natureza de seu contrato e seu nome — o senhor não me julgará muito tabelião? —, tudo exigia que o senhor comesse por arranjar um belo rapaz. Sim, senhor conde, e se tivesse filhas não devia parar até conseguir um filho que consolidasse o morgadio. A srta. Evangelista não era forte? Tinha alguma coisa a temer da maternidade? O senhor me dirá que isso é um velho método dos nossos ancestrais; mas, nas famílias nobres, senhor conde, a esposa legítima deve ter filhos e criá-los: como dizia a duquesa de Sully, a esposa do grande Sully, a esposa não é um instrumento de prazer, é a honra e a virtude do lar.

— O senhor não conhece as mulheres, meu bom Mathias — disse Paulo. — Para ser amado, é preciso amá-las à vontade delas. Não é um tanto brutal privar logo a mulher de seus privilégios, estragar-lhe a beleza antes que ela a tenha desfrutado?

— Se tivesse tido filhos, a mãe teria evitado as dissipações da esposa, teria ficado em casa...

— Se o senhor tivesse razão, meu caro — disse Paulo, enrugando as sobrancelhas —, eu ainda seria mais infeliz. Não agrave meu sofrimento com repreensões depois da queda, deixe-me partir sem remorsos.

No dia seguinte, Mathias recebeu um cheque de cento e cinquenta mil francos, à vista, enviado por Henrique de Marsay.

— Como vê — disse Paulo —, ele não me escreveu nenhum bilhete, começa por obsequiar-me. Henrique é o temperamento mais perfeitamente imperfeito, mais ilegalmente imperfeito, mais ilegalmente belo que conheço. Se o senhor soubesse com que superioridade esse homem ainda jovem se mantém por cima dos sentimentos e dos interesses e que grande político ele é, o senhor ficaria espantado como eu por sabê-lo tão generoso.

Mathias tentou combater a determinação de Paulo, mas ela era irrevogável e justificada por tantas razões poderosas que o velho tabelião não procurou mais reter o cliente. É raro que a partida dos navios de carga se faça pontualmente; mas, por uma circunstância fatal a Paulo, o vento foi propício e o *Belle-Amélie* teve de fazer-se à vela no dia seguinte. À partida dum navio o embarcadouro enche-se de

parentes, amigos e curiosos. Entre os que se achavam lá alguns conheciam pessoalmente Manerville. Seu desastre o tornava tão famoso agora como fora antes por sua fortuna, e isso despertou a curiosidade. Todos comentavam. O velho acompanhou Paulo ao porto e deve ter sofrido muito ao ouvir algumas dessas frases.

— Quem haveria de reconhecer naquele homem que lá está, junto do velho Mathias, aquele elegante que apelidaram de *Fleur-des-Pois* e que há cinco anos ditava a moda em Bordeaux?

— Quem? Aquele homenzinho gordo, de sobrecasaca de alpaca, que parece um cocheiro, será o conde Paulo de Manerville?

— Sim, querida, aquele que se casou com a srta. Evangelista. E ei-lo arruinado, sem eira nem beira, a caminho das Índias, em busca de dinheiro.

— Mas como foi que ficou na miséria? Era tão rico!

— Paris, as mulheres, a Bolsa, o jogo, o luxo...

— Além disso — disse outro —, Manerville é um pobre-diabo, sem inteligência, sem energia, que se deixa explorar, é incapaz de qualquer coisa. Já nasceu arruinado.

Paulo apertou a mão do velho e refugiou-se no navio. Mathias permaneceu no cais, contemplando o antigo cliente, que se encostou à amurada desafiando a multidão com um olhar cheio de desprezo. No momento em que os marinheiros levantavam a âncora, Paulo notou que Mathias lhe fazia sinais com o lenço. A velha governanta chegara correndo ao encontro do patrão, a quem um acontecimento muito importante parecia agitar. Paulo pediu ao capitão que esperasse um momento e mandasse uma canoa para ver o que queria o velho tabelião, que lhe fazia um enérgico sinal para desembarcar. Sentindo-se sem forças para ir até o navio, Mathias entregou duas cartas a um dos marinheiros que trouxeram a canoa.

— Meu caro, este papel — disse o antigo tabelião ao marinheiro, mostrando-lhe uma das cartas que lhe entregou —, olha bem, não te enganes; este papel acaba de ser trazido de Paris por um correio que fez o trajeto até aqui em trinta e cinco horas. Diz isto ao senhor conde, não te esqueças! Isto pode fazê-lo mudar de resolução.

— E teremos de desembarcá-lo? — perguntou o marinheiro.

— Sim, meu amigo — respondeu imprudentemente o tabelião.

O marinheiro é, em qualquer lugar e a qualquer momento, uma criatura à parte, que quase sempre vota o mais profundo desprezo à gente de terra. Quanto aos

burgueses, não os compreendem, não se os explicam, zombam deles, furtam-nos quando podem, sem achar que violam as leis da probidade. Aquele, por acaso, era um baixo bretão para quem as recomendações do velho Mathias só tinham uma significação.

“Ora essa”, pensou, enquanto remava, “desembarcá-lo! Tirar um passageiro ao capitão! Se a gente desse ouvidos a esses idiotas, teria de passar a vida a embarcá-los e a desembarcá-los. Será que tem medo que o filho apanhe um resfriado?”

Assim, o marinheiro entregou as cartas a Paulo sem nada dizer-lhe. Ao reconhecer a letra da esposa e a de de Marsay, Paulo imaginou o que os dois podiam dizer-lhe e não quis se deixar influenciar pelos oferecimentos que a dedicação lhes houvesse inspirado. Meteu as cartas no bolso com uma visível despreocupação.

— E é por uma coisa dessas que nos incomodam! Bobagens! — disse o marinheiro em dialeto bretão. — Se fosse coisa importante, como disse aquele velho lampião, o senhor conde meteria a carga nas escotilhas?

Absorto pelas ideias tristes que assaltam mesmo os homens mais fortes em semelhante circunstância, Paulo entregou-se à melancolia, saudando com a mão o velho amigo, despedindo-se da França, contemplando os edifícios de Bordeaux que fugiam rapidamente. Sentou-se sobre um rolo de cordas. A noite o surpreendeu lá, mergulhado em pensamentos. Com o crepúsculo vieram as dúvidas: sondava o futuro com um olhar inquieto; e, ao sondá-lo, só viu nele perigos e incertezas, e se interrogava se teria coragem suficiente. Sentia vagos receios ao saber Natália abandonada: arrependia-se de sua resolução, sentia saudades de Paris e de sua vida passada. O enjoo o dominou. Todos conhecem os efeitos dessa doença: o mais horrível de seus padecimentos sem perigo é uma dissolução completa da vontade. Uma inexplicável perturbação relaxa as cordas da vitalidade no seu próprio centro, a alma já não desempenha suas funções, e tudo se torna indiferente ao enfermo: a mãe esquece o filho, o amante não pensa mais na amada, o homem mais forte jaz como uma massa inerte. Paulo foi levado para o camarote, onde permaneceu três dias, estendido, vomitando e ingerindo bebidas que os marinheiros lhe davam, não pensando em nada e dormindo; depois, passou por uma espécie de convalescença e voltou ao estado normal. Pela manhã, sentindo-se melhor e saindo a passear pelo convés, para respirar a brisa marinha dum clima diferente, sentiu as cartas ao meter a mão no bolso; abriu-as logo, para lê-las, e começou pela de Natália. Para que a carta da condessa de Manerville possa ser bem compreendida, é necessário

transcrever a que Paulo escrevera à esposa ao deixar Paris:

CARTA DE PAULO DE MANERVILLE À SUA ESPOSA

“Querida, quando leres esta carta, estarei longe de ti; talvez já esteja no navio que me levará à Índia, onde vou refazer minha fortuna abalada. Não tive forças para anunciar-te minha partida. Enganei-te, mas não podia agir de outro modo. Terias ficado inutilmente aborrecida e certamente haverias de querer sacrificar tua fortuna por mim. Querida Natália, não tenhas remorsos, não lamento nada. Quando trouxer milhões, imitarei teu pai, jogá-los-ei a teus pés como ele jogava os seus aos pés de tua mãe, dizendo: ‘Tudo é para ti’. Amo-te loucamente, Natália; digo-o sem receio de que te sirvas desta confissão para ampliar um domínio que só é temido pelas criaturas débeis, e o teu foi sem limites desde o dia em que te conheci. Meu amor é o único cúmplice de meu desastre. Minha progressiva ruína fez-me experimentar delirantes emoções do jogador. À medida que meu dinheiro diminuía, minha felicidade aumentava. Cada fragmento de minha fortuna, convertido para ti numa pequena alegria, dava-me enlevos celestiais. Gostaria que tivesses mais caprichos do que tinhas. Sabia que me encaminhava para um abismo, mas avançava com a fronte coroadada pela alegria, sentimento que as pessoas vulgares ignoram. Agi como esses amantes que se encerram numa casinha à beira dum lago por um ano ou dois e que se prometem matar-se após terem mergulhado num oceano de prazeres, morrendo assim em plena glória de suas ilusões e de seu amor. Sempre achei os que assim fazem prodigiosamente sensatos. Nada sabias de minhas alegrias nem de meus sacrifícios. Não se sente uma imensa delícia em ocultar à pessoa amada o preço daquilo que ela deseja? Posso confessar-te esses segredos. Estarei longe de ti quando te chegar às mãos esta carta cheia de amor. Se perco assim os tesouros de tua gratidão, não experimento esse aperto no coração que sentiria ao falar-te nessas coisas. Depois, querida, não há um certo cálculo interesseiro em revelar-te assim o passado? Não é prolongar nosso amor pelo futuro? Teremos acaso necessidade de fortalecê-lo? Não nos amamos com um amor puro, ao qual são indiferentes as provas, que desconhece o tempo, as distâncias e vive por si mesmo? Ah! Natália, deixei a mesa em que estava escrevendo, junto à lareira, e vim ver-te adormecida, confiante, numa atitude de criança inocente, com a mão estendida para mim. Deixei uma lágrima no travesseiro confiante de nossas alegrias íntimas. Parto sem receio sobre o acerto desta atitude, parto a fim de conquistar o repouso ganhando uma fortuna suficientemente considerável para que nenhuma inquietação perturbe nossas alegrias, para que possas satisfazer teus desejos. Nem tu nem eu poderíamos privar-nos das alegrias da vida que levamos. Sou homem, tenho coragem: a mim cabe a tarefa de juntar a fortuna de que necessitamos. Talvez penses em me acompanhar! Eu te ocultarei o nome do navio, o lugar e o dia da partida. Um amigo te dirá tudo quando já não houver mais tempo. Natália, minha afeição não tem limites, amo-te como a mãe ama seu filho, como o amante ama sua amada, com o maior desinteresse. A mim os trabalhos, a ti os prazeres; a mim os sofrimentos, a ti a vida feliz. Diverte-te, conserva teus hábitos luxuosos; vai aos Italiens, à Ópera, frequenta a sociedade, os bailes, absolve-te de tudo. Anjo querido, sempre que voltares a este ninho onde saboreamos os frutos amadurecidos durante nossos cinco anos de amor, pensa em teu amigo, pensa em mim por um momento, adormece no meu coração. Eis tudo o que te peço. Quanto a mim, eterna lembrança querida, sempre que, perdido sob céus ardentes, trabalhando por nós dois, encontrar obstáculos a

vencer, ou, fatigado, repousar nas esperanças do regresso, pensarei em ti, que és minha bela vida. Sim, esforçar-me-ei por estar em ti, e me direi que não tens sofrimentos nem preocupações, que és feliz. Assim como temos nossa vida do dia e da noite, a vigília e o sono, terei também minha existência florida em Paris e minha existência de trabalho na Índia; um sonho doloroso, uma realidade deliciosa: viverei de tal modo na tua realidade que meus dias serão sonhos. Terei minhas recordações, repetirei canto por canto esse belo poema de cinco anos, lembrar-me-ei dos dias em que te deliciavas em brilhar, e nos quais, por um vestido ou um roupão, te fazias nova a meus olhos. Tornarei a sentir nos lábios o sabor de nossos jantares. Sim, anjo querido, parto como um homem que se lança a uma empresa cujo triunfo lhe dará sua bela amante. O passado será para mim como esses sonhos do desejo que precedem a posse e que muitas vezes a posse desfaz, mas que sempre tornaste mais belos. Voltarei para encontrar uma nova mulher, a ausência te dará novos encantos. Oh, meu belo amor, minha Natália, que eu seja uma religião para ti. Sê sempre a criança que acabo de ver adormecida! Se traíesses minha cega confiança, Natália, não precisarias temer minha cólera, fica certa disso; eu morreria silenciosamente. Mas a mulher jamais engana o homem que a deixa livre, pois a mulher nunca é covarde. Zomba dum tirano, mas renuncia a uma traição fácil que mataria. Não, não penso nisso. Perdoa-me este brado tão natural a um homem. Anjo querido, verás de Marsay, ele será o locatário de nosso palácio e o deixará a teu dispor. Esse arrendamento simulado é necessário para evitar perdas inúteis. Os credores, ignorando que seu pagamento é uma questão de tempo, poderiam penhorar o mobiliário e o usufruto de nosso palácio. Sê boa para de Marsay: tenho a mais inteira confiança em sua capacidade e em sua lealdade. Toma-o como defensor e conselheiro, dispõe dele. Quaisquer que sejam suas ocupações, ele estará sempre às tuas ordens. Encarrega-o de tratar da liquidação dos meus negócios. Se ele tiver de desembolsar alguma quantia de que venha a necessitar mais tarde, conto contigo para que lha entregues. Lembra-te de que não te confio a de Marsay e sim a ti mesma; indicando-o, não o imponho. Mas é-me impossível falar-te de negócios, não tenho mais de uma hora para ficar junto de ti. Conto tuas respirações, procuro desvendar teus pensamentos nos raros movimentos do teu sono, teu sopro reanima as horas floridas de nosso amor. A cada pulsação do teu coração, o meu derrama tesouros sobre ti, desfolho sobre ti todas as rosas de minha alma como as crianças as espalham diante do altar na festa de Cristo-Rei. Recomendo-te às recordações com que te molesto, gostaria de poder infundir-te meu sangue para que fosses inteiramente minha, para que teu pensamento fosse meu pensamento, para que teu coração fosse meu coração, para estar inteiramente em ti. Deixaste escapar neste momento um leve murmúrio como uma doce resposta. Sê sempre calma e bela como agora. Ah! Eu gostaria de possuir esse fabuloso poder de que falam os contos de fadas, desejaria deixar-te adormecida assim durante minha ausência e despertar-te com um beijo ao regressar. Quanta energia e quanto amor são necessários para deixar-te ao ver-te assim! És uma espanhola religiosa, hás de respeitar um juramento feito durante o sono e no qual não se pode duvidar da tua palavra inexprimida. Adeus, querida; eis teu pobre *Fleur-des-Pois* arrebatado por um vendaval; mas ele voltará para ti, para sempre, nas asas da fortuna. Não, querida Nini, não te digo adeus, nunca te deixarei. Não serás a alma das minhas ações? Não será a esperança de trazer-te uma felicidade indestrutível que guiará meus passos? Não estarás sempre comigo? Não, não será o sol da Índia, e sim o fulgor dos teus olhos que me iluminará. Sê tão feliz quanto uma mulher possa sê-lo sem seu amante. Eu gostaria de não ter de receber como último beijo um beijo em que foste inteiramente passiva; mas, meu anjo adorado, minha Nini, não quis despertar-te. Ao acordar, encontrarás uma lágrima em tua fronte, faz dela um talismã! Pensa, pensa muito em quem talvez venha a morrer por ti; longe de ti; pensa menos no marido que no amante dedicado que te confia a Deus.”

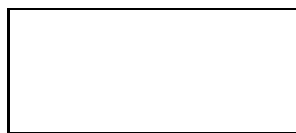
RESPOSTA DA CONDESSA DE MANERVILLE A SEU MARIDO

“Meu querido, em que aflição me deixa tua carta! Tinhas o direito de tomar sem me consultares uma resolução que nos fere igualmente? És livre? Não me pertences? Não sou metade colonial? Não poderia acompanhar-te? Dás-me a entender que não te sou indispensável. Que te fiz, Paulo, para me privares de meus direitos? Que queres que eu faça sozinha em Paris? Anjo querido, tomas sobre teus ombros todos os meus erros. Não tenho alguma culpa dessa ruína? Meus vestidos não pesaram grandemente na balança? Fazes-me amaldiçoar a vida feliz, despreocupada, que temos levado durante quatro anos. Saber-te afastado por seis anos não é para me matar? Pode-se fazer fortuna em seis anos? Voltarás? Vejo que estava acertada quando me recusava, com uma obstinação instintiva, a essa separação de bens que minha mãe e tu exigistes a todo o custo. Que te dizia eu então? Não era uma desconsideração de minha parte? Não era arruinar teu crédito? Foi preciso que te zangasses para que eu cedesse. Meu querido Paulo, nunca foste tão grande a meus olhos como neste momento. Não desesperar de nada, ir buscar uma fortuna...! É necessário ter teu caráter e tua energia para agir assim. Estou a teus pés. Um homem que confessa sua fraqueza com a tua boa-fé, que refaz sua fortuna pela mesma causa que o levou a dissipá-la, por amor, por uma paixão irresistível, esse homem é sublime. Segue sem receio, marcha através dos obstáculos, sem duvidar de tua Natália, pois isso seria duvidar de ti mesmo. Pobre querido, queres viver em mim? E eu, não estarei sempre em ti? Não estarei aqui, mas em qualquer lugar onde estiveres. Se tua carta me causou vivos sofrimentos, também me encheu de alegria; deste-me a conhecer, num momento, os dois extremos, pois, ao ver quanto me amas, fiquei orgulhosa de saber que meu amor era bem sentido. Às vezes, julgava amar-te mais do que me amavas; agora, declaro-me vencida, podes juntar esta deliciosa superioridade a todas as que possuis; mas não tenho agora maiores razões para amar-te? Tua carta, esta preciosa carta em que tua alma se revela e que me disse tão claramente que nada estava perdido entre nós, ficará em meu coração durante toda a tua ausência, pois nela está toda tua alma, esta carta é a minha glória! Irei morar em Lanstrac com minha mãe e lá ficarei como morta para o mundo, economizarei meus rendimentos para pagar integralmente tuas dívidas. A partir desta manhã, Paulo, sou outra mulher, despeço-me definitivamente da sociedade, não quero nenhum prazer de que não possas partilhar. Além disso, Paulo, preciso deixar Paris e ir para a solidão. Fica sabendo, querido, que tens uma dupla razão para fazer fortuna. Se tua coragem tivesse necessidade de estímulo, tu o encontrarias num outro coração que acharás agora em ti mesmo. Meu bom amigo, não adivinhas? Vamos ter um filho. Seus mais ardentes desejos se realizaram, senhor. Não queria causar-te uma dessas falsas alegrias que matam; já temos tido muitos desgostos a esse respeito e eu não queria ver-me obrigada a desmentir a boa notícia. Hoje, tenho certeza do que te anuncio e sinto-me feliz por lançar uma alegria no meio de tuas tristezas. Esta manhã, sem desconfiar de nada e julgando-te na cidade, fui à Assomption agradecer a Deus. Como poderia prever uma desgraça? Tudo me sorria nesta manhã. Ao sair da igreja, encontrei mamãe; ela soubera de tuas aperturas e chegara pela posta com suas economias, com trinta mil francos, esperando poder solucionar teus negócios. Que bondade, Paulo! Sentia-me contente e voltei para casa a fim de dar-te as duas boas notícias enquanto almoçássemos sob a tenda, onde eu te preparara as gulodices de que gostas. Agostinha entregou-me a carta. Uma carta vinda de ti,

quando havíamos dormido juntos, não encerrava um drama? Tive um sobressalto mortal e depois li...! Li-a chorando, e mamãe também se desfazia em lágrimas! É necessário amar muito a um homem para chorar, pois as lágrimas enfeiam as mulheres! Estava meio morta. Tanto amor e tanta coragem! Tanta felicidade e tantas misérias! A mais rica fortuna do coração e a ruína momentânea dos interesses! Não poder estreitar o bem-amado de encontro ao peito no momento em que sua grandeza nos envolve! Que mulher poderia resistir a essa tempestade de sentimentos? Saber-te longe de mim quando tua mão sobre meu coração me faria tanto bem; não estava aqui para dar-me esse olhar que amo tanto, para te alegrares comigo pela realização de tuas esperanças; e eu não estava junto de ti para amenizar tuas amarguras com essas carícias que te fazem tua Natália tão querida e que te fazem esquecer tudo. Quis partir, voar para junto de ti; mas mamãe advertiu-me de que o *Belle-Amélie* ia zarpar no dia seguinte; que somente o correio poderia chegar aí tão depressa e que, no estado em que me encontro, seria uma loucura arriscar todo um futuro com os solavancos da carruagem. Embora já mãe, mandei preparar os cavalos e mamãe me enganou dizendo-me que já tinham ido buscá-los. E agiu prudentemente, pois as primeiras indisposições da gravidez já começaram. Não pude resistir a tantas emoções violentas e me senti mal. Escrevo-te do leito, os médicos exigem repouso nos primeiros meses. Até agora eu era uma mulher frívola; de hoje em diante, serei uma mãe de família. A Providência é muito bondosa comigo, pois somente um filho a amamentar, a cuidar e a criar poderá atenuar a dor que tua ausência me causará. Estarás representado nele e nele te acariciarei. Confessarei abertamente meu amor, que temos ocultado tão cuidadosamente. Direi a verdade. Mamãe já teve ocasião de desmentir algumas calúnias que correm a teu respeito. Os dois Vandenesse, Carlos e Félix, também te têm defendido ardorosamente; mas teu amigo de Marsay leva tudo em brincadeira: escarnece de teus acusadores, em vez de responder-lhes; não gosto dessa maneira de repelir levemente ataques sérios. Não estarás enganado a respeito dele? Apesar disso, hei de obedecer-te e farei dele meu amigo. Fica descansado, meu adorado, relativamente às coisas que se referem à tua honra. Não é também a minha? Meus diamantes serão empenhados. Mamãe e eu vamos empregar todos os nossos recursos para pagar integralmente tuas dívidas e readquirir teu vinhedo de Bellerose. Mamãe, que entende de negócios como um verdadeiro procurador, censurou-te muito por não te haveres aberto com ela. Ela não teria comprado, como o fez na certeza de que te daria um prazer, a propriedade de Grainrouge, que estava encravada em tuas terras, e poderia ter-te emprestado cento e trinta mil francos. Ela está desesperada com a resolução que tomaste. Teme tua permanência nas Índias. Ela te suplica que sejas sóbrio e não te deixes seduzir pelas mulheres... Não participo deste pedido. Tenho tanta confiança em ti como em mim mesma. Voltarás para mim rico e fiel. Somente eu, no mundo, conheço tua delicadeza de mulher e teus sentimentos secretos que fazem de ti uma deliciosa flor humana digna do céu. Os bordeleses tinham sobrada razão para dar-te teu belo apelido. Quem há de cuidar de minha delicada flor? Tenho o coração trespassado por pensamentos terríveis. Eu, sua esposa, sua Natália, estar aqui enquanto ele talvez já esteja sofrendo! E eu, tão ligada a ti, não partilhar de tuas penas, de teus revezes, de teus perigos! A quem te confiarás? Como pudesse dispensar o ouvido ao qual contavas tudo? Querida sensitiva arrancada por um vendaval, por que te transplantaste do único terreno em que poderias desenvolver teus perfumes? Tenho a impressão de estar sozinha há dois séculos, e sinto frio em Paris. Já chorei bastante...

‘Ser a causa de teu desastre!’ Que assunto para os pensamentos duma esposa apaixonada! Trataste-me como uma criança a quem se dá tudo quanto pede, como uma cortesã por quem um estouvado consome sua fortuna. Tua suposta delicadeza foi um insulto. Achas que eu não me poderia privar de vestidos, bailes, ópera, sucesso? Acaso sou uma mulher leviana? Não me achas capaz de ter ideias sérias, de concorrer para tua fortuna como concorria para teus prazeres? Se não estivesses longe de mim, triste e infeliz, o senhor

seria duramente censurado por tamanha impertinência. Humilhar sua esposa a esse ponto! Meu Deus! Por que era, então, que eu frequentava a sociedade? Para lisonjear tua vaidade; era para ti que eu me enfeitava, bem o sabes. Mesmo que eu tivesse cometido faltas, estaria agora cruelmente punida; tua ausência é uma expiação bem amarga de nossa vida íntima. Nossa felicidade era completa demais; tinha de ser paga com algum grande sofrimento e eis-lo que chega! Após aquelas venturas tão cautelosamente furtadas aos olhos do mundo, após aquelas festas convencionais entremeadas pelas loucuras secretas de nosso amor, nada mais é possível além da solidão. A solidão, querido amigo, nutre as grandes paixões, e é isso que desejo. Que faria na sociedade? A quem oferecer meus triunfos? Ah! Viver em Lanstrac, esta propriedade organizada por teu pai, num castelo que reformaste tão luxuosamente, viver lá com teu filho, esperando-te, enviando-te todas as noites e todas as manhãs as orações da mãe e do filho, da mulher e do anjo, não será uma quase felicidade? Vês estas mãozinhas juntas nas minhas? Tu te recordarás, como hei de me recordar todas as noites, dos momentos de felicidade que me relembras na tua querida carta? Oh, sim, nós nos amamos com um ardor igual. Esta confortadora certeza é um talismã contra a desventura. Não duvido de ti como não duvidas de mim. Que consolação posso enviar nesta carta, eu, desolada, eu, aflita, eu, que vejo esses seis anos como um deserto a atravessar? Enfim, não sou a mais desgraçada; este deserto não será povoado por nosso filho? Sim, quero dar-te um filho, é preciso, não é? Bem, adeus, querido, nossos votos e nosso amor te acompanharão por toda parte. Poderão as lágrimas que cobrem este papel dizer-te as coisas que não posso expressar? Recebe os beijos que te envia, no quadrinho anexo,



Essa carta mergulhou Paulo numa meditação causada tanto pela embriaguez em que o deixaram esses testemunhos de amor como pelos prazeres intencionalmente evocados; ele os rememorava um a um a fim de se explicar a gravidez da esposa. Quanto mais um homem é feliz, mais teme. Nas almas exclusivamente ternas — e a ternura comporta um pouco de fraqueza —, o ciúme e a inquietação estão na razão direta da felicidade e de sua extensão. As almas fortes nunca são ciumentas nem medrosas: o ciúme é uma falta de confiança, o medo é uma mesquinhez. A confiança ilimitada é o principal atributo do grande homem: se for enganado, tanto a força como a fraqueza podem tornar o homem igualmente vítima; o desprezo lhe serve então de machado e ele devasta tudo. Esta grandeza é uma exceção. A quem não acontece ser abandonado pelo espírito que sustenta nossa frágil máquina e escutar a força desconhecida que nega tudo? Paulo, apegando-se a alguns fatos irrecusáveis, acreditava e duvidava ao mesmo tempo. Perdido em suas cogitações, entregue a uma terrível incerteza involuntária, mas combatida pelos testemunhos dum amor puro e por sua confiança em Natália, releu duas vezes aquela carta

prolixa sem poder concluir nada nem contra nem a favor da esposa. O amor é igualmente grande pela redundância como pela concisão.

Para bem compreender a situação em que ia cair Paulo, é necessário representá-lo flutuando sobre o oceano como flutuava sobre a imensa extensão do seu passado, revendo sua vida inteira como um céu sem nuvens, e acabando por recuperar, após os turbilhões da dúvida, a crença pura, integral, sem mescla, do fiel, do cristão, do apaixonado que serenava a voz do coração.

E, antes de mais nada, é necessário também reproduzir aqui a carta à qual Henrique de Marsay respondia:

CARTA DO CONDE PAULO DE MANERVILLE AO SR. MARQUÊS HENRIQUE DE MARSAY

“Henrique, vou dizer-te uma das maiores frases que um homem possa dizer a seu amigo: estou arruinado. Quando me leres, estarei pronto para partir de Bordeaux rumo a Calcutá, pelo navio *Belle-Amélie*. Encontrarás em poder do teu tabelião um documento que só espera tua assinatura para ficar completo e pelo qual te alugo por seis anos meu palácio por um arrendamento simulado; remeterás uma contraescritura à minha esposa. Sou forçado a tomar esta precaução para que Natália possa ficar em casa, sem receio de ser despejada de lá. Transfiro para ti, igualmente, os rendimentos do meu morgadio durante quatro anos, tudo isso contra a quantia de cento e cinquenta mil francos que peço que me envies em cheque sobre alguma casa de Bordeaux, à ordem de Mathias. Minha esposa afiançará pelo excedente dessa importância sobre a dos meus rendimentos. Se o usufruto do meu morgadio te pagar mais rapidamente do que suponho, acertaremos as contas quando eu voltar. A quantia que te peço é indispensável para ir tentar a fortuna; e, se te conheço como penso conhecer-te, devo recebê-la sem uma palavra, em Bordeaux, na véspera da minha partida. Agi como terias agido em meu lugar. Mantive-me firme até o último momento, sem deixar que suspeitassem de minha ruína. Depois, quando o rumor da penhora imobiliária dos meus bens disponíveis chegou a Paris, consegui dinheiro por meio de cem mil francos em letras de câmbio para tentar o jogo. Um golpe de sorte poderia refazer-me. Perdi. Como me arruinei? Voluntariamente, meu caro Henrique. Desde o primeiro dia, vi que não podia levar a vida que iniciara, sabia seu resultado, resolvi fechar os olhos, pois não me era possível dizer à minha mulher: ‘Deixemos Paris e vamos morar em Lanstrac’. Arruinei-me por ela como a gente se arruína por uma amante, mas conscientemente. Aqui entre nós, não sou um tolo nem um fraco. Um tolo não se deixa dominar, com os olhos abertos, por uma paixão; em segundo lugar, quem vai para as Índias reconstruir a fortuna em vez de se suicidar é um homem de coragem. Voltarei rico ou não voltarei mais. E, caro amigo, como só para ela quero a fortuna, e como não quero ser enganado e estarei ausente seis anos, confio-te minha mulher. Tens uma vida amorosa suficientemente farta para respeitar Natália e permitir-me que confie na probidade do sentimento que nos une. Não sei de melhor guardião do que tu. Deixo minha esposa sem filho, um amante seria muito perigoso

para ela. Quero que saibas, meu bom de Marsay, que amo loucamente Natália, humildemente, sem pejo. Creio que lhe perdoaria uma infidelidade, não porque tenha a certeza de poder vingar-me, mesmo que isso me custasse a morte; mas porque me mataria para deixá-la feliz se não pudesse promover sua felicidade. Que posso temer? Natália tem por mim essa amizade sincera que não depende do amor, mas que conserva o amor. Tem sido tratada por mim como uma criança mimada. Meus sacrifícios me davam tamanha felicidade, e um arrastava tão naturalmente o outro, que ela seria um monstro se me enganasse. O amor se paga com amor... Queres saber de tudo, meu caro Henrique? Acabo de escrever-lhe uma carta na qual lhe dou a entender que parto com a esperança no coração, a fronte serena, que não tenho dúvida, nem ciúme, nem receio, uma carta como as que os filhos escrevem às mães para ocultar-lhes que se dirigem para a morte. Meu Deus, de Marsay, tenho o inferno dentro de mim, sou o homem mais desgraçado do mundo! A ti os gritos, o ranger de dentes. Confesso-te as lágrimas do amante desesperado. Preferiria trabalhar durante seis anos como varredor sob suas janelas a voltar milionário após seis anos de ausência, se isso fosse possível. Tenho horríveis angústias, avançarei de sofrimento em sofrimento até que me tenhas escrito um bilhete pelo qual anuncias aceitar um mandato que somente tu, em todo o mundo, podes desempenhar. Oh, meu caro de Marsay, essa mulher é indispensável à minha vida, é meu ar e meu sol. Toma-a sob tua proteção, conserva-a fiel para mim, mesmo contra sua vontade. Sim, mesmo uma felicidade pela metade bastará para fazer-me feliz. Sê seu amparo, não terei nenhuma desconfiança de ti. Prova-lhe que, traindo-me, ela se tornaria vulgar, seria igual a todas as mulheres e que seria dar prova de espírito conservar-se fiel. Ela ainda deve ter bastante dinheiro para continuar sua vida indolente e despreocupada; mas, se lhe faltar alguma coisa, se ela tiver caprichos, faze-te seu banqueiro, não temas nada, voltarei rico. Meus receios, aliás, são certamente vãos, Natália é um anjo de virtude. Quando Félix de Vandenesse, perdido de paixão por ela, se permitiu algumas assiduidades, bastou-me dar a entender a Natália o perigo que corria e ela logo me agradeceu tão afetuosamente que me comovi até as lágrimas. Disse-me que não convinha à sua reputação que um homem abandonasse bruscamente sua casa, mas que saberia afastá-lo: realmente, ela o recebeu muito friamente e tudo terminou pelo melhor. Não temos tido outro assunto de discussão durante quatro anos, se é que se pode chamar de discussão a conversa de dois amigos. Bem, meu caro Henrique, digo-te adeus como homem. A desgraça chegou. Qualquer que seja sua causa, ela está aqui; arranquei a máscara. A pobreza e Natália são dois termos inconciliáveis. O balanço, além disso, será muito exato entre meu passivo e meu ativo e assim ninguém se poderá queixar de mim: mas, se alguma coisa colocar minha honra em perigo, conto contigo. Enfim, se acontecer alguma coisa grave, podes remeter tuas cartas com o endereço do governador das Índias, em Calcutá; tenho algumas relações de amizade em sua casa e alguém há de guardar lá para mim as cartas que me chegarem da Europa. Caro amigo, desejo encontrar-te o mesmo ao voltar: o homem que sabe zombar de tudo e que, a despeito disso, é acessível aos sentimentos alheios quando se harmonizam com a grandiosidade que sentes em ti mesmo. Ficas em Paris, tu! E, enquanto estiveres lendo esta, gritarei: ‘A Cartago!’.

RESPOSTA DO MARQUÊS HENRIQUE DE MARSAY AO CONDE PAULO DE MANERVILLE

Com que então, senhor conde, estás atolado! O senhor embaixador soçobrou! Eram essas, então, as belas

coisas que estavas fazendo? Por que, Paulo, te escondeste de mim? Se me tivesses dito uma única palavra, meu pobre homem, eu te teria esclarecido sobre tua situação. Tua mulher recusou-me sua fiança. Que esta única frase seja suficiente para abrir-te os olhos! E, se isso ainda não for suficiente, fica sabendo que tuas letras de câmbio foram protestadas a requerimento dum tal Lécuyer, antigo primeiro escrevente dum tal Solonet, tabelião em Bordeaux. Esse usurário em projeto, chegado da Gascogne para fazer trampolinagens aqui, é o testa de ferro de tua muito digna sogra, credora real dos cem mil francos pelos quais a boa senhora, segundo dizem, te adiantou setenta mil. Comparado à sra. Evangelista, o papá Gobseck[337] é uma flanela, um veludo, uma poção calmante, um merengue com baunilha, um tio de fim de romance. Teu vinhedo de Bellerose será a presa de tua mulher, a quem sua mãe dará a diferença entre o preço da adjudicação e o montante de suas restituições. A sra. Evangelista ficará com o Guadet e o Grassol, e as hipotecas que gravam teu palácio em Bordeaux lhe pertencem sob o nome dos testas de ferro que o tal Solonet lhe arranjou. Assim, essas duas excelentes criaturas ficarão com cento e vinte mil francos de renda, quantia a que monta o rendimento de tuas propriedades, e mais trinta e tantos mil francos em títulos que essas gatinhas possuem. A fiança de tua esposa seria inútil. O referido sr. Lécuyer veio esta manhã propor-me o reembolso da importância que te emprestei contra uma transferência perfeitamente legalizada dos meus direitos. A colheita de 1825, que tua sogra guarda nas tuas adegas de Lanstrac, basta para pagar-me. Como vês, as duas mulheres devem ter calculado que já estivesses no mar: mas envio-te esta carta por um correio, a fim de que ainda tenhas tempo de seguir os conselhos que te vou dar. Fiz esse Lécuyer falar. Consegui apanhar, no meio de suas mentiras, de suas palavras e de suas reticências, os fios que me faltavam para descobrir toda a trama da conspiração doméstica urdida contra ti. Esta noite, na embaixada da Espanha, apresentarei meus cumprimentos de admiração à tua sogra e à tua esposa. Farei a corte à sra. Evangelista e te trairei covardemente, pronunciarei hábeis injúrias contra ti, pois uma atitude grosseira seria logo descoberta por esse sublime Mascarille[338] de saias. Como foi que a voltaste contra ti? Isso é o que quero saber. Se tivesses tido a inteligência de te apaixonares por essa mulher antes de desposar sua filha, serias hoje par da França, duque de Manerville e embaixador em Madri. Se me tivesses chamado para junto de ti quando te casaste, eu te teria ajudado a conhecer, a analisar as duas mulheres com as quais te ias meter; e, dessas observações feitas em comum, resultariam alguns conselhos úteis. Não era eu o único de teus amigos em condições de respeitar tua mulher? Podias temer-me? Depois que me conheceram, essas duas mulheres ficaram com medo de mim e nos separaram. Se não tivesses ficado idiotamente amuado comigo, elas não te teriam devorado. Tua mulher concorreu muito para que nossas relações esfriassem; ela era instigada pela mãe, a quem escrevia duas cartas por semana, e nunca te acautelaste contra isso. Reconheci perfeitamente meu bom Paulo quando soube desse detalhe. Dentro de um mês, terei me aproximado suficientemente de tua sogra para saber dela a razão do ódio hispano-italiano que te dedicou, a ti, o melhor homem do mundo. Ela já te odiava antes que sua filha amasse Félix de Vandenesse? Ou te expulsa para as Índias para tornar sua filha tão livre quanto o é na França uma esposa separada de corpo e de bens? Aí é que está o problema. Vejo-te pulando e uivando ao saber que tua mulher ama loucamente Félix de Vandenesse. Se eu não tivesse tido a fantasia de dar um giro pelo Oriente com Montriveau, Ronquerolles[339] e alguns outros vivedores que conheces, poderia ter-te dito alguma coisa desse namoro que começou quando parti; nessa época, eu já via germinar as sementes do teu infortúnio. Mas nenhum cavalheiro é suficientemente depravado para abordar questões como essa sem um preâmbulo. Quem ousaria difamar uma mulher? Quem estaria disposto a quebrar o espelho de ilusões onde um de nossos amigos se deliciasse em contemplar as magias dum casamento feliz? As ilusões não são a fortuna do coração? Tua esposa, meu caro amigo, não era, na mais ampla acepção do termo, uma mulher da moda?

Ela só pensava em seus triunfos, em seus vestidos; ia aos Bouffons, à Opera, aos bailes; levantava-se tarde, passeava pelo Bosque; jantava na cidade e ela própria dava jantares. Esse modo de vida parece-me ser para as mulheres o mesmo que a guerra é para os homens: o público só vê os vencedores, esquece os mortos. Se as mulheres delicadas perecem nesse ofício, as que resistem devem ter uma constituição de ferro, e conseqüentemente pouco coração e estômagos excelentes. Aí está a razão da insensibilidade, da frieza dos salões. As almas nobres permanecem na solidão, as naturezas fracas e meigas sucumbem e restam apenas os seixos que mantêm o oceano social dentro de seus limites, deixando-se esfregar, arredondar pelas ondas, sem se gastar. Tua mulher resistia admiravelmente a essa vida, parecia habituada a ela, sempre se mostrava viçosa e bela; para mim, a conclusão era fácil de tirar: ela não te amava e tu a amavas como um louco. Para fazer jorrar o amor duma natureza silicosa como essa, era necessário um homem de ferro. Depois de ter sofrido, sem se abater, o choque de *lady* Dudley, a esposa de meu verdadeiro pai, Félix era justamente o que convinha a Natália. Não havia grande mérito em descobrir que eras indiferente à tua mulher. Dessa indiferença ao aborrecimento, não havia mais que um passo; e, cedo ou tarde, uma discussão, uma palavra, um gesto de autoridade, um nada bastaria para fazê-lo saltar sobre tua mulher. Eu seria capaz de descrever para ti mesmo a cena que se desenrolava todas as noites entre vós dois no quarto de dormir. Não tens filhos, meu caro. Isso não explica muitas coisas a um observador? Apaixonado como estavas, quase não te podias aperceber da frieza natural a uma jovem mulher que formaste a propósito para Félix de Vandenesse. Mesmo que tivesses achado tua mulher fria, a estúpida jurisprudência das pessoas casadas te levaria a atribuir sua reserva à sua inocência. Como todos os maridos, acreditavas poder conservá-la virtuosa numa sociedade onde as mulheres comentam entre si aquilo que os homens não se ousam dizer, onde tudo quanto um marido não ensina à esposa é explicado minuciosamente, por detrás do leque, rindo, gracejando a propósito dum processo ou duma aventura. Se tua mulher gostava dos benefícios sociais do casamento, achava, contudo, seus encargos muito pesados. O encargo, o imposto, eras tu! Como não percebias nada dessas coisas, ias cavando abismos e enchendo-os de flores, segundo a eterna frase da retórica; obedecias mansamente à lei que rege o comum dos homens e contra a qual eu te quis proteger. Caro menino, não te faltava mais nada para que fosses tão estúpido como o burguês enganado pela esposa e que disso se espanta, se horroriza ou se aflige, que vires falar-me de teus sacrifícios, de teu amor por Natália, e que vires contar-me: ‘Ela seria muito ingrata se me traísse: fiz isto, fiz aquilo, farei mais ainda, por ela irei para as Índias... etc.’. Meu caro Paulo, será mesmo que tens vivido em Paris e que tens a honra de pertencer pelos laços de amizade a Henrique de Marsay, para ignorar as coisas mais vulgares, os primeiros princípios que movem o mecanismo feminino, o alfabeto do seu coração? Exterminai-vos; ide a Sainte-Pélagie por causa de uma mulher, matai vinte e dois homens, abandonai sete moças, servi a Labão atravessai o deserto, navegai em galés, cobri-vos de glória, cobri-vos de ignomínia, recusai como Nelson travar batalha para ir beijar a espádua de *lady* Hamilton, como Bonaparte derrotai o velho Wurmser, defendei com a espada a ponte d’Arcole, delirai como Rolando, quebrai uma perna recém-encanada para valsar seis minutos com uma mulher...! Meu caro, que é que essas coisas têm a ver com o amor? Se o amor se decidisse mediante tais demonstrações, o homem seria imensamente feliz: algumas proezas realizadas no momento do desejo lhe dariam a mulher amada. O amor, meu ingênuo Paulo, é apenas uma crença como a da Imaculada Conceição da Santa Virgem: vem ou não vem. De que servem as ondas de sangue derramado, as minas do Potosí ou a glória para fazer nascer um sentimento involuntário, inexplicável? Os jovens como tu, que querem ser amados por equilíbrio de contas, parecem-me ignóbeis usurários. Nossas esposas legítimas nos devem filhos e a virtude, mas não nos devem o amor. O amor, Paulo, é a consciência do prazer dado e recebido, a certeza de dá-lo e de recebê-lo; o amor

é um desejo incessantemente em movimento, incessantemente satisfeito e insaciável. No dia em que Vandenesse fez vibrar no coração de tua mulher a corda do desejo que lá deixaras virgem, tuas fanfarronadas amorosas, tuas torrentes de imaginação e de dinheiro nem ao menos deixaram recordações. Tuas noites conjugais cobertas de rosas, fumaça!, tua dedicação, um remorso a oferecer!, tua pessoa, uma vítima a degolar diante do altar!, tua vida anterior, trevas! Uma emoção de amor apagava os tesouros de paixão que não eram mais que ferros-velhos. Félix teve todas as belezas, todas as dedicações, gratuitamente, talvez, mas, no amor, a crença equivale à realidade. Tua sogra naturalmente tomou o partido do amante contra o marido; secreta ou abertamente, fechou os olhos, ou os abriu, não sei o que ela fez, mas ficou com a filha contra ti. Há quinze anos que observo a sociedade e não conheço uma mãe que, em tal circunstância, tenha abandonado a filha. Essa indulgência é uma herança transmitida de mulher para mulher. Qual é o homem que pode censurá-la? Algum redator do Código Civil, que viu fórmulas onde existem apenas sentimentos! Os gastos a que te arrastava a vida duma mulher da moda, a tendência dum caráter fraco e talvez tua vaidade forneceram os meios para que elas se desembaraçassem de ti por meio duma ruína habilmente preparada. De tudo isto, concluirás, meu bom amigo, que o mandato de que me incumbiste e do qual eu me teria desempenhado com tanto maior prazer porque me teria divertido, está nulo e como não existente. O mal a prevenir está feito, *consumatum est*. Perdoa-me, meu amigo, se te escrevo no estilo de Marsay, como dizias, sobre coisas que te devem parecer graves. Longe de mim a ideia de fazer piruetas sobre o túmulo dum amigo, como os herdeiros sobre o dum parente. Mas escreveste-me que te havias tornado homem, acredito-o e te trato como político, e não como apaixonado. Para ti, este acidente não é como a marca nas costas que decide um condenado a se lançar numa vida de oposição sistemática e a combater a sociedade? Estás, enfim, livre duma preocupação; o casamento te dominava, agora dominas o casamento. Paulo, sou teu amigo na mais completa acepção da palavra. Se tivesses tido o cérebro encerrado num crânio de bronze, se tivesses tido a energia que só te chegou muito tarde, eu te teria provado minha amizade por meio de confidências que te fariam marchar sobre a humanidade como sobre um tapete. Mas quando falávamos sobre as convenções às quais devo a faculdade de me divertir com alguns amigos no seio da civilização parisiense, como um boi na loja dum vendedor de louça; quando eu te contava sob formas romanescas as aventuras verídicas da minha mocidade, tu as tomavas, realmente, como romances, sem perceber sua significação. Assim, nunca te pude considerar senão como uma paixão infeliz. Pois bem, palavra de honra, nas circunstâncias atuais desempenhas um belo papel e nada perdeste no meu conceito, como poderias crer. Se admiro os grandes velhacos, prezo e estimo as criaturas enganadas. A propósito daquele médico que acabou tão mal, levado para o cadafalso por causa de uma amante, eu te contei um dia a história bem diferentemente encantadora daquele pobre advogado que vive não sei em que galé, condenado como falsário, por ter desejado dar à esposa — uma esposa também adorada! — trinta mil francos de renda, mas a quem ela própria denunciou para se livrar dele e viver com outro. Naquela ocasião, protestaste, tu e alguns outros tolos que ceavam conosco. Pois bem, meu caro, és esse advogado, com exceção da galé. Teus amigos não te perdoam a desconsideração que acarreta na nossa sociedade um julgamento pelo Tribunal. A irmã dos dois Vandenesse, a marquesa de Listomère ___ e todo o seu grupo onde se intrometeu o pequeno Rastignac, um patife que começa a subir; a sra. d'Aiglemont ___ e seu salão onde impera Carlos de Vandenesse, os Lenoncourt, a condessa Féraud, a sra. d'Espard, os Nucingen, a embaixada da Espanha, enfim, toda uma sociedade habilmente açulada te cobre de acusações infamantes. És um mau sujeito, um jogador, um libertino que consumiu estupidamente a fortuna. Após ter pago tuas dívidas várias vezes, tua mulher — um anjo de virtude! — acaba de resgatar cem mil francos em letras de câmbio, embora esteja separada de bens. Felizmente, tu te

fizeste justiça, desaparecendo. Se tivesses ficado, tu a terias deixado na miséria e ela teria sido vítima de sua dedicação conjugal. Quando um homem atinge o poder, tem todas as virtudes dum epitáfio; quando cai na miséria, tem mais vícios do que o filho pródigo: não podes imaginar como a sociedade te atribui pecados dom-juanescos. Jogavas na Bolsa, tinhas caprichos licenciosos cuja satisfação te custava quantias enormes e cuja descrição provoca comentários e gracejos que fazem as mulheres sonhar. Pagavas juros horríveis aos usurários. Os dois Vandenesse contam, rindo, que Gigonnet te vendia por seis mil francos uma fragata de marfim e fazia teu criado readquiri-la por cem escudos, a fim de te vendê-la novamente; e que a quebraste solenemente ao perceber que podias ter um verdadeiro brigue com o dinheiro que ela te custara. A história se deu com Máximo de Trailles, há nove anos; mas ela te assenta tão bem que Máximo perdeu definitivamente o comando de sua fragata. Enfim, não te posso contar tudo, pois forneces material a uma enciclopédia de mexericos que as mulheres têm interesse em aumentar. Nesse estado de coisas, os mais discretos não justificam as consolações do conde Félix de Vandenesse (seu pai morreu ontem, finalmente!)? Tua mulher alcança o mais prodigioso sucesso. Ontem, a sra. de Camps me repetia essas belas coisas nos Italiens. ‘Não me fale nisso’ respondi, ‘as senhoras não sabem nada! Paulo roubou o banco e assaltou o Tesouro real. Assassinou Ezzelino, causou a morte de três Medoras da rue Saint-Denis e julgo que é sócio (digo-lhe aqui entre nós) do bando dos Dez Mil.’ Seu intermediário é o famoso Jacques Collin, sobre quem a polícia ainda não conseguiu pôr a mão desde que fugiu novamente da galé e que Paulo hospedava no seu palácio. Como vê, ele é capaz de tudo: trai o governo. Ele e Collin partiram juntos para ir trabalhar nas Índias e roubar o Grão-Mogol.’ A de Camps compreendeu que uma mulher distinta como ela não deve converter seus lábios em boca de bronze veneziana. Ao ter conhecimento dessas tragicomédias, muitas pessoas se recusam a acreditar nelas; tomam o partido da natureza humana e de seus belos sentimentos e sustentam que elas são pura ficção. Meu caro, Talleyrand pronunciou essa admirável sentença: *Tudo acontece*. Realmente, ocorrem sob nossos olhos coisas ainda mais espantosas que essa conspiração doméstica; mas a sociedade tem grande interesse em desmenti-las, em queixar-se de estar sendo caluniada; além disso, esses magníficos dramas se desenrolam tão naturalmente, com um verniz de tão bom gosto, que muitas vezes preciso limpar o vidro da minha luneta para ver o fundo das coisas. Mas, repito, quando um homem é meu amigo, quando recebemos juntos o batismo do vinho de Champagne, comungamos juntos no altar da Vênus Clemente, quando nos fizemos crismar pelos dedos curvos do jogo, e vejo meu amigo numa situação falsa, seria capaz de destruir vinte famílias para reconduzi-lo ao bom caminho. Deves ter percebido aqui como te estimo; alguma vez, que o saibas, escrevi cartas tão longas como esta? Lê, pois, com atenção, o que me resta dizer-te.

Afinal, Paulo, preciso dedicar-me a escrever, devo habituar-me a minutar despachos: estou abordando a política. Daqui a cinco anos devo ter uma pasta de ministro ou alguma embaixada onde possa movimentar os negócios públicos ao sabor da minha fantasia. Chega uma idade em que a mais bela amante capaz de ajudar um homem é sua pátria. Meto-me nas fileiras dos que estão derrubando tanto o sistema como o ministério atuais. Numa palavra, navego nas águas dum certo príncipe que só é manco do pé e que considero um político genial cujo nome engrandecerá a história; um príncipe completo, como pode sê-lo um grande artista. Nós todos, Ronquerolles, Montriveau, os Grandlieu, la Roche-Hugon, Sérisy, Féraud e Granville, estamos aliados contra o partido cura, como diz engenhosamente o partido tolo representado pelo *Constitutionnel*. Queremos derrubar os dois Vandenesse, os duques de Lenoncourt, de Navarreins, de Langeais, e a Grande Esmolaria. Para triunfar, iremos até o ponto de nos reunirmos a La Fayette aos orleanistas,

à esquerda, gente que será degolada no dia imediato ao da vitória, pois, com seus princípios, qualquer governo é impossível. Somos capazes de tudo pela felicidade da pátria e pela nossa. As questões pessoais com relação ao rei são atualmente tolices sentimentais, é preciso libertar delas a política. Nesse terreno, os ingleses, com sua espécie de doge, estão muito mais adiantados do que nós. A política não está nisso, meu caro. Está no impulso a dar à nação criando uma oligarquia onde persista uma ideia fixa de governo e que dirija os negócios públicos em linha reta em vez de deixar o país se arrastar em mil sentidos diferentes como temos vivido há quarenta anos nesta bela França, tão inteligente e tão ingênua, tão louca e tão sensata, que necessita mais dum sistema que de homens. Que representam as pessoas nesta bela questão? Se o ideal é grande, se ela viver mais feliz e sem distúrbios, que importam às massas os lucros de nossa gestão, nossa fortuna, nossos privilégios e nossos prazeres? Estou agora solidamente apoiado. Tenho atualmente cento e cinquenta mil francos de renda em títulos a três por cento e uma reserva de duzentos mil francos para enfrentar as perdas. Isso ainda me parece pouca coisa no bolso dum homem que parte com o pé esquerdo.

para escalar o poder. Um feliz acontecimento decidiu minha entrada nesta carreira, que pouco me sorria, pois sabes o quanto amo a vida oriental. Após trinta e cinco anos de sono, minha muito digna mãe despertou recordando-se de que tinha um filho digno dela. Muitas vezes, quando se arranca um pé de videira, alguns anos mais tarde reaparecem uns troncos à flor da terra; pois bem, meu caro, embora minha mãe me tenha quase arrancado de seu coração, tornei a brotar em sua cabeça. Aos cinquenta e oito anos, sente-se velha demais para poder pensar em outro homem além de seu filho. Nessas circunstâncias, descobriu, não sei em que chaleira de águas termais, uma deliciosa solteirona inglesa, com duzentos e quarenta mil francos de renda, a quem, como boa mãe, inspirou a audaciosa ambição de se tornar minha esposa. Uma moça de trinta e seis anos, palavra de honra!, educada nos melhores princípios puritanos, uma verdadeira galinha choca que sustenta que as mulheres adúlteras deviam ser queimadas publicamente. ‘Onde encontraríamos lenha para tanto?’, perguntei-lhe. Eu a teria mandado para o diabo, pois duzentos e quarenta mil francos de renda não pagam minha liberdade, meu valor físico ou moral nem meu futuro. Mas ela é sozinha e única herdeira dum velho gotoso, algum cervejeiro de Londres, que, dentro dum prazo calculável, lhe deixará uma fortuna pelo menos igual à que já possuí. Além dessas vantagens, tem o nariz vermelho, olhos de cobra morta, um corpo que me inspira receios de que se quebre em três pedaços se cair; tem o aspecto duma boneca mal colorida; mas é maravilhosamente econômica; e adorará o marido apesar de tudo; e tem o talento inglês; dirigirá meu palácio, minhas cavaliças, minha casa e minhas terras melhor do que um administrador. Tem toda a dignidade da virtude; mantém-se ereta como uma confidente do Théâtre-Français; nada me tira a ideia de que ela tenha sido empalada e que a estaca se tenha quebrado no seu corpo. Miss Stevens é, além disso, bastante branca para não ser muito desagradável desposá-la quando for absolutamente necessário. Mas — e é isso que me preocupa! — tem mãos duma moça virtuosa como a santa arca; são tão avermelhadas que ainda não imaginei um meio de clareá-las sem muita despesa e não sei como afilar-lhe os dedos que parecem chouriços. Oh! Evidentemente saiu ao cervejeiro pelo físico e à aristocracia pelo dinheiro; mas afeta um pouco demais as maneiras nobres como as inglesas ricas que querem passar por *ladies* e não escondem bastante seus pés de lagosta. Tem, por outro lado, justamente a escassa inteligência que gosto de ver numa mulher. Jamais essa moça, que se chama Diná, me julgará; nunca há de me contrariar; serei sua Câmara Alta, seu lorde, seus Comuns. Enfim, Paulo, essa moça é uma prova irrecusável do gênio inglês; representa um produto da mecânica inglesa levado a seu mais alto grau de aperfeiçoamento; certamente foi fabricado em Manchester, entre a oficina das penas Perry e a das máquinas a vapor. Come, anda, bebe, é capaz de fazer filhos, cuidá-los e educá-los admiravelmente e imita tão bem uma mulher que dá a impressão de que realmente o é. Quando minha mãe nos apresentou um ao

outro, ela revisara tão bem o maquinismo, examinara tão bem as cavilhas e pusera tanto óleo nas engrenagens que nada rangeu; depois, quando viu que eu não fazia caretas, pôs em ação o último maquinismo, a moça falou! Enfim, mamãe soltou também a última palavra. *Miss Diná Stevens* não gasta mais de trinta mil francos por ano e viaja por economia há sete anos. Há, pois, um segundo pecúlio e em dinheiro. A coisa está tão adiantada que as publicações já estão no fim. Estamos no *My dear love*. *Miss* lança-me olhares de derrubar um carregador. As disposições já estão fixadas: não se fala na minha fortuna, *Miss Stevens* destina uma parte da sua a um morgadio em bens territoriais, de duzentos mil francos de rendimento, e à compra dum palácio que ficará incluído nele; o dote verificado, e de que serei responsável, é de um milhão. Ela não tem de que se queixar, deixo-lhe integralmente seu tio. O bom cervejeiro, que também concorreu para o morgadio, quase estourou de alegria ao saber que a sobrinha ia ser marquesa. Ele é capaz de fazer um sacrifício por meu primogênito. Retirarei meu dinheiro dos títulos públicos logo que atinjam a oitenta e colocarei tudo em terras. Daqui a dois anos, poderei ter quatrocentos mil francos em rendimentos territoriais. Logo que o cervejeiro estiver no caixão, contarei com seiscentos mil francos de renda. Como vês, Paulo, só dou aos meus amigos os conselhos de que faço uso para mim mesmo. Se me tivesses ouvido, terias uma inglesa, alguma filha de milionário que te deixaria a independência de solteiro e a liberdade necessária para jogar o uíste da ambição. Se não fosses casado, eu te cederia minha futura esposa. Mas isso não é assim. Não sou homem que vá te fazer ruminar o passado. Este preâmbulo era indispensável para explicar-te que vou ter a existência necessária àqueles que se desejam lançar à aventura. Não te faltarei, meu amigo. Em vez de ires bancar o marinheiro nas Índias, é muito mais simples navegar na minha companhia nas águas do Sena. Acredita-me! Paris ainda é o lugar de onde jorra mais abundantemente a fortuna. O Potosi está situado à rue Vivienne ou à rue de la Paix, à Place Vendôme ou à rue de Rivoli. Em qualquer outro país, para construir uma fortuna são necessários trabalhos materiais, suores de carregadores, avanços e recuos; mas, aqui, bastam as ideias. Aqui, qualquer homem, mesmo mediocrementemente inteligente, descobre uma mina de ouro enfiando as chinelas, palitando os dentes depois do jantar, deitando-se ou levantando-se. Mostra-me um lugar onde uma boa ideia, por mais idiota que seja, entusiasme mais e seja mais cedo compreendida do que aqui! Se eu chegar ao alto da escada, achas que te recusarei um aperto de mão, uma palavra, uma assinatura? Nós, os rapazes velhacos, não precisamos dum amigo com quem possamos contar, mesmo que seja apenas para comprometê-lo em nosso lugar e mandá-lo morrer como simples soldado a fim de salvar o general? A política é impossível sem um homem honrado com quem se possa tudo dizer e tudo fazer. Eis, pois, o que te aconselho. Deixa partir o *Belle-Amélie*, volta para cá como um relâmpago, eu te proporcionarei um duelo com Félix de Vandenesse no qual atirarás em primeiro lugar e o abaterás como um pombo. Na França, o marido insultado que mata o rival torna-se um homem respeitável e respeitado. Ninguém troça dele. O medo, meu caro, é um elemento social, um meio de triunfo para os que não baixam os olhos ante o olhar de ninguém. Eu, que dou tanta importância à vida como a uma taça de leite de jumenta, e que nunca senti a emoção do medo, notei, meu caro, os estranhos efeitos produzidos por esse sentimento nos nossos costumes modernos. Uns tremem por perder os prazeres a que se habituaram; outros tremem por deixar uma mulher. Os hábitos aventureiros de outrora, em que se jogava a vida fora como uma chinela, não existem mais! A bravura de muita gente é um cálculo habilmente feito sobre o medo que assalta o adversário. Os poloneses combatem sozinhos na Europa pelo prazer de combater, cultivam a arte pela arte e não por especulação. Mata Vandenesse e tua esposa treme, tua sogra treme, e o público treme; e te reabilitas, divulgas tua insensata paixão por tua mulher e te acreditam, tornas-te um herói. Assim é a França. Pouco me importam os cem mil francos que me debes; pagarás tuas principais dívidas; impedirás tua ruína vendendo tuas propriedades sob retrovenda, pois

rapidamente alcançarás uma situação que te permitirá reembolsar os credores antes do prazo. Depois, uma vez conhecedor do caráter de tua mulher, a dominarás com uma única palavra. Amando-a, não podias lutar contra ela; não a amando, terás uma força indomável. Prometo tornar-te tua sogra macia como uma luva, pois precisas recuperar os cento e cinquenta mil francos de renda que as duas mulheres colocaram em seu nome. Assim, renuncia à expatriação, que me parece o rescaldo das pessoas teimosas. Ir embora não é dar ganho de causa às calúnias? O jogador que vai buscar dinheiro para voltar ao jogo perde tudo. É preciso levar o dinheiro no bolso. Dás-me a impressão de ir buscar tropas frescas nas Índias. Mau! Somos dois jogadores do grande pano verde da política; entre nós, o empréstimo é de rigor. Portanto, aluga cavalos de posta, chega a Paris e recomeça a partilha. Há de ganhá-la com Henrique de Marsay por parceiro, pois Henrique de Marsay sabe querer e sabe golpear. Vê em que condições estamos. Meu verdadeiro pai faz parte do ministério inglês. Teremos aliados na Espanha por intermédio das Evangelista, pois, logo que tivermos medido nossas garras, tua sogra e eu, veremos que não há nada a ganhar quando o diabo se lança contra o diabo. Montriveau, meu caro, é tenente-general; será um dia, certamente, ministro da Justiça, pois sua eloquência lhe dá grande ascendência sobre a Câmara. E eis Ronquerolles ministro de Estado e do conselho privado. Marcial de la Roche-Hugon, ministro na Alemanha e par da França; traz-nos como dote o marechal duque de Carigliano e toda a rabadilha do Império que se soldou tão estupidamente ao espinhaço da Restauração. Sérisy dirige o conselho de Estado, onde é indispensável. Granville ganha a magistratura, à qual pertencem seus dois filhos: os Grandlieu estão admiravelmente bem na Corte; Féraud é a alma do grupo Gondreville, baixos intrigantes que estão sempre em cima, não sei por quê. Assim apoiados, que temos a recluir? Temos um pé em todas as capitais, um olho em todos os ministérios e cercaremos a administração sem que ela o perceba. A questão financeira não é uma miséria, um nada diante desses grandes planos? E, principalmente, que significa uma mulher? Continuarás sempre um ginasiano? Que é a vida, meu caro, quando uma mulher é toda a vida? Uma galera de que se perdeu a direção, que obedece a uma bússola louca, mas não sem ímã, e governada por ventos contrários e na qual o homem é um verdadeiro forçado que obedece não somente à lei, mas também à que o comitê improvisa, sem vingança possível. Ora! Compreendo que, por paixão, ou pelo prazer que se sente em transmitir sua força a mãos alvas, se obedeça a uma mulher; mas obedecer a Medoro...? Nesse caso, destruo Angélica.^[383] O grande segredo da alquimia social, meu caro, está em tirar todo o partido de cada uma das idades pelas quais passamos, ter todas as folhas na primavera, todas as flores no verão, todos os frutos no outono. Já nos divertimos bastante, alguns espertalhões e eu, como mosqueteiros negros, cinzentos e vermelhos, durante doze anos, não nos recusando nada, nem mesmo aqui e ali uma empresa de piratas; agora, vamos começar a sacudir as ameixas maduras na idade em que a experiência dourou as searas. Vem conosco, terás tua parte no *pudding* que vamos cozinhar. Vem e encontrarás um amigo inteiramente às ordens na pele de

No momento em que Paulo de Manerville acabava essa carta, da qual cada frase parecia um golpe de martelo no edifício de suas esperanças, de suas ilusões, de seu amor, encontrava-se além dos Açores. No meio desses escombros, foi assaltado por

uma raiva fria, uma raiva impotente.

— Que lhe fiz eu? — perguntou-se.

Essa pergunta é a frase dos tolos, a frase das criaturas fracas que, como nada sabem ver, nada podem prever. Gritou:

— Henrique! Henrique! — ao amigo fiel.

Muitos teriam enlouquecido. Paulo foi para a cama e dormiu com esse profundo sono que sucede aos imensos desastres e que assaltou Napoleão após a batalha de Waterloo.